



ROSE HARDT



MARÉS DA VIDA



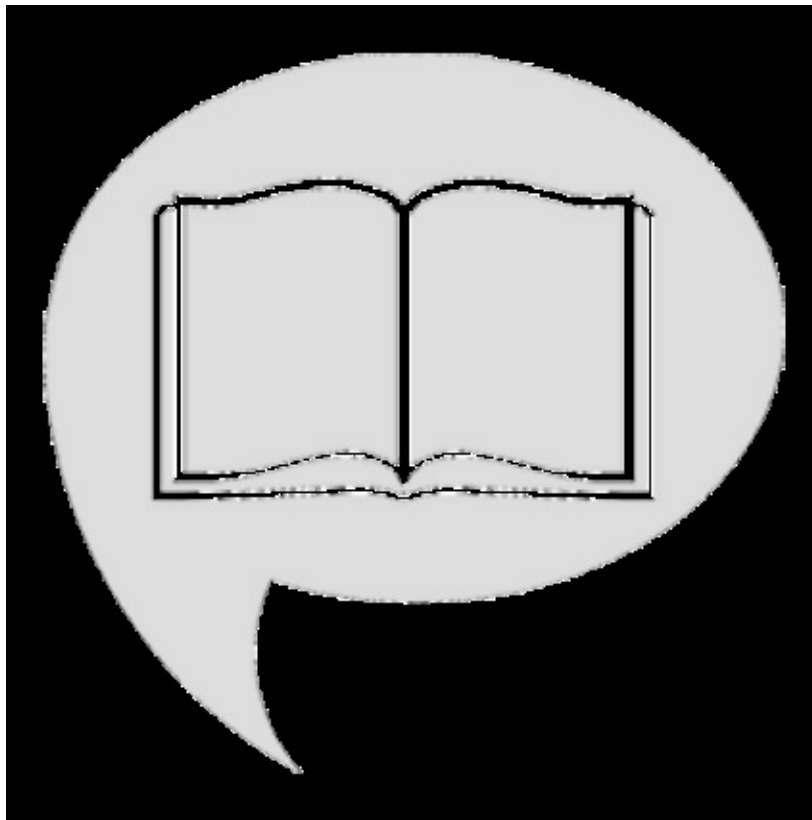


The background of the book cover is a photograph of a person standing at the end of a wooden pier that extends into the ocean. The scene is captured during a sunset or sunrise, with a warm, orange and yellow sky and calm water. The person is seen from behind, looking out at the horizon.A small, faint icon of an open book is located in the top right corner of the cover.

ROSE HARDT

MARÉS
DA VIDA





C

orina acaba de se divorciar e está profundamente infeliz. Decidida a dar uma reviravolta em sua vida, viaja para Jersey, uma ilha no Canal da Mancha onde costumava passar as férias quando era criança.

L

á, imagina, terá a serenidade necessária para refletir e planejar seu futuro. Mas, ao chegar e se deparar com a velha casa que guarda suas recordações de infância, acaba abrindo as portas de um passado que talvez devesse permanecer intocado. Isso se confirma quando ela

reencontra seu primeiro grande amor e uma verdade sórdida vem à tona.

N

este romance, a escritora best-selling alemã Rose Hardt conduz Corina

P

or uma jornada no tempo, uma viagem repleta de emoções e

s entimentos nem sempre doces, mas que a transformarão para sempre.

E

ntre passado e presente, a autora cria, com incrível sensibilidade, uma

história apaixonante e de forte identificação com o leitor.

“Não há coisa alguma que persista em todo o Universo.

Tudo flui, e tudo só apresenta uma imagem passageira.”

(Ovídio)

1

A ideia de estar presa acima das nuvens naquela máquina deixava

Corina angustiada. Durante o voo para Jersey, ela triturava amendoins para

despistar o receio, enquanto procurava dividir seus pensamentos entre a chegada ao aeroporto e a expectativa de reencontrar seu passado.

Sorrindo, numa felicidade antecipada, lembrava os bons momentos que

passara lá, nos verões da sua infância e adolescência. De alguma forma, os

amendoins funcionavam como passatempo. Recostou-se melhor na

poltrona e olhou pela pequena janela para o imenso azul do céu. Não, ela olhou para a infinitude do universo, para uma cor pura e clara que naquela

intensidade nunca poderia ser vista da terra. No meio daquela irrerealidade

estava o sol, como um desafio resplandecente, uma bola de fogo que ela queria ver e apreciar. Suas pálpebras, contudo, se fechavam diante de tanto

brilho. Aquele espetáculo dissipava não só os seus temores, como também

os seus problemas. Sentiu certa leveza no coração, como se estivesse pairando no ar. Uma sensação gostosa invadiu seu corpo e um suspiro, bem

baixinho, escapou-lhe dos lábios.

Pensou nos últimos meses de sua vida. Em como tinha se apegado ao

trabalho depois do divórcio. Em como tinha assumido quaisquer tarefas somente para afastar as oportunidades de reflexão. E em como, pouco a pouco, sua escrivania lotada tinha se tornado o bálsamo para o seu sofrimento. Houve um momento em que ela não agia, apenas reagia. Já não

conseguia dirigir a vida. A vida a conduzia. Só muito tempo mais tarde, dera-se conta de que ser funcionária exemplar e altruísta podia muito bem

preencher os vazios da existência, mas não a fazia feliz. Os primeiros sintomas não tardaram a aparecer. Qualquer tolice a deixava nervosa.

Passou a mostrar um lado de si que nem ela mesma aceitava. Parecia-se a

um fio desencapado, pronta a dar choques. Para ser honesta, era forçoso admitir: tinha chegado ao limite. A consulta à médica, embora frustrante, tinha lhe aberto os olhos. Com uma expressão inquietante, a médica havia

dito que, se continuasse naquele ritmo, em breve iria enfrentar sérios

problemas de saúde. Em outras palavras, seu corpo já emitia um sinal de alarme que, se desprezado, soaria cada vez mais alto. Um diagnóstico que

disparou um gatilho em sua maneira de encarar o mundo. Diante de tais circunstâncias, resolvera tirar as férias acumuladas. Decisão perfeita, pensou agora, e assim recostou a cabeça para o lado no assento e sentiu-se

aliviada em poder dar início a uma nova fase.

Para não falar que, aos 50 anos, era bem chegado o tempo de fazer um balanço da própria vida. E qual lugar poderia ser melhor que Jersey, a ilha onde Corina passara verões maravilhosos? O lugar no qual tinha se apaixonado pela primeira vez? Naquela época, contudo, sua mãe dissera que só as pessoas maduras, com personalidade já formada, saberiam viver um grande amor. E assim lhe foi cortada aquela felicidade juvenil. Ainda agora, cada vez que se lembrava daquela separação, sentia o coração apertar. Surgiu em suas lembranças a orquídea, que encontrara uma manhã à porta, sem cartão, sem qualquer referência do remetente.

— Aperte o cinto de segurança — disse uma voz ao seu lado, ao mesmo tempo que ela sentiu, no braço, uma leve cotovelada de seu vizinho de poltrona. No mesmo instante percebeu o que estava acontecendo. Encontravam-se em meio a turbulências, e a visão da janela era totalmente diferente de minutos atrás. O azul do céu já não brilhava lá fora e tinham mergulhado em uma formação de nuvens densas, com aparência perturbadora. O avião parecia estar lutando contra as forças da natureza. Aquela máquina, tão moderna e avançada, gemia e roncava de maneira amedrontadora. As luzes da cabine tremulavam. Crianças começaram a chorar. Uma agitação se disseminou entre os passageiros. Inconscientemente, Corina juntou as mãos e cruzou os dedos em posição de oração. Exatamente como fazia na infância, quando uma aeronave ia decolar e, de tão inclinada, ela temia que se partisse ao meio.

— Aqui fala o capitão — ouviu pelo alto-falante. — Não há motivo para

pânico. Está tudo sob controle. Estamos atravessando uma zona de turbulência, e em vias de começar os preparativos para aterrissagem em Jersey. A tempestade pode ser observada logo abaixo, olhando-se à esquerda.

As palavras soavam corajosas, serenas, mas com uma ponta de ironia.

Era quase possível acreditar que o capitão sentia certo prazer em amedrontar. Não. Com certeza, pilotos eram treinados para acalmar os passageiros em caso de catástrofe iminente.

Toda a sua vida estava por um fio que pendia do céu, e ela só podia rogar a Deus para que, com Suas mãos, levasse o avião até o solo. Maus presságios a fizeram estremecer. O que aconteceria se o avião despencasse

no mar? Quais seriam seus últimos pensamentos? O aparelho explodiria com o impacto? Ela morreria carbonizada ou afogada? Talvez das duas maneiras. Primeiro, as chamas envolveriam seu corpo, depois a água do mar apagaria as chamas e só então ela se afogaria. Realmente, pensamentos

nada agradáveis. Sentiu uma mão gelada sobre a sua e, espantada, olhou para seu vizinho de poltrona.

— Não tenha medo — tentou confortá-la, embora ele próprio estivesse suando em bicas. — Isso logo passa.

Um leve aroma de desodorante e suor a envolveu. Essa mistura de odores, associada ao medo, fez seu estômago revirar-se e sentiu ânsia de vômito. Impossibilitada de responder, virou-se para o lado da janela.

Relâmpagos ofuscantes clareavam as nuvens escuras. Raios riscavam o céu.

Oh, meu Deus, não quero morrer agora! Agora não, rogava

silenciosamente. Acabo de completar 50 anos e estou decidida a colocar minha

vida novamente nos trilhos.

Uma vez mais o avião balançou furiosamente e rangeu, levando-a a pegar o saco de enjoo, o que fez o vizinho se afastar.

Corina fechou os olhos e tentou se distrair, mergulhando em seu passado, para lembrar-se de coisas boas que lhe tinham acontecido nas Ilhas Jersey. Por um momento reviu a casa da tia Chloé, mas justo quando a estava imaginado em detalhes, a aeronave foi sacudida como por um gigante e caiu num vácuo de altitude. Em duas levadas consecutivas, o conteúdo do estômago de Corina foi parar no saco de vômito. Súbito, tudo passou, a tempestade ficou para trás. Como por milagre, a náusea desapareceu.

— Senhoras e senhores — voltou a ouvir pelo alto-falante. —

Superamos a área de turbulência e já podemos pousar sem receio em nosso destino.

Curioso. A voz do capitão agora soava diferente. Como se aliviada.

Decerto, ele também estivera bastante apreensivo, tendo sob sua responsabilidade controlar aquela imensa máquina voadora em meio à tempestade. Uma comissária, cuja face ainda refletia os recentes momentos de pânico, ofereceu-lhe um copo d'água com mãos ligeiramente trêmulas.

— Está tudo bem? — perguntou com um sorriso amarelo.

Bastante constrangida com o que acabara de lhe acontecer, Corina agradeceu e entregou o saco de enjoo à aeromoça, que o levou segurando

com as pontas dos dedos.

— Agora, as férias só podem melhorar — disse o homem ao lado, que acabava de enxugar o suor da testa. Ele também parecia aliviado com o fim

da tempestade, o que o animou a iniciar conversa. — Embora, na verdade,

não sejam dias de férias para mim. Prometi resolver algumas pendências jurídicas para um velho amigo. Por isso, vou me hospedar de graça. E já que

estou buscando novos desafios profissionais, pensei comigo: por que não Jersey? Com certeza, entre um compromisso e outro, também sobrá

algum tempo para conhecer a ilha. — Deu uma breve risada, balançando a

cabeça. — Sabe, no ofício de tabelião e advogado, às vezes a gente se depara com as coisas mais absurdas. Um antigo colega de faculdade me contou uma história familiar inacreditável. Imagina só! De um dia para o outro, ele perdeu o irmão, mas virou pai. Não é incrível?

Corina não respondeu. Ao contrário. Olhou para o vizinho com ar de surpresa. Não conseguia compreender como uma pessoa podia estabelecer

uma relação assim, de tanta confiança, com uma estranha. Vai ver, o homem estava tão aliviado com o fim das turbulências que se sentia repentinamente inclinado a confidências, em virtude da experiência pela qual haviam passado juntos. De todo modo, o sujeito deve ter interpretado

corretamente a expressão dela e logo reprimiu a disposição para continuar

a conversa.

Corina virou-se para a janela e ficou pensando sobre o que ele tinha dito: perder o irmão, mas virar pai! Como seria isso? Pensativa, pôde divisar alguns pequenos barcos brancos navegando lá embaixo. Em breve pousariam e ela sentia estar em estado lastimável. Ocorreu-lhe que, com certeza, deveria estar com uma aparência horrível. De forma alguma queria

descer do avião naquele estado e, muito menos, encarar assim suas

lembranças da infância. Não. No mínimo, precisava passar um batom nos lábios e pentear os cabelos. Mas onde estaria sua bolsa? Não custou a localizar. Tinha sido arremessada para baixo da poltrona da frente. Tentou

fisgá-la com o pé direito. Como não foi bem-sucedida, teve de desatar o cinto de segurança para alcançá-la. Acabou se roçando várias vezes no joelho do vizinho, o que o levou a esboçar um sorriso. Ah, como ela odiava

aqueles espaços tão apertados nos aviões! Quando finalmente conseguiu pegar a bolsa, voltou-se rapidamente para o homem e desculpou-se pelo incômodo. Ele anuiu com um gesto de cabeça e sorriu levemente. Havia algo de familiar naquele sorriso. Por um momento, Corina pensou se não se

conheciam. Como ele se dizia advogado, talvez fosse cliente ou amigo do chefe dela, e a tivesse visto alguma vez no escritório. Pensamentos que tratou de esquecer, assim que começou a se olhar no espelho do estojo de

maquiagem. A visão que teve de seu reflexo era mais do que frustrante. Foi quase brutal. Resquícios de medo ainda se refletiam em seus olhos. Apesar

da base, sua pele estava pálida e o batom, borrado. O que fazer? Levantar-

se e ir ao toalete estava fora de cogitação. O jeito era não observar tanto os detalhes. Dar alguns retoques na maquiagem, sorrir de maneira confiante,

respirar fundo e relaxar durante o resto do voo.

2

Logo na chegada ao aeroporto de Jersey, Corina se deu conta das boas

mudanças ali ocorridas. Assim que precisou se orientar, percebeu o quanto

o lugar havia se transformado desde a sua última visita, e como as pessoas

que ali chegavam eram outras. Homens de negócios, em ternos escuros, caminhavam sem titubear até a saída, onde eram esperados por conhecidos

ou pegavam táxis. Apenas uma casualidade ainda lhe pareceu familiar. Um

jovem casal que, antes de uma possível longa separação, quase não podia se desgrudar. Por certo, haviam passado a noite juntos. Trocavam tristes olhares apaixonados. Depois um longo beijo. E muitos outros em intervalos mínimos. Corina permaneceu observando os dois, até perceber que a cena lhe despertava sensações adormecidas. Com um breve suspiro, encerrou aquele suave passeio por suas recordações e tratou de procurar onde poderia alugar um carro.

Depois de ter recebido o veículo e colocado a bagagem no porta-malas, lembrou que ali se dirige pelo lado esquerdo da rua, a chamada mão-inglesa. Um tanto esquisito, num primeiro momento, mas, depois de se ambientar no interior do carro, sentia-se finalmente preparada para encarar os novos desafios.

Na primeira rotatória, se deu conta de que não seria assim tão fácil. Os veículos todos pareciam querer se chocar com o dela. Ademais, só depois de girar pela segunda vez na rotatória, conseguiu enxergar uma placa de trânsito que apontava para St. Aubin. Ao ler aquele nome, sentiu uma emoção estranha. Um misto de curiosidade com felicidade antecipada, associada a um medo inconsciente do que lhe aguardava. Nesse momento, percebeu que se encontrava em uma rua de mão única do seu passado.

Perdida em pensamentos, continuou a dirigir e a admirar aquelas lindas casinhas com seus muros cor de mel e os jardins tão bem cuidados. A sensação ruim desapareceu. Pouco a pouco, sentia-se mais segura com as primeiras impressões positivas. Tão segura que resolveu ouvir música.

Atrapalhando-se um pouco, por precisar usar a mão esquerda, ligou o rádio e procurou sintonizar uma estação. Entre sons distorcidos e trechos de letras de músicas ininteligíveis, soou baixinho uma melodia conhecida. Ela

regulou melhor o botão, até conseguir ouvir a música de maneira clara e nítida. Era *Lady d'Arbanville*, uma canção de Cat Stevens, que suscitava boas lembranças e a fez aumentar o volume.

My Lady d'Arbanville, why do you sleep so still.

I'll wake you tomorrow and you will be my fill, yes, you will be my fill. My Lady d'Arbanville, why does it grieve me so.

But your heart seems so silent.

Why do you breathe so low, why do you breathe so low,

My Lady d'Arbanville, why do you sleep so still...

Era a música preferida de Leander... Meu Deus, isso foi há tanto tempo!

Há quantos anos ela não escutava aquela canção? E agora, mal chegara a Jersey, e já era levada a lembrar-se dele por aquela melodia. Depois de escutar a última estrofe, ficou sorrindo por um momento. Desligou o rádio,

mas a melodia ficou reprisando em sua mente. Mesmo enquanto passava pelas ruas, tentando se lembrar de onde ficava a casa da tia Chloé, a melodia não lhe saía da cabeça.

Devagar, Corina passou com o carro ao longo de uma cerca de antigos

cedros, cujos troncos embaralhavam-se como num sonho. Logo depois

dessa cerca deveria aparecer a casa. Sim, lá estava ela, protegida por um grande e antigo portão de ferro. A ferrugem tinha comido as barras da grade, tanto que só havia sobrado algumas filigranas. Seu coração palpitou

de agitação. Admirada, percebeu que quase nada havia mudado naqueles 35 anos. Tia Chloé já estava vivendo há dois anos em um residencial para

idosos na cidade, e só vinha esporadicamente ao local, mas seu velho coração continuava apegado àqueles muros de granito normandos, que

davam hoje uma impressão fantasmagórica. Eduard e Emma, as boas almas

da casa, ainda trabalhavam ali, fazendo o possível para adiar a degradação contínua do imóvel. Ela abriu a porta, desceu do carro e se aproximou do portão. Com as duas mãos segurou nas barras enferrujadas e colocou o nariz entre elas. Tudo parecia igual. Viu o caminho coberto de cascalho e o antigo olmo, todo coberto pelas eras. Logo embaixo, caíam harmonicamente enfileirados os *blue bells*, uma planta típica de Jersey, da família dos jacintos.

A vista do jardim trouxe-lhe à memória os tempos em que a casa ainda tinha vida, quando os parentes e conhecidos vinham passar as férias de verão ali. Logo que chegava, ela corria com as outras crianças para pegar conchas na praia. E como ela era a menor e sempre a última a chegar, só encontrava as conchas mais feias e quebradas. Várias vezes, sentou-se à beira-mar e chorou. Uma vez, um garoto aproximou-se, consolou-a com a mão sobre seus cabelos e disse:

— Aqui, garota, escolha algumas para você, eu tenho muitas, não chore mais. Suas lágrimas vão encher o mar e nós vamos todos morrer afogados. Afinal, estamos numa ilha.

A recordação quase a fez chorar. Ela ainda se lembrava exatamente de como o olhou espantada, e logo em seguida enxugou as lágrimas com seus pequenos punhos. Tímida, um pouco insegura, levantou o queixo e olhou para os olhos brilhantes do menino. O vento embaraçava os cachos ruivos do rapaz de tal maneira que não se via direito o seu rosto.

— Não é verdade! — fulminou ela.

Suas palavras ecoaram sibilando. Seus dentes de leite tinham caído na

semana anterior e, a partir de então, tinha dificuldades quando falava ou ria. O vento soprou de outra direção e permitiu-lhe ver o rosto do garoto.

Ele já era quase um homem. Tinha no mínimo uns 12 anos.

— Como é seu nome, menina?

— Corina — ela sibilou, tapando a boca com a mão para disfarçar que estava banguela.

— Corina, que belo nome — replicou no mesmo momento em que

sorriu para ela. —, eu me chamo Leander e acho que você deveria voltar agora. Ficar sozinha aqui na praia pode ser perigoso, principalmente para

senhoritas tão jovens como você — disse com um ar de preocupação, de alguma maneira já bastante adulto.

Em seguida, virou-se e começou a se afastar. Ela ainda o seguiu com os olhos deslumbrados. Estava encantada pelo jovem rapaz de rosto harmonioso, que a consolara com dois grandes olhos cor de âmbar.

Leander, como estaria ele hoje?

— *Hello miss... may I help you?* [1](#) — uma voz masculina a fez despertar de seus pensamentos.

Atônita, ela se virou e olhou diretamente para a face levemente afinada e marcada por cicatrizes do velho jardineiro.

— *Hello Eduard, do you know who I am? Do you remember... Corina?* [2](#) — disse ela, enquanto batia de leve com as mãos contra o próprio peito para enfatizar suas palavras.

Ele a mediu da cabeça aos pés e, finalmente, pareceu reconhecê-la.

— Sim, sim, a pequena Corina! Eu estava aguardando ansioso para vê-la novamente — disse, mostrando uma evidente satisfação em revê-la. —

Minha nossa, quanto tempo! Como vai, *miss*?3

— *Missus*4 — ela corrigiu. — Eu sou, quer dizer, fui casada.

Com a alegria estampada no rosto, ele foi até ela e abriu

cuidadosamente o delicado portão de ferro para deixá-la entrar.

— *Missus* Chloé já anunciou sua chegada e, por isso, Emma limpa constantemente a casa. Seu quarto está preparado há tempos.

Ele imediatamente liberou a área de acesso para que ela pudesse

entrar com o carro. O som dos pneus sobre o cascalho a saudou como uma

suave melodia de recepção. Antes mesmo que ela pudesse desligar o motor,

Eduard já abria o porta-malas e tirava a bagagem. Corina perguntou-se quantos anos ele teria. Com certeza, já estava bem além dos setenta, mas continuava vigoroso. O jardineiro subiu agilmente as escadas com as duas

malas nas mãos. Vendo-o correr degraus acima, ela voltou a sorrir.

Lembrou-se de uma expressão da tia Chloé, que dissera uma vez que a maioria dos “gigantes sentados” vivia em Jersey. Na época, Corina ficou admirada com a declaração, mas agora, ao observar Eduard, percebeu que

concordava com a tia. Basicamente, ele não media mais que 1,65 metro de

altura, mas, sentadas ao seu lado, as pessoas tinham a impressão de que atingia 1,80 metro. Esse efeito era produzido pelo fato de Eduard ter pernas muito curtas em relação ao resto do corpo. Sua larga camisa verde

balançava sobre as pernas curtas, vestidas de shorts cáqui; os braços e as

pernas estavam tão queimados de sol que brilhavam; na cabeça, usava um

chapéu de palha, do qual saía uma longa e fina trança de cabelos grisalhos; seu rosto era decorado por um cavanhaque cinza manchado.

— *Emma, Corina is coming! Hear you?* — ele proclamou.

Foi exatamente essa frase que fez com que ela se sentisse em casa. As férias de verão começavam neste instante.

Por um breve momento, ela hesitou e permaneceu de pé à porta da frente. Então deliberadamente respirou fundo e penetrou no corredor escuro como um viajante do tempo a caminho de seu passado. Um leve odor de lustra-móveis veio ao seu encontro, indicando que toda a mobília havia sido limpa e polida. Essa sempre foi a fragrância de boas-vindas para os convidados, que pairava no ar todo verão, como um infalível sinal da boa limpeza.

— Corina, minha pequena Corina — ela ouviu a voz alegre vinda do corredor escuro, antes que pudesse ver a empregada doméstica de tão

longa data que já era parte do inventário.

— A casa está viva novamente. Bem-vinda à Dunningham House, patroa — festejou a velha empregada enquanto abraçava Corina com carinhosa familiaridade. Ela a apertou com toda a força contra seus grandes seios, quase sufocando-a. — Ah, como é bom voltar a vê-la. Eu passei todos esses anos me perguntando como andava.

Soltou Corina, olhou para ela radiante e logo voltou a apertá-la.

— Eu também estou muito contente por poder estar aqui, Emma —

respondeu Corina, desvencilhando-se do abraço demasiado violento.

— *Missus* Chloé também virá nos próximos dias... Oh, eu não poderia ter dito, era para ser uma surpresa. Meu Deus, ela nunca me perdoará —

enquanto falava, Emma apertou as duas mãos contra a boca. Sua expressão ficou subitamente séria.

— Não se preocupe, não vou deixar que tia Chloé perceba nada. —

Corina pressionou um dedo sobre os lábios. Ela já imaginava e esperava que tia Chloé viesse cumprimentá-la pessoalmente. Elas não tinham

contato há muito tempo, com exceção de alguns telefonemas, cartões de Natal escassamente redigidos ou um ou outro cartão de aniversário.

— Mas primeiro você tem de vir até a cozinha e tomar um chá comigo... exatamente como antes.

Corina a seguiu sem dizer uma palavra. Elas entraram primeiro em um grande salão com uma cúpula de vidro colorido, através da qual a luz do sol projetava uma magia de cores sobre as tábuas do assoalho. Os ângulos estavam um pouco empenados, deformados pelo tempo; os degraus da escada para o primeiro andar pareciam mais acentuados e estreitos do que em sua memória. As coisas foram se ordenando, até encontrar seus respectivos lugares. Corina se sentia como se tivesse retornado de uma longa viagem até aquele lugar para encerrar uma história desagradável e inacabada. Um calafrio lhe percorreu as costas, e rapidamente sacudiu seu corpo.

— Corina, você vem? — ouviu a voz de Emma como se viesse de outro mundo.

— Oh, desculpe, tudo aqui é tão familiar e ainda assim tão distante para mim.

Seguiu Emma por uma porta lateral, que mal era visível do salão, e entrou na cozinha. O sol atravessava a janela e iluminava as arestas de todos os objetos. Cada um dos artefatos familiares do cotidiano parecia estar no mesmo lugar após todos esses anos. Os jarros ainda nas prateleiras

da parede, as panelas sobre o fogão. Ela ficou parada no meio do ambiente.

Antigamente, as coisas tinham outra dimensão, eram maiores, mais imponentes. Hoje tudo parecia pequeno e modesto.

O assobio da água em ebulição provocou um novo salto em sua

memória. Emma abriu a tampa da chaleira, levantou-a e verteu a água quente e borbulhante no bule de chá. O vapor subiu e veio-lhe à mente uma

vaga associação com um gênio da garrafa. No mesmo instante, Emma disse:

— Pode fazer um desejo — e as duas riram do fundo do coração.

Corina obedeceu e, tal como antes, fechou os olhos e desejou *um bom*

futuro. Não conseguiu ter uma ideia melhor. Quando abriu os olhos novamente, Emma lhe apresentou um prato de torta de maçã morna.

Num gesto de grande satisfação, Corina jogou a cabeça para trás e riu de novo.

— Feliz aniversário, *missus* Corina.

— Obrigada, Emma, você é uma doçura. Eu já me sinto em casa, como é gostoso reviver os bons e velhos tempos. — Ela não conseguiu evitar algumas lágrimas de emoção.

Sentaram-se à mesa e Emma contou várias histórias sobre as férias de

verão. Aventuras que Corina já esquecera ou reprimira. Cenas indistintas ressurgiram do passado, foram revividas, ponderadas e questionadas.

[1.](#) Olá, senhora... posso ajudar?

[2.](#) Olá, Eduard, sabe quem sou eu? Lembra-se de mim... Corina?

[3.](#) Senhorita

[4.](#) Senhora

[5.](#) Emma, a Corina chegou. Está ouvindo?

3

Mais tarde, quando estava em frente à escada para o andar superior, Corina olhou para o lado esquerdo e saudou os retratos da galeria do falecido marido de Chloé. Assim como antes, fixou o foco inadvertidamente

no primeiro dos antepassados, que era, ao mesmo tempo, o último na ordem cronológica. O tio-avô do marido de Chloé, *sir* William Dunningham.

O velho nobre nunca se enquadrara nessa fileira de ancestrais de aspecto mal-humorado. E, como sempre fizera, ele a cumprimentou com seu sorriso

maroto. Aquele sorriso convidava qualquer visitante à reflexão.

Costumavam dizer que seus tortuosos caminhos amorosos o levaram até o

Palácio de Buckingham. Por que ele foi condecorado com o título de cavaleiro, *sir*, é um mistério até hoje. Naturalmente, como era seu hábito, Corina piscou para ele e seguiu subindo as escadas.

A cada degrau que subia em direção ao seu quarto, sentia-se como se

estivesse indo ao encontro de suas recordações da infância. Ao abrir a porta, seus olhos procuraram instintivamente pela cadeira giratória de capitão. Lá estava ela. Como quando era criança, Corina se jogou sobre a velha cadeira. Gemia exatamente como nos antigos tempos. Com um

pequeno impulso, a cadeira começou a rodar, enquanto seus olhos

percorriam o quarto, que quase não mudara ao longo dos anos, à exceção de uma camada de tinta. Corina fechou os olhos e deixou que o odor do assoalho recém-encerado e o distante marulhar das ondas a transportassem às mais remotas lembranças de sua infância.

Ela se levantou e atravessou o quarto até a janela. Então, parou subitamente. Sim, era aqui mesmo, aqui o chão não produzia o som áspero e penetrante da madeira atritando. Nada havia mudado. Lá fora, os raios de sol do fim da tarde caíam inclinados sobre o caramanchão de madeira no jardim. — A casa das orquídeas — sussurrou —, nosso pequeno ninho de amor.

Sentiu um calor ameno partir do coração e atravessar todo o seu corpo.

A madeira do caramanchão estava envelhecida e desgastada, mas, o tom de cinza-prateado parecia atribuir-lhe uma certa dignidade. Logo ao lado, brotavam orquídeas selvagens, a *Cephalanthera*. Com sua floração cor-de-rosa, quase roxa, misturada a algumas flores brancas, contrastava com a madeira brilhante, produzindo uma aura muito especial. Foram

essas orquídeas que deram o nome ao caramanchão.

— Leander — veio suavemente de seus lábios —, onde está você? —

Ela estava vendo seu passado pela janela.

Eles haviam passado todas as férias de verão de sua infância juntos.

Fizeram caminhadas ao longo das falésias e nadaram em pequenas baías.

Sempre se tocaram de alguma forma. Por vezes, um esticava a mão para o outro quando escalavam os penhascos, ou seus braços se tocavam

enquanto brincavam na praia, ou seus corpos se encontravam quando estavam nadando. Então, no último verão que passaram aqui, tudo mudou.

Qualquer toque, por menor que fosse, provocava tensão entre eles. Ela havia acabado de completar 15 anos quando tudo aconteceu. Leander tinha

21. Foram as últimas férias que passaram juntos, depois nada mais foi como costumava ser. Brotou nela uma nostalgia agri-doce.

Ela se lembrava muito claramente daquela noite paradisíaca. O

crepúsculo se adensava cada vez mais. O mar, que pouco antes ainda estava

tão perturbado, retirou-se pacificamente, deixando um grandioso silêncio na baía. Em todos os anos anteriores, eles corriam para pegar as conchas que só podiam ser encontradas na maré baixa, e no dia seguinte iam até o

porto vendê-las aos turistas. Mas, naquela noite, tudo estava diferente. Eles caminhavam em silêncio lado a lado. Entre eles surgia um tenro desejo por

algo que ainda não conheciam. Tudo ao seu redor parecia imóvel, como antecipando um evento muito especial, um evento que iria paralisar o mundo.

Um ar quente palpitante e o cheiro de alga marinha pairavam sobre a

baía. Esse odor repousa ainda hoje em seu nariz. Leander parou de repente,

suas mãos ternas, mas também trêmulas, pegaram as mãos dela. Confusos,

os dois tentavam entender o sentimento que nascia. Ela olhou

desamparada para o seu rosto. A expressão do menino brincalhão se

transformara na de um jovem homem. Nos olhos castanho-claros

brilhavam as luzes de todo o céu. Gentilmente, apenas por um breve instante, seus lábios tocaram a boca entreaberta de Corina. Então, sua respiração doce passou morna pelas bochechas dela e seus lábios se encontraram novamente.

Neste exato momento, os dois iniciavam-se no encantador processo do

primeiro amor. O mundo ao seu redor parecia afundar-se numa onda de felicidade. Seus corpos, inundados de paixão, colavam-se flamejantes, entorpecidos pela maravilhosa sensação do amor físico de infinita pureza que experimentavam. Somente as correntes mais frias do ar noturno

interromperam o sentimento e separaram os corpos. Sem uma palavra, os

jovens voltaram para casa com os braços entrelaçados. E, do mesmo jeito que se despediram em silêncio, também voltaram a se encontrar. Nas noites seguintes, a garoa pairava sobre a ilha e, assim, do caramanchão de

orquídeas foi feito o seu ninho de amor secreto para os restantes dias em

Jersey. Embriagados pelos sentimentos, alegres e confusos, eles

experimentaram aqueles dias de verão com uma sensação de irreabilidade. E

já planejavam seus futuros encontros na Alemanha. Mas o medo de deixar o

sonho para trás tornou-se uma amarga realidade.

Corina permaneceu um longo tempo diante da janela assistindo ao seu

passado. Mas, de repente, uma nuvem escura cruzou a delicada imagem de

suas recordações. Ela penetrou em um santuário de sua consciência que acreditava estar fechado para sempre, mas que aqui, bem no centro do seu

passado, fora reaberto.

Ela se viu com 15 anos de idade, parada no banheiro. Viu seu reflexo no

espelho, o desespero em seus olhos. Ainda podia sentir a sensação de impotência e abandono. Sua menstruação estava atrasada. Então, na

consulta médica, viu claramente o rosto do médico dando-lhe a feliz notícia

de que “estava em boa esperança”. Ela o olhou interrogativamente, sem entender o que aquilo significava. Depois de uma troca de olhares

questionadores, ele estudou de novo os registros médicos. Só então seus olhos

caíram sobre a data de nascimento dela e seu rosto ficou sério. Ele hesitou, como se não soubesse o que dizer, mas, quando falou, sua afirmação foi muito direta.

— Você está no quarto mês de gravidez, Corina.

Seus olhos passaram do médico para a enfermeira gorda, que se movia

pela sala em seus sapatos ortopédicos e estava ocupada desinfetando os instrumentos. Deve vez em quando, ela lhe jogava um olhar de pena por sobre os aros dos óculos, como se Corina tivesse uma doença incurável. O

indefinido, nebuloso e temido tornara-se verdade irrefutável. A próxima coisa que lhe veio à cabeça foi a pergunta, não, tinha sido uma declaração:

— Você tem apenas 15 anos...! — O médico fixou novamente seus olhos

chocados na data de nascimento, então ele ergueu as sobrancelhas, soltou

um suspiro e disse: — É tarde demais para um aborto... mas nós vamos dar

um jeito *nessa situação*. Todo o resto terá de ser esclarecido com a sua mãe.

Ela o fitava espantada, como de outro mundo. Não entendia o que ainda havia a esclarecer ou que jeito podia ser dado na situação.

Sim, ela se lembrava bem do que aconteceu a seguir: a partir desse momento Corina estava em transe. Ela deixou o consultório médico,

tropeçou na rua e sentiu-se como em outro planeta; absorvia tudo à sua volta, do ruído da rua à conversa dos transeuntes, como um eco longínquo.

As cores ao seu redor se extinguíram diante de seus olhos. De uma hora para outra, tudo ficou cinza. A ideia de estar grávida a perseguiu por horas enquanto caminhava com o olhar fixo no chão, morta de vergonha.

Esforçava-se para pensar com clareza, mas seu cérebro parecia

entorpecido. Leander, ela precisava encontrá-lo, mas como?

Várias vezes ela parou na frente da casa de seus pais, mas sempre voltava atrás. Ela sabia que o médico já havia informado a sua mãe. O que a

esperava agora faria o inferno parecer um paraíso. Finalmente, ela entrou, pois não sabia mais para onde ir. Naquele momento, ela se sentiu pequena e frágil. Tentou passar em silêncio pelo corredor, mas seus passos ecoavam sobre os azulejos. De repente, a porta corrediça da sala se abriu abruptamente, e sua mãe apareceu em sua forma mais opressora, parecendo maior do que normalmente. Seu olhar amargo emanou um frio que a fez estremecer por alguns segundos. Sem uma palavra, a mãe virou-se para o lado e estendeu o braço para indicar a ela, a filha que trouxera a vergonha ao seu pequeno mundo perfeito, o caminho da sala de estar. Naquele momento, Corina se sentiu como um réu, cujo processo se iniciava quando sua mãe fechou a porta. O som lembrava o do martelo do juiz quando abre a sessão. Ainda hoje ela estremece ao som de portas batendo.

Ainda agora podia ouvir de novo o travamento da fechadura enquanto pressionava o corpo na veneziana da janela buscando proteção.

Clara e distintamente, viu-se sentada em frente à mãe, em silêncio. Os olhares dela eram de um frio insuportável, e penetravam em seu corpo jovem e frágil, chegando a tocar o feto em seu ventre. Ela lembrou como cruzou as mãos protetoramente sobre a barriga. Teria sido um ato de proteção ou oração? Em proporções colossais, via o rosto enfurecido da mãe. A palavra *Contenance*¹ ainda saiu de seus lábios, antes que ela os apertasse com toda a raiva. Ela sempre dizia isso para se acalmar quando

estava em estado de grande agitação. Com os olhos baixos, sua mãe se sentou à mesa. Certamente, estaria pensando em um castigo. Então, as palavras que se seguiram quase a fizeram perder a cabeça:

— Você nunca mais verá o Leander, eu já tomei as devidas providências para isso.

A frase pairou entre elas como um veredicto, e foi crescendo em força e significado, até ficar tão poderosa que quase podia ser fisicamente sentida.

A náusea subiu-lhe à garganta enquanto a frase se repetia como um eco em sua cabeça. Corina teve um colapso, e tudo ficou escuro.

Depois, apenas se lembrava de ter passado dias na cama e ter sido tratada como uma doente. Várias vezes, ela era repetidamente sacudida por

crises de choro e soluços. De vez em quando, sua mãe aparecia com frutas

frescas e chá e enxugava seu rosto com toalhas úmidas. Muitas vezes durante aquele tempo, Corina se perguntou se a mãe imaginava qual seria o

motivo do seu choro. Ela demonstraria qualquer empatia pelo que a filha estava passando? Mas como sua mãe poderia conhecer tais sentimentos?

Ela era apenas sua mãe. Como entenderia aquela tempestade de emoções que dominava sua filha, a infinita dor que a perda lhe causava? Tinha seu

pai e não fazia ideia do que era o amor.

Após a separação de Leander, ela se perdeu em uma onda de

desamparo. Apenas a lembrança das palavras da mãe — ... *Você nunca mais*

verá o Leander — a levava quase à loucura. Ele era o seu primeiro e grande amor. Não entendia como a mãe podia ser tão cruel. Frequentemente, ela depositava as mãos sobre a barriga como que para proteger a pequena criatura que crescia ali dentro. Seu filho. Isso era tudo que sobrara de Leander.

As memórias da época emergiam com tanta força que poderiam tê-la

dilacerado internamente. As lágrimas do passado voltaram a correr em seu

rosto. Mas esses acontecimentos não podiam mais ser mudados, e ela havia

aprendido a ser forte durante esse tempo. Um vago consolo, mas o único que encontrara naquele momento.

Ela continuava imóvel diante da janela. Os últimos raios do sol atingiam a Baía de St. Aubin.

— Oh, mãe, como eu não a entendi quando eu acreditava que você não tinha ideia do que é amor... — ela sussurrou baixinho.

Ela só queria impedir o destino que ameaçava repetir-se. Sua filha não deveria experimentar a amargura que ela vivenciara, de amar um homem mais que a própria vida, para então ser enganada e desiludida por ele. Ela mesma tinha sido uma prisioneira de seu amor, e esse sofrimento finalmente levou a uma grave doença. Em última instância, ela não teve a força para combater ambos. Durante muitos anos, Corina não conseguiu perdoá-la. Chegou a odiar sua mãe pelo que lhe tirara. Só muito mais tarde, quando ela própria se viu no papel da mulher traída, foi capaz de entender e desculpar sua mãe.

Ela deu as costas à janela. A bela paisagem, de repente, se tornara insuportável, pois trazia à tona tantas memórias dolorosas.

Uma batida tímida na porta trouxe-a de volta ao presente.

— *Missus* Corina?... O jantar está pronto na cozinha, está na hora de eu ir para casa. Nos vemos amanhã.

— Ah, sim, Emma, obrigada... E boa noite.

1. Compostura

4

Na verdade, ela não sentia fome. Tinha apenas um forte desejo de

correr para a baía. Seu olhar caiu sobre a bagagem ao lado do guarda-roupa. Não, ela iria desfazer as malas amanhã de manhã. Impacientemente, impulsionada pela antecipação, ela abriu a mala menor e tirou suas roupas esportivas e o par de tênis. Tinha a impressão de que se movia em câmera lenta, tudo demorava muito.

Ela seguiu o caminho habitual do terraço da casa para a baía e, como sempre, parou no topo, fechou os olhos e escutou por alguns segundos o silêncio impressionante. Então, muito suavemente, ouviu o assobio do vento e o farfalhar das folhas. Nada mudara nessa vista maravilhosa. Ao contrário, tornara-se ainda mais impressionante, um pequeno pedaço do paraíso que a acomodaria neste verão. Então, com a mesma leveza da infância, desceu correndo os degraus de pedra e parou um momento no portão da casa vizinha, onde Leander passava suas férias de verão. As janelas estavam abertas, parecia ser habitada. Avançou timidamente alguns

passos em direção à cabana.

Como se os anos não tivessem passado, ali estava a casa, descansando sobre um jardim bem cuidado. Fúcsias, frésias, cravos, íris e capim-lanudo acariciavam com cores delicadas as paredes de pedra cor de mel; o manso gorjeio dos pássaros misturava-se ritmicamente com o canto dos grilos. Seu olhar caiu sobre a trapeira do quarto onde Leander ficava durante as férias.

Uma majestosa orquídea em plena floração adornava o lado esquerdo da janela. Era o sinal de Leander, que indicava que ele estava aqui e pensava

nela. No mesmo segundo, ela associou esta imagem àquela manhã, quando encontrara a orquídea em sua porta. Seu coração disparou. Existiria alguma

relação entre as orquídeas? Ela sentiu uma leve e despreocupada alegria tomar conta de si. Infelizmente, essa leveza não durou muito tempo, porque, de

repente, uma figura apareceu na janela e olhou para ela, um olhar que a fez estremecer. Assustada, ela virou-se e desceu correndo os degraus de pedra. Foi como se o presente tivesse acabado de dispersar o

passado.

— Mulher tola — repreendia a si mesma.

O medo acelerou seus passos até a baía, e só voltou a se acalmar quando chegou lá embaixo.

O mar tinha se recolhido, da mesma forma como naquela época.

— Onde está você, mar? — sussurrou em tom de censura.

À sua pergunta seguiu-se somente o infinito silêncio. Ouvia apenas seu próprio coração latejante de emoção, e, num impulso inesperado, gritou:

— Onde você estava naquele dia? — Agora chorava, para finalmente descarregar de sua alma a angústia profunda que carregara durante todos estes anos. — Se você tivesse aparecido, nada disso teria acontecido.

Mas o mar continuava calado. Assustada com suas próprias palavras,

ela olhou ao redor. Felizmente, na eterna solidão da baía não havia ninguém por perto que pudesse tê-la ouvido e até mesmo a considerado uma louca. Teria sido tristeza? Talvez vergonha? Vergonha de ter sido deixada na mão por todos? Seu subconsciente incrustado parecia estar se

libertando:

— Onde está meu filho? Nem mesmo uma sepultura... O que vocês fizeram com meu filho? Eu nunca cheguei a vê-lo. — Sua voz perdeu a força:

— Leander, por que você me abandonou? — Essas últimas palavras foram apagadas por uma torrente de lágrimas. A leve brisa da noite em seu rosto

a reconfortou e, aos poucos, sua visão clareou. Ela sentou-se e ouviu o som da maré alta se aproximando. O marulhar monótono das ondas sempre teve um efeito calmante e conciliatório. Com o dorso da mão, enxugou as lágrimas.

Havia esquecido como era bela a vista dali. Pequenas cabanas

espalhadas ao longo das encostas, intercaladas por velhos pinheiros, que carregavam orgulhosos as marcas de muitos temporais enfrentados. O

cenário era salpicado de flores coloridas. Corina percebia finalmente que não viera aqui para projetar seu futuro, mas para finalmente fechar essa porta do seu passado, pois somente assim poderia abrir uma nova porta para a vida.

Poucas horas mais tarde, Corina estava de volta a seu quarto. Fechou a

porta atrás de si, deixando o passado do lado de fora, pelo menos pelo resto da noite. Olhou para a cama gigante, um monstro imponente em estilo italiano, com virtuosos pés e laterais esculpidos, a cabeceira decorada com

dois querubins alados, cujas mãos se uniam no centro. Sob a proteção dos anjos, ela caiu no sono.

5

Em algum momento antes do alvorecer, Corina foi acordada por um

barulho estranho no jardim. Em poucos segundos, já estava sentada na cama, esperando que o som se repetisse — e nada. Assim que se deitou, o

barulho veio de novo. Na ponta dos pés, caminhou até a janela. Apreensiva, olhou para fora. Nada. Apenas silêncio total!

Mas... Um momento! Havia alguma coisa ali...! De repente, apareceu no caminho do jardim uma longa sombra, que se afastava do caramanchão; a

sombra parou por um instante e ela teve a estranha sensação de que algo a observava, ou quase a tocava. O medo a fez dar um passo para trás, mas não perdeu a sombra de vista até vê-la descer pelo caminho do jardim e desaparecer. O desespero de estar sozinha tomou seu corpo com uma onda de calor.

Voltou silenciosamente para a cama e se deixou envolver pelo calor e proteção dos anjos italianos esculpidos na cabeceira. Fechou os olhos e tentou imaginar quem poderia ser: a silhueta era de homem; os passos, confiantes, como de alguém que estava familiarizado com o caminho.

Agitada, rolou de um lado para o outro pelo resto da noite sem conseguir dormir. Quando os primeiros raios de sol inundaram o quarto, desistiu do sono. Saltou da cama e dirigiu-se para o banheiro. Para poder tomar um banho de chuveiro, precisou lutar para girar a velha válvula de bronze.

Primeiro, algumas gotas de água fria caíram sobre seus pés, e ela saiu para o lado, porque sabia que não podia confiar nestes instrumentos antigos.

Cuidadosamente, continuou girando com ambas as mãos, até que a válvula finalmente sucumbiu e a água quente jorrou da ducha.

Terminada a toalete matinal, desceu as escadas devagar e pensativa.

Nesta manhã, sentia-se como se o estresse dos últimos meses estivesse se manifestando de uma forma concentrada em seu corpo. Seus membros pesados de cansaço precisavam fazer um grande esforço para descer os degraus.

— Minha querida Corina — disse uma voz carinhosa —, venha cá, eu quero abraçá-la e parabenizá-la pelo seu aniversário... Você não pode imaginar

como estou feliz em vê-la.

Como se tivesse sido arrancada de outro mundo, ela parou, e então percebeu que ao pé da escada estava Chloé, esperando radiante com os braços estendidos. Corina retribuiu com a mesma emoção.

— Olá, Chloé, eu não tenho palavras para expressar minha alegria em revê-la e agradecer o convite para passar um tempo em sua casa.

— Ah, que tolice, você poderia ter vindo muito antes. Mas venha, a Emma nos preparou um café da manhã no terraço... Você precisa me contar

tanta coisa, quero saber tudo em detalhes. — Enganchou seu braço sob o de Corina para conduzi-la ao terraço.

Uma linda mesa estava posta diante do cenário deslumbrante do dia que nascia. Ao lado da porta, Emma aguardava toda sorrisos em seu avental branco de serviço. Assim que as duas se sentaram, serviu chá e pão tostado.

— Já vou trazer os ovos mexidos.

Apesar de seu peso, Emma correu para buscar o prato de ovos.

— É muito bom poder estar aqui, só agora eu sei como esse lugar me fez falta todos esses anos.

Fitou por um momento a expressão satisfeita de Chloé.

— Sabe, Chloé, desde que cheguei aqui, eu tenho uma sensação de que o passado e o presente se unem — riu —, até já vejo fantasmas no jardim...

Ela balançou a cabeça e fez um gesto de desaprovação para expulsar os pensamentos, e continuou:

— A propósito, ontem eu passei pela cabana da família Vandebroek.

— Ela fez uma pausa: — A casa está habitada?

— Oh, pode muito bem ser que esteja alugada. Você pergunta por uma razão específica?

— Sim, eu só pensei que...

— ... Ah, entendo — Chloé a interrompeu —, você pensou que Leander estivesse aqui. É isso?

Um leve rubor apareceu em suas bochechas.

— Você alguma vez teve notícias dele?

— Infelizmente, não. Depois daquele último verão que vocês passaram aqui nos anos 1970, eu nunca mais o vi. Dizem que foi estudar em Boston, e depois ficou nos Estados Unidos.

Ela parecia remexer em suas memórias.

— ... Ah, sim, e no ano seguinte a mãe dele teve mais um filho, com quem ela também passou um verão aqui. Depois disso nunca mais os vi de novo.

Desviou distraidamente o olhar para a baía.

— De qualquer forma, no ano passado, a mãe dele morreu e o pai logo a seguiu.

— Nossa, como o tempo voa — Corina suspirou.

— Mas, como anda seu ex-marido e a nova companheira dele? Vocês

ainda se veem?

— Nós ainda temos contato regularmente. Você sabe, a gente custa a se livrar de velhos hábitos... E também a trocá-los por novos.

Corina deixou escapar uma risada curta.

— Ele aparece uma vez por trimestre e traz sua contabilidade para eu organizar. Não que não possa fazer isso sozinho, mas eu acho que de vez em quando ele precisa de um descanso de sua jovem esposa. — Balançou a cabeça, rindo. — Da última vez, ele me contou, em pânico, que ela queria ter mais um filho... Bem, ele merece mesmo isso.

Chloé pegou a mão de Corina:

— Isso ainda fere seus sentimentos, eu vejo em seus olhos.

— Bem, eu estaria mentindo se dissesse que não ligo mais. E só de imaginar que Justus foi pai pela primeira vez aos 55 anos... Devo admitir que esse pensamento inspira uma pequena vingança em mim. Mas vamos

mudar de assunto — e assumiu uma posição ereta para demonstrar que este capítulo estava concluído em sua vida —, como você está indo no residencial?

— Maravilhosamente bem, eu não tenho do que reclamar. Viver no centro de St. Helier tem muitas vantagens. Ofertas culturais em cada esquina, mercados na frente da porta, a proximidade do porto. — Tímida,

ela bebericou seu chá. — Sim, e há também um novo residente, Arthur von Ehrenheim, que abalou o coração dessa mocinha aqui — riu, acanhada. —

Você sabe, Corina, a gente nunca para de se apaixonar de novo. O velho coração enlouquece novamente, e anseia uma última vez pelo calor.

O clima descontraído transformou-se em melancolia. Ambas olharam

para o mar, que lentamente tomava a baía.

— As marés podem ser comparadas com o amor: quando o mar recua, ele deixa marcas na areia; quando um amor se vai, deixa cicatrizes em nossos corações. E então, vem um novo amor, elimina as marcas anteriores, e, ao partir, deixa novas cicatrizes. Não há como resistir, acredite nessa mulher velha e bastante experiente. — Chloé piscou para ela. — Contra o que deveríamos resistir? Somos todos prisioneiros dos fluxos e refluxos da vida.

Por um tempo, cada uma ficou ocupada com seus próprios pensamentos e sentimentos.

— Você vê com que força a maré sobe, como ela flui por cima de tudo? E quando atinge seu destino, há um silêncio total. Sim, o amor é exatamente assim, flui com enorme força sobre os corações, e nossos corações, por sua vez, só ficam satisfeitos quando estão totalmente envolvidos.

— Ah, Chloé, como você me fez falta com suas metáforas, que são únicas.

Ela colocou o braço em volta da tia e beijou seu rosto com ternura.

Sentiu um ligeiro aroma de violetas. Apesar de seus 75 anos, ainda era uma mulher bonita e atraente, com cabelos grisalhos curtos, o rosto harmonioso atravessado por muitas pequenas rugas e maquiagem sutil. Corina recostou a cabeça sobre os ombros dela e suspirou profundamente.

— Sabe, desde que pus os pés na ilha, eu voltei a sentir dolorosas saudades de

Leander. É como se eu tivesse feito uma viagem ao passado dos meus sentimentos. Objetos, imagens, odores... Todas estas coisas

abrem a porta para minhas memórias perdidas. Isso me lembra o escritor

Marcel Proust, a quem o cheiro e o sabor de um bolinho tipo *Petite Madeleine*, molhado no chá de flor de tília, causava uma inundação de recordações da infância. E isso lhe serviu de inspiração para seu livro *Em Busca do Tempo Perdido*.

Suspirou mais uma vez.

— Eu adoraria ver Leander novamente, conversar com ele sobre o que

aconteceu naquela época, contar que eu estava grávida, que nosso filho morreu.

— Uma dor amarga atravessou seu coração. Ela lutava contra as lágrimas. — Depois do nascimento, me disseram apenas que meu filho estava morto e eu tive de me resignar com esse fato. O *assunto*, como minha mãe designava minha situação, foi simplesmente enterrado. E eu era muito

jovem para me defender, então segui obediente e apática suas instruções.

Precisou de um momento para reunir seus pensamentos.

— Ainda antes de morrer, ela me colocou na Escola Superior de

Economia. Então, acabei em uma empresa de contabilidade e conheci

Justus.

Sentiu um certo prazer ao lembrar do ex-marido.

— Ele era o mais divertido entre os auditores, fiquei impressionada com o desembaraço com que examinava cada caso, sem nunca perder o humor, não importa o quão seco fosse — ela sorriu. — O resto você já conhece.

— Naquela época, eu não consegui entender a sua mãe Eleonore.

Muitas vezes tentei falar com ela, mas tudo foi em vão. Agora, em

retrospecto, a única explicação que eu encontrei foi que a doença a fez agir

daquele modo.

Enquanto falava, Chloé acariciou o rosto de Corina.

— Sabe, Chloé, no meu coração a maré já está baixa há muito tempo, e eu tenho lá minhas dúvidas se algum dia vai subir novamente.

— Ora, também não precisa exagerar, você ainda é uma jovem florzinha, o mundo continua aberto para você. — Deu-lhe uma leve cotovelada, que fez as duas começarem a rir. — Agora vamos tomar nosso café em paz; depois, veremos o mundo de forma bem mais positiva.

E, a partir desse momento, passaram a trocar conversas sobre os pequenos eventos dos anos que se passaram.

— É muito bom sentar com você para falar bobagens, Chloé, mas agora vou de novo até a baía. Quem sabe a maré alta me pega dessa vez — piscou para ela e saiu. — Até mais tarde! — exclamou, sem olhar para trás.

A passos leves e sempre olhando para a baía, desceu correndo pelo caminho do jardim. Seu olhar vagou por um instante na casa das orquídeas

e algo dentro dela a desviou para o caminho acidentado. Com passos incertos, caminhou em direção ao caramanchão, cuidadosamente abriu a porta rangente de madeira e parou no limiar. Estava diante de muitos objetos há tempo esquecidos, que agora voltavam-lhe à mente.

Hesitante, entrou e viu a antiga cama de campanha na frente da janela.

Viu claramente Leander e como eles se amavam noite após noite. Ouviu as palavras que sussurravam um para o outro... Uma rajada de vento bateu a porta com um estrondo atrás dela. Assustada, ela se virou em pânico.

Estava presa em seu passado. Subitamente, sentiu que precisava ficar longe, bem longe daquele lugar. Ela saiu do caramanchão e desceu em carreira desabalada as escadas até a baía. Ofegante, parou no último degrau

e, como se estivesse fugindo de alguém, olhou para trás, temerosa. Não havia ninguém.

Enquanto respirava aliviada, tirou os sapatos e os deixou ao lado do último degrau, exatamente como em outros tempos. Em seguida, afundou os pés na areia fina. Em breve, a maré inundaria a praia. Algo lhe dizia que estava na hora de finalmente botar para fora essa enchente de memórias dolorosas: — *Liberte-se.*

Corina passeou pensativamente na beira do mar. Mais tarde, no

caminho de volta, ela percebeu uma figura masculina do outro lado da baía,

que vinha em sua direção. Seus olhos focaram o homem que lhe pareceu estranhamente familiar — teve uma peculiar sensação de que a estatura e o

modo de andar do homem eram semelhantes ao vulto que tinha visto nas

primeiras horas da manhã, em frente ao caramanchão. De repente, o homem parou, olhou para ela por um momento e então virou-se

abruptamente para subir as escadas em passos apressados. Quem era ele?

Leander? Será que era Leander? Sua imaginação devia estar lhe pregando

uma grande peça. Não. Por que ele estaria aqui agora?

Um pensamento inesperado saiu da confusão em sua cabeça: na

semana seguinte, seu filho teria completado 35 anos. Ela se sentou e abraçou os joelhos contra o peito. Nem mesmo podia colocar flores em seu

túmulo. Tudo que restara de seu bebê foi a memória da dor do parto, do sofrimento e da infinita tristeza que se seguiu. Em sua mente, viu o recém-nascido sendo levado envolto em linho branco — uma imagem que esteve

perdida em algum lugar do seu subconsciente e só voltou à vida aqui e agora. Lágrimas escorreram pelo seu rosto.

A maré continuava se aproximando e enchendo a baía. Ela se levantou, bateu a areia das roupas e correu de volta para casa. No caminho, passou pela cabana da família Vandenbroeck e novamente viu a orquídea no

parapeito da janela. Leander havia de estar aqui. Ele havia deixado a orquídea na frente de sua porta naquela manhã. Ele devia saber que ela estava aqui — mas como? Será que Emma, ou mesmo a própria Chloé, andaram fofocando novamente?

6

No início da noite, Corina e Chloé estavam em pé no terraço com um copo de vinho do Porto e fitavam a baía, afundadas em seus pensamentos.

Os últimos raios de sol dançavam sobre as poças deixadas pelo mar depois

do recuo. Crianças corriam descalças, gritando e recolhendo conchas do mar. Como Leander e ela antigamente — Leander? Agora precisava,

urgentemente, saber se ele estava aqui, mas não sabia nem como formular

a pergunta. Voltou-se para Chloé, queria perguntar, mas a expressão no rosto de sua tia não permitia a questão. Neste momento, seu semblante exprimia um estado de pura tranquilidade; os olhos claros, sábios, davam-lhe a impressão de que carregavam a paz do mundo dentro de si. Sim, ela

invejava essa serenidade. Será que poderia interromper esse instante mágico de harmonia e penetrar no seu universo de paz? De repente, Emma

entrou tropeçando com os pratos e o silêncio foi quebrado; as duas mulheres estremeceram.

— Eu fiz sua comida favorita, *missus* Chloé — Emma anunciou com alegria.

— Vieiras frescas e purê de batatas ao balsâmico — ofegante, ela

depositou um prato maravilhosamente perfumado sobre a mesa.

Vieiras grelhadas estavam ordenadas sobre um molho escuro, que

circundava o purê no centro do prato. Na inspiração do momento, Corina soltou a pergunta:

— Emma, você disse a Leander que eu iria passar minhas férias de verão aqui?

— enquanto observava Chloé com o canto do olho.

— Ai, ele me prometeu não dizer nada. — Ela mantinha a boca tapada

com as duas mãos. — *Missus* Corina, eu sinto muito, muito mesmo, ele apareceu aqui com uma caixa de chocolates e adoçou minha tarde com tantas histórias, e então, sim, falamos da senhora... Sem perceber, acabei contando. Oh, por favor, me perdoe.

— Está tudo bem, Emma, não se preocupe mais com isso.

Ela estava realmente feliz que Chloé não tinha dito nada, porque não poderia ter perdoado tão facilmente uma manobra sorrateira da tia.

— Então ele ainda está aqui — disse silenciosamente Chloé, como se confirmasse seus próprios pensamentos.

— Por quê? — ela perguntou, surpresa. — Você o viu?

— Sim, eu tive a impressão de tê-lo visto esta tarde, subindo as escadas da praia.

Um longo silêncio perdurou entre elas e Emma também se retraiu, arrependida de sua tagarelice.

— Oh, as deliciosas vieiras vão esfriar, por favor, comecem... Seria uma lástima — Emma quebrou o silêncio.

— Sim, Emma tem toda a razão. Vamos comer — disse Chloé, e a

empregada confirmou com um sorriso satisfeito.

Nem uma palavra foi dita durante a refeição. Chloé continuava com a expressão equilibrada em seu rosto. Qual seria seu significado? Ela tomou

um gole de vinho e olhou sonhadoramente para a baía. Leander estava realmente aqui! Essa certeza a dominava cada vez mais. Uma agitação generalizada cresceu dentro dela, sentia uma vibração interior tomando conta dos braços e das pernas... e diante dela estava Chloé, totalmente ausente, empurrando com compostura estoica uma vieira após a outra em

sua boca.

— Arthur — o nome saiu com fluência dos lábios de Chloé. — Arthur é uma pessoa muito especial. Ele viajou pelo mundo inteiro. Todas as noites, me conta histórias maravilhosas.

Com isso, desapareceu novamente por trás de seu muro,

permanecendo apenas um sorriso em seus lábios. Sem palavras, Corina fitou a tia com os olhos arregalados. Sim, ela é velha, mas não é senil; seu espírito conseguiu entrar em uma esfera sem idade. Ela parece sábia e nobre, e ao mesmo tempo está apaixonada como uma adolescente. O

pensamento a fez sorrir.

Chloé não falou muito mais naquela noite, conversava consigo mesma.

Mais tarde, ainda com um sorriso nos lábios antes de recolher-se, disse:

— Até amanhã, minha querida — antes de extinguir-se como uma forma luminosa em um quarto escuro.

— Sim, durma bem, Chloé.

Ela olhou para a baía, que podia ser vista claramente na luz do luar brilhante. Até agora, todas as experiências dolorosas em sua vida tinham sido de natureza temporária, exceto essa, a de seu filho morto, que se manifestou como algo

absoluto, impossível de entender. Não, ela não queria aceitar a morte. Ela esvaziou o copo em um só gole e balançou

rapidamente a cabeça para espantar esses pensamentos.

Mas mais tarde naquela noite eles voltaram, e estavam ainda mais

intrusivos. Por alguns segundos, ela viu seu filho, um menino pequeno e forte. Viu claramente que ele foi envolto em um pano branco por uma enfermeira e levado embora. Mas para onde? Ela esperou que o trouxessem

de volta — mas ele nunca retornou. Então, ela ouviu a voz que dizia: *Seu filho está morto!* Não, não queria entender, não podia assimilar esse fato, ela ouviu sua própria negação, um *não* que foi repetido várias e várias vezes, até que foi dizimado por uma seringa. Depois disso, perdeu a memória.

Banhada em suor, ela se sentou na cama, sentindo a dor

profundamente. O ar no quarto tornou-se sufocante; ela colocou o roupão

em torno do corpo quente e caminhou com pernas trêmulas até a janela para abri-la. Queria deixar sair o ar pesado junto com os problemas opressivos, mas, espere! Havia alguma coisa ali! Assustada, congelou no lugar — lá estava ele novamente, o longo vulto ao lado do caramanchão de

orquídeas, olhando para ela.

Recuou um passo. Seu coração batia tão violentamente que parou de

respirar por alguns segundos. Permaneceu imóvel até que a sombra voltou

a se dissolver na escuridão. Se era Leander, por que ele se comportava de

modo tão estranho? Por que se escondia? Leander, o nome estava preso em

sua língua — queria ter chamado, mas ela não produziu nenhum som. Por

que ele não podia simplesmente vir até a porta e tocar a campainha, ou chamar por telefone? Assustada, ela fechou novamente a janela e passou o

resto da noite escondida debaixo das cobertas.

Na manhã seguinte, foi acordada por um barulho vindo do jardim. Era um *clip-clip-clip* de algo sendo cortado, um som que foi ficando mais alto, até que teve a impressão de que alguém cortava seus nervos. Viu o pequeno ponteiro do relógio saltar para o nove — que diabo, tinha dormido demais, e provavelmente não poderia mais tomar café da manhã com Chloé.

Irritada, pulou da cama e correu para o banheiro, abriu a porta com um empurrão e logo parou, ofuscada pelo sol que penetrava pelas duas janelas altas. Sob essa luz, brilhava a banheira com pés de águia. Era um verdadeiro convite ao relaxamento.

Como poderia resistir? De repente, o desejo de repousar seus nervos tensos na água quente tornou-se uma necessidade. E como já tinha perdido o café da manhã com Chloé, de qualquer maneira poderia se entregar a esse luxo. Ela encheu a banheira, despejou o conteúdo de uma pequena garrafa de óleo de rosas na água e entrou. Foi lentamente deslizando na água morna, até quase imergir o rosto. Estava agora submersa em uma calma profunda, e deixou-se embalar pelas memórias da infância. Alguma vez já fora mais feliz do que naquela época?

Lentamente, emergiu do silêncio quente e úmido. Com os olhos ainda fechados, via vivamente todas as cenas das férias de verão daquele tempo. Podia quase tocar as imagens. Que ótima sensação acolhedora de segurança — um sentimento que, infelizmente, era de curta duração. Um rebuliço de corvos abalou suas memórias coloridas, desmanchou o sentimento reconfortante e arrancou de seu passado um padre da Escola de Santa Maria, forçando essa presença para o primeiro plano.

Era a época da primeira comunhão e o padre ensinou-lhes as diferentes

categorias de pecados: os pecados de ação maléfica e os sete pecados capitais, dos quais somente o bispo podia absolver. Durante os

ensinamentos, o padre exercia pleno poder; impetuoso, ele corria

furiosamente entre as carteiras escolares, agitando a batina e admoestando

as crianças para a obediência. Ele proclamava palavras que atingiam profundamente as pequenas almas dos alunos. Naquele tempo, Deus era quase como uma ameaça.

A memória da noite anterior voltou e se misturou com os antigos

ensinamentos do padre. Seu filho também foi concebido em pecado. Não era de surpreender que, aos 15 anos, ela tenha se curvado totalmente às decisões da mãe. Mergulhou a cabeça novamente na água para lavar esses

padres dos seus pensamentos.

Mais tarde, depois do café da manhã, decidiu ir até o jardim para dar mais uma olhada no caramanchão de orquídeas. Voltou a ouvir o *clip-clip* do cortador e então percebeu que era Eduard. Lentamente, se aproximou do jardineiro, que estava aparando uma linha de arbustos no caminho do jardim. A pele de suas mãos castigadas pelo tempo estava enrugada, parecendo um papel de embalagem, mas isso não diminuía sua força.

Quando percebeu a presença dela, endireitou-se, sorriu animado e

perguntou:

— *May I help you, missus Corina?* [1](#)

— Não, obrigada. Eu não queria incomodar. Só estava admirando a sua habilidade.

Eduard deu-lhe mais um sorriso e voltou ao trabalho. Durante algum tempo ficou assistindo, mas seus pensamentos estavam concentrados no vulto da noite. Seus olhos vagaram para o caramanchão de orquídeas e uma

voz interior disse: *Vá sim, vá ver*. Ela obedeceu e foi até lá. Tinha a sensação de que queria encontrar a sombra, talvez sentir seu toque. Parou na porta, exatamente no mesmo lugar em que a vira na noite anterior, e olhou para sua janela. Sim, sem dúvida, ele, quem quer que fosse, pôde vê-la na noite clara de lua cheia.

— Por que você não vai até a casa da família Vandebroek? Bata e pergunte por ele.

Assustada, ela se virou. Chloé apareceu no caminho do jardim, subindo da praia.

— Alguém está lá, todas as janelas estão abertas. Portanto, em seu lugar eu iria verificar.

Somente uma mulher experiente era capaz de falar dessa forma.

— Ah, eu não sei. O que devo dizer?

— Desde quando tem esta timidez? — Chloé a interrompeu. — Você nunca foi assim; pelo menos, eu não me lembro de você desse modo. — Ela se aproximou de Corina, agarrou-a firmemente pelos ombros e a encarou com olhos que sinalizavam determinação — *Vá agora até lá, você saberá o que fazer.*

— Talvez você esteja certa.

Corina juntou toda a sua coragem e foi. Apesar de se sentir como se fosse perder os sentidos, continuou bravamente. Pouco tempo depois,

estava em frente à porta dos Vandebroek. Com a mão trêmula, tocou a campainha, mas ao mesmo tempo recuou respeitosamente um passo. Ouviu

passos no assoalho, aparentemente de um homem pesado, e de repente a

porta se escancarou. Espantada, ela olhou para a figura na sua frente. Não, não era Leander, era o passageiro que se sentou ao lado dela no avião.

Corina ficou parada, boquiaberta, olhando para o homem que preenchia quase toda a moldura da porta.

— Ora, ora, que surpresa. Olá, já está melhor? Você se recuperou das náuseas?

— Uma sorora gargalhada inflou seu peito.

— Sim, eu estou bem, mas o que você está fazendo aqui?

— Oh, desculpe, eu esqueci de me apresentar: meu nome é Lukas

Braun, sou advogado e notário, e devo regulamentar algumas coisas para o jovem Vandebroeck. E você? O que você está fazendo aqui?

— Férias. Estou de férias — sua voz soou fina e frágil.

— Isso eu já percebi. Mas o que a traz aqui, a este endereço?

— É um assunto particular. Eu gostaria de falar pessoalmente com o jovem Vandebroeck. Ele está aqui?

— Não, ele desceu para a praia. Posso dar um recado?

— Não, obrigada.

Não conseguiu dizer mais que isso. Ela só queria fugir dali. Ele... O

jovem Vandebroeck... Leander, *seu grande amor da adolescência estava realmente aqui*. Movida por essa realidade, correu até a praia. Seus olhos percorreram toda a extensão da orla — nada. Nem uma viva alma lá.

Decepcionada, ela desmoronou na areia e lágrimas involuntárias

escorreram de seus olhos. Se estava decepcionada por não o ter

encontrado, ou se chorava de alívio porque ele não estava aqui, eram questões que não saberia responder agora. Ela descansou a cabeça sobre os

joelhos e chorou silenciosamente, sentindo pena de si mesma. Deve ter ficado um bom tempo sentada ali daquela maneira, até que uma voz a libertou.

— Pare de chorar, Corina, muitas lágrimas só farão o mar aumentar, e depois vamos todos nos afogar nele. Afinal, estamos em uma ilha.

Palavras do passado se misturaram com o presente e agora, como

então, ela abaixou os olhos para os pés. Enxugou as lágrimas, levantou a cabeça e olhou para um par de olhos brilhantes. Ainda hoje, o vento despenteava seus cabelos, só que agora não eram mais ruivos, mas

completamente grisalhos. Todavia, seus olhos brilhavam como no primeiro dia que se encontraram, e, exatamente como naquele dia, ela respondeu

“não é verdade” com a voz um pouco trêmula, mas muito alegre.

Sem uma palavra, ele se sentou ao lado dela. Por um momento, seu olhar penetrou profundamente nos olhos de Corina. Então ele tocou

suavemente o seu rosto e enxugou as lágrimas com o polegar.

— É um longo tempo, Corina, muito tempo. Você não imagina o quanto eu desejei e esperei pelo nosso reencontro.

— Onde você esteve todos esses anos? Por que você nunca mais me procurou?

Inquieto, seu olhar se fixou no rosto dele; estava mais velho, mas não perdera nem um pouco do brilho juvenil. Os olhos castanho-claros mantinham o ar de curiosidade e irradiavam calor.

Seguiu-se um profundo suspiro, que incluiu o primeiro obstáculo de seu encontro.

— Venha, vamos andar um pouco, eu vou lhe contar tudo.

[1.](#) Posso ajudá-la, senhora Corina?

7

Incapaz de dizer qualquer outra palavra, ela se levantou e o seguiu, como a jovem que naquela época seguia o amor infinito que sentia por ele.

Por um tempo, os dois caminharam em silêncio pela areia, ambos tentando reunir seus pensamentos e se acalmar. Havia um sentimento de intimidade, mas os 35 anos de separação criaram um abismo entre eles. Agora, era hora de construir uma ponte estável sobre a qual pudessem falar do passado e finalmente esclarecer as questões não resolvidas — mas como? Insegura, ela o observava com o canto do olho. Do menino delicado fez-se um homem maduro, postura ereta, passos seguros que indicavam uma pessoa com experiência de vida. Sua barriguinha dava-lhe um ar simpático. Mas o que estava marcado em seu rosto? Desde a infância, seu rosto, a profundidade da ruga na testa, as sobrancelhas contraídas denunciavam seus pensamentos.

Sensibilizado pelo seu olhar, ele a encarou. Seu rosto relaxou um pouco.

— Como você está? Você é casada? Você tem filhos e...

Ela o interrompeu com uma questão recíproca:

— Você é casado? Você tem filhos?

— Eu sou viúvo há cinco anos.

A questão dos filhos apertou seu coração. Como poderia responder a esta pergunta? Como contar a verdade sem feri-la?

— E você? Ainda não respondeu a minha pergunta.

— Eu sou divorciada.

Ela teria preferido jogar-lhe a verdade logo na cara, contar que ela tivera um filho dele há 35 anos e que a criança estava morta... mas a racionalidade superou o seu desejo, e em vez disso ela disse:

— Não, não tenho filhos — uma resposta com um sabor amargo.

— Não tem filhos — ele repetiu em voz baixa.

Eram palavras que magoavam e que neste momento só aumentavam o abismo entre eles.

Sim, e neste momento, ela o odiou — odiou a sua ignorância; depois de todos esses anos em que se consumira sem nunca ter deixado de amá-lo.

Agora, neste momento, queria machucá-lo, queria fazê-lo sentir a dor que ela teve de suportar. Não era a dor física do parto, mas o sofrimento emocional, as noites regadas a lágrimas de desespero, a infinita tristeza —

e, finalmente, a busca desesperada pelo rostinho de seu filho, que sempre tentava imaginar, mas nunca conseguiu. De uma hora para outra, não podia mais suportar a proximidade dele e parou brevemente para ganhar

distância física. Ela voltou seu olhar para o mar, que se aproximava lentamente com um ruído suave, quase imperceptível, como se não

quisesse incomodar. Respirou fundo, afastando os sentimentos dolorosos e perturbadores daquela época.

Em outros tempos, teria surtado, teria gritado para expulsar a raiva.

Hoje, esperou pacientemente para ouvir o que ele tinha a dizer e, a julgar pelo tempo de espera, ele teria muito a relatar ou mesmo a lamentar.

Entretanto, ele tinha se aproximado e parado atrás dela. Podia sentir sua respiração em seu pescoço e, como antigamente, fechou os olhos, esperando o beijo que ele lhe daria — não, que tolce sua acreditar que o

passado poderia se repetir. Um pouco decepcionada, ela se virou e viu seu rosto desesperado. Notou a profunda ruga de preocupação entre as sobrancelhas contraídas. Por que ele estava desesperado? Por quê?

Delicadamente, ele a tomou nos braços e a segurou em um abraço amigável, sem dizer nada. O abismo entre eles parecia fechar-se e, durante algum tempo, os dois corpos ficaram juntos.

Num tom baixo, ele começou a falar em um tom que mais parecia um sussurro:

— Você sabe o quanto eu senti sua falta? Os primeiros tempos foram insuportáveis para mim, eu pensei que iria morrer, eu via seu rosto em cada jovem que tinha alguma semelhança com você. Às vezes, ouvia a sua

voz em meus sonhos, ouvia a sua risada... Quando acordava, sentia um interminável vazio dentro de mim. Então, mergulhei nos estudos. Com o tempo, a dor diminuiu, mas eu nunca parei de pensar em você.

Ele a apartou delicadamente e seus olhos procuraram os dela.

— Eu nunca esqueci você — suas palavras eram repletas de ternura, mas em seu rosto estava estampada a confusão. Algo não estava certo, ela sentia isso no fundo do coração, mas não sabia dizer o que era.

Ele se afastou dela e seguiu em frente.

— Você gostaria de sair para jantar? Amanhã à noite?

— Sim, com prazer — ficou aliviada com a pergunta.

— Está bem, então eu vou buscá-la por volta das 18 horas.

Ele pegou a mão dela com ambas as mãos e beijou-a no dorso

— Até amanhã, Corina. estou muito feliz! Infelizmente, tenho de ir agora, preciso fazer alguns telefonemas importantes.

Um pouco perdida, enclausurada em si mesma, ela permaneceu ali de

pé, vendo-o ir embora. Ele apareceu do nada, sussurrou palavras doces, tocou seu coração e, antes que pudesse se dar conta do que acontecia, partiu de novo. Lentamente, tomou o caminho de casa, enquanto em sua mente repassava cada palavra falada, cada frase em detalhes.

— Oi, Corina, onde você estava? Nós já estávamos preocupados com você!

A frase a atingiu como um balde de água fria. Hesitou por um momento e olhou para o rosto preocupado de Chloé.

— Oh, desculpe, eu fui caminhar na praia e não vi o tempo passar.

— Está tudo bem?

— Eu encontrei o Leander.

— Vocês se falaram? — ela observava Corina com curiosidade.

A menção do nome *Leander* a jogou de volta para a realidade.

— Sim, nós conversamos.

— E...?

— Nós vamos sair amanhã à noite.

— Você me dá a impressão de que não está contente com isso. Estou certa?

— Sim, sim, eu estou contente, mas há algo de errado com ele. Eu não sei o que é, mas tenho o pressentimento de que ele tem um problema.

Agora, ao ouvir as suas próprias palavras, sentiu um leve desconforto.

As duas caminharam silenciosamente pelo jardim, ao longo dos arbustos aparados por Eduard, que se alinhavam com perfeição.

Estranhamente, a disposição das plantas a tranquilizava. Sim, ordem — isso fazia bem!

— Vinho do Porto! Vamos esquecer o susto e brindar o reencontro com Leander com um bom vinho do Porto — disse inesperadamente Chloé, enquanto dava um empurrãozinho em Corina e ria como uma adolescente.

— Sim, é exatamente disso que eu preciso agora.

Emma já tinha colocado o vinho frio sobre a mesa e servido as duas taças, porque ninguém conhecia os hábitos de Chloé como ela. Corina sugeriu o brinde:

— A nós e à vida...

— ... e ao amor — acrescentou Chloé, esvaziando a taça em dois goles.

Corina seguiu o exemplo e também esvaziou sua taça rapidamente. A

segunda taça foi seguida da terceira e, aos poucos, o efeito do álcool a colocou em um humor sentimental.

Ela sentou-se ao lado de Chloé e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Ah, Chloé, eu gostaria de lhe dizer que você é fenomenal, e na minha infância você foi sempre como uma segunda mãe. Você é uma mulher maravilhosa, com um grande coração, uma pessoa incrivelmente aberta para a vida, receptiva e liberal, cheia de compreensão e afeto, está ouvindo? Sim, Chloé, você é maravilhosa.

—Ter a oportunidade de ouvir isso na minha idade é maravilhoso, Corina. Você é uma grande mulher e isso também merece um brinde: a nós, grandes mulheres. Agora, a velha garotinha aqui vai começar a chorar. As duas riram, choraram e conversaram até tarde da noite.

Mais tarde, já deitada na cama e embalada pelos querubins italianos da cabeceira, ela se sentia atordoada não apenas pela embriaguez, mas também por uma enorme solidão. Somente conseguiu pegar no sono nas primeiras horas da manhã.

8

Na tarde seguinte, Arthur Von Ehrenheim passou para visitar. O senhor Von Ehrenheim tinha a mesma idade de Chloé. Era um historiador da arte, alemão, aposentado, que há alguns anos se dedicava ao seu *hobby* como comerciante de antiguidades. A casa foi imediatamente dominada pela sua presença. Emma estava de ótimo humor e corria incansavelmente de um lado para o outro para servir o nobre alemão. Extremamente satisfeito com essa atitude, ele se deixou afundar na grande poltrona de couro na frente da lareira. Ao seu lado, o carrinho de chá estava preparado com um bule e

três xícaras. Inquieto, ele olhava várias vezes para o seu relógio e o comparava, sacudindo a cabeça, com o velho relógio sobre a lareira, que fazia pequenas pausas a cada quinze minutos para, em seguida, produzir um longo e singular chiado e então seguir seu ritmo.

Corina estava parada no último degrau da escada e observava a cena com um sorriso. Mas ela parecia não estar sozinha; havia ainda outro par

de olhos que acompanhava tudo: *sir* William, que assistia de camarote e parecia bastante entediado pelo hóspede. Mas onde estava Chloé? Ah, claro,

como senhora do mundo, tinha de deixar o nobre esperar um pouco,

conforme pediam os antigos costumes.

Finalmente, a porta do quarto se abriu e Chloé passou por ela com uma piscadela.

— Bem, como estou? — a pergunta saiu de seus lábios ligeiramente trêmulos de emoção.

— Você está adorável, não admira que ele esteja apaixonado.

— Venha, vou apresentá-lo a você. — Ela pegou Corina pela mão e a puxou do último degrau para baixo. Enquanto flutuava em direção ao visitante, celebrava em voz alta: — Aí está você, meu querido Arthur, eu não posso dizer como estou satisfeita em recebê-lo aqui em minha casa.

O senhor Von Ehrenheim fechou o botão do meio do paletó, pegou a mão de Chloé e roçou um beijo em seu dorso, seguido por um abraço afetuoso, mas reservado.

— Posso lhe apresentar a minha sobrinha Corina Liszt? Corina, este é Arthur von Ehrenheim, meu vizinho no residencial da cidade, que

entretanto já se tornou um bom amigo — um leve rubor apareceu em sua face.

— Senhor Von Ehrenheim, é um prazer conhecê-lo.

— O prazer é todo meu, *missus* Liszt. — Ele inclinou galantemente a cabeça e também a saudou com um leve beijo no dorso da mão. — Por favor, pode me chamar de Arthur.

— Arthur, estou feliz em conhecê-lo — ela repetiu —, então peço que também me chame de Corina.

— Agora que já cumprimos as formalidades, sugiro que tomemos o nosso chá — acrescentou Chloé com empolgação.

Arthur von Ehrenheim sentou ereto na poltrona e seus olhos pousaram, cheios de admiração, em Chloé. Os dois murmuravam palavras de afeto, como adolescentes apaixonados. Corina contemplava emocionada, feliz pelos dois, e ao mesmo tempo com uma ponta de inveja.

Como não poderia ser de outro modo, o sr. Von Ehrenheim capturou o olhar de Corina e, no mesmo instante, se sentiu compelido a oferecer explicações:

— Minha cara Corina, você certamente está pensando que somos dois velhos loucos que esqueceram suas idades, mas definitivamente não é este o caso. Chloé deu um novo significado à minha vida. Antes de conhecê-la, eu me dedicava às minhas enfermidades, permitindo que todos os sinais da idade prevalecessem. Relembrando, hoje posso dizer que houve uma época em que a idade era o tema principal em minha vida. — Ele limpou a garganta e retomou com uma voz mais profunda: — As pessoas à minha volta muitas vezes me viam como um velho rabugento. Então, desde que eu conheci Chloé, tudo mudou.

Ele piscou para Chloé, que confirmava firmemente cada uma de suas palavras, motivando-o a prosseguir. Ele respirou fundo e intensificou o assunto.

— Devo mencionar que eu lidei muito tempo com a questão da idade.

Eu queria envelhecer com respeito; então, comprei a literatura apropriada, na esperança de encontrar algo de enriquecedor em relação ao tema velhice. Eu cheguei até a encontrar um certo conforto ao ler que muitos outros tiveram os mesmos problemas.

Consciente de sua audiência, ele endireitou-se na poltrona e abriu novamente o botão do meio do paletó para falar mais livremente.

Levantando a voz, continuou:

— Havia, por exemplo, Chateaubriand, que odiava a sua idade. Quando sua carreira política terminou e ele perdeu a fama, disse a um pintor que pediu para retratá-lo: “Na minha idade, já não há mais vida suficiente no rosto, de modo que não seria justo submeter o pincel a estas ruínas”; Wagner, certa vez, ao ver seu reflexo em uma vitrine, disse de si mesmo:

“Não me reconheço nessa cabeça cinzenta”; Goya sempre negou sua idade.

Em seu autorretrato, que pintou aos 70 anos, ele se deu os traços de um homem de 50 anos de idade. Mas a mais cruel das declarações sobre a idade veio de Michelangelo. Atormentado por ataques de ansiedade e

enfermidades físicas, ele escreveu: “Eu estou quebrado, desgastado e parálítico devido a longos trabalhos. A estalagem, à qual agora me dirijo para viver e comer em comunidade, é a morte”. Deste modo, eu poderia lhe

descrever a idade em todas as nuances mais escuras. De repente,

percebemos que estamos nos comprazendo cada vez mais com as

memórias e descobrimos que a cor da vida se esconde por trás da cortina

do passado. Houve um tempo em que eu só olhava no espelho de manhã para me barbear. — Ele se voltou para Chloé, sorriu e disse: — Um dia, eu li o seguinte anúncio no jornal: “Procura-se companheiro em residencial de idosos”. Admito que no começo fiquei desconfiado da palavra ‘residencial de idosos’, mas, depois, fiquei curioso... Bem, para encurtar a história: marcamos uma hora e, logo à primeira vista, achei Chloé mais do que apenas simpática.

Um sorriso encabulado se abriu em seu rosto.

— Chloé, você permite que eu conte?

Foi uma pergunta retórica. Ele já tinha iniciado a narração quando ela acenou positivamente.

— Um dia, estávamos sentados, tomando nosso chá da tarde habitual

— ele pousou suavemente sua mão sobre a de Chloé —, quando comecei a me perguntar o que ela pensava de mim, um velho com um rosto

atravessado por rugas e sulcos. Na verdade, eu tinha vergonha da minha idade, da minha aparência e de minhas fraquezas. Então, sem que eu perguntasse, Chloé comentou como meu rosto era bonito e bem-proporcionado. As rugas, disse ela, testemunhavam uma vida de

realizações, destacando um caráter forte, e os traços finos ao redor dos meus lábios me conferiam uma expressão digna. Essas declarações saíram

de forma espontânea e honesta — ele sorriu para ela.

— Sim, e eu tenho toda razão. Aliás não há nada de errado em dizer a

verdade, não é? — Chloé olhou interrogativamente para Corina e piscou para ela.

— E você sempre tem razão — brincou Corina.

— E discordar dela é praticamente impossível — acrescentou Arthur,

revidando a piscadela. — De qualquer forma, a partir daquele momento, eu

parei para pensar sobre a idade. Podemos interrompê-la? Não! Então vamos conviver com ela da melhor forma possível.

— Já está há muito tempo aqui em Jersey, Arthur?

— Depende do que você considera muito tempo. Já estou aqui há

alguns anos, desde que decidi dedicar meu tempo às antiguidades. — Ele pegou sua xícara de chá e tomou um gole, enquanto mantinha seu olhar o

tempo todo em Chloé.

O anoitecer criava uma atmosfera muito especial no ambiente.

— Essa luz lhe cai bem, Chloé, o crepúsculo a lisonjeia — disse Arthur.

Embaraçada, Chloé também pegou sua xícara e bebericou.

— Obrigada — ela suspirou em uma resposta apaixonada.

Observando o casal, Corina desviou seus pensamentos para o esperado encontro com Leander. Sua alegria se misturava com as belas lembranças de um tempo despreocupado e compartilhado em momentos eternamente

românticos. Ao pensar que logo estaria com ELE, *seu grande amor do passado*, sentiu um formigamento quente atravessar-lhe o abdômen. O

pensamento a fez levantar-se rapidamente. Atravessou a sala em passos animados e, com um sorriso, disse:

— Desejo-lhes uma noite maravilhosa.

No auge de sua agitação, ainda conseguiu ouvir as palavras de Chloé.

— A você também... e ao Leander, uma ótima noite.

O nome Leander permaneceu suspenso na sala, ainda ressoando por um tempo, e ela ficou um instante parada, antes de subir as escadas para o seu quarto.

9

Pouco antes das 18 horas, ela estava na frente da casa, esperando por Leander. Seu terninho azul-escuro com a camisa branca conferiam uma elegância clássica. Perguntas vinham novamente à tona: por que Leander se comportava de modo tão estranho? Que mistério estaria escondendo dentro de si? Ficaria sabendo hoje à noite. Antes que pudesse vê-lo, Corina sentiu sua presença: ela se virou, e lá estava ele. Algo de inquisidor devia estar estampado em seu rosto, porque ele hesitou por um momento e então disse com ar fingido:

— Está bem, eu confesso, a culpa é minha.

Deu-lhe um beijo amigável no rosto e sorriu. Sim, era o mesmo sorriso de antes, um sorriso que permanecera na memória dela por todos esses anos.

— Eu não ouvi você chegando, de onde veio?

— Ora, eu fiz como antes; atravessei o jardim, passando rente à casa...

Lembra?

— Ah, claro, para evitar os passos traiçoeiros no cascalho...

Ambos riram com a lembrança.

— Eu reservei uma mesa no Old Courthouse Inn, em St. Aubin. Se você concordar, podemos ir antes até o porto, apreciar um pouco esse

maravilhoso pôr do sol na praia...

— ... Assim como antes — Corina completou e sorriu.

— Mas hoje nós não vamos procurar conchas — ele brincou. — Venha, meu carro ainda está na frente de casa.

Conversando e lembrando com alegria alguns episódios a infância, eles caminharam pelo caminho de cascalho até a casa da família Vandebroek, mas, curiosamente, com o fechar das portas do carro, a conversa morreu.

Ambos queriam desfrutar da magia da nova proximidade.

Ao chegar à praia, ela tirou seus sapatos brancos e colocou

cuidadosamente a ponta do pé direito na areia, testando a temperatura antes de pisar também com o pé esquerdo.

— A gente nunca se livra dos velhos hábitos — riu Leander, imitando o seu gesto.

Por um tempo, os dois caminharam lado a lado pela areia. Algo tácito

pairava entre eles. Algo que cada vez mais forçava a saída, mas não encontrava abertura. Finalmente, o assobio de um pássaro marinho

solitário abriu a passagem... assustado, como que arrancado de um sonho,

Leander olhou para o pássaro e então começou a falar. Ele simplesmente retomou a conversa do dia anterior, como se as últimas horas não tivessem passado.

— Foi logo depois do nosso último verão aqui em Jersey. Sim, eu me lembro muito bem de quando minha mãe disse: seu pai foi nomeado cônsul

em Boston e eu matriculei você na universidade de lá. Antes mesmo que pudesse pensar com clareza sobre o que estava acontecendo, eu já estava

sentado no avião para os Estados Unidos... Mas, diga, Corina, por que você nunca respondeu às minhas cartas? — Ele parou e a olhou interrogativamente, mas também com um pouco de censura.

— Cartas? Que cartas? Eu nunca recebi uma carta sua.

Ela pensou em sua mãe e no mesmo momento percebeu que só podia ter sido ela quem fizera as cartas desaparecerem. A vergonha tomou conta de Corina; sim, sentia vergonha pela sua mãe e corou no lugar dela; mantinha os olhos fixos em seus pés, que agora perfuravam a areia em sinal de constrangimento.

— Eu nunca recebi uma carta sequer.

Sem levantar os olhos, ela se virou e saiu andando. Mais uma revelação amarga, mais uma decepção em relação à sua mãe.

Durante algum tempo, ele permaneceu imóvel, observando-a e registrando sua declaração sem comentários. Então, ele a seguiu.

— Sabe, Corina, no começo eu odiei você por causa de seu silêncio, mas depois eu pensei: bom, ela provavelmente está com raiva de mim por eu ter desaparecido sem deixar rastro — ele deu uma risada curta —, mas, com o tempo, eu pude entendê-la. Eu pensei que, no seu lugar, teria agido exatamente do mesmo modo. Acredite em mim, no começo eu pensei que

fosse morrer, mas eu não tinha escolha senão seguir as ordens de meus pais. No início, eu mandava uma carta por semana, então quando percebi que nunca receberia uma resposta, parei de escrever. — Ele virou-se para o

mar, perdido em pensamentos, e disse: — Em nenhuma outra parte ela é assim

extrema como aqui nas ilhas do canal.

Ela o olhou intrigada.

— Do que você está falando?

— ... A maré — disse ele, com uma mistura de fascínio e admiração.

Ela seguiu seu olhar.

— O mar se retira inexoravelmente; num certo ponto, tudo o que sobra é apenas uma faixa reflexiva no horizonte. Você se lembra? Este era um dos nossos lugares favoritos. — Ele sorriu e seus olhos estavam repletos de nostalgia de uma juventude que não volta mais.

— Como eu poderia esquecer, foram os melhores tempos da minha vida... embora não tenham sido os mais descontraídos.

Os dois ficaram alguns minutos em silêncio. Neste momento mágico, sentiam-se como se todos esses anos não tivessem passado e tinham combinado de se encontrar hoje à noite para procurar conchas.

Infelizmente, a viagem no tempo só durou um instante. Sua mão procurou a dela e segurou-a. Corina virou-se para que pudesse ver seu rosto. A tristeza tinha suplantado o seu sorriso. O que estava acontecendo com ele? Que carga opressiva era aquela que perturbava sua alma? Como se pudesse sentir suas perguntas, ele apertou a mão dela com força.

— Diga, Leander, o que o incomoda? — irrompeu de dentro dela. — Eu sinto que algo não está certo...

Ele habilmente mudou de assunto.

— Venha, vamos voltar antes que a escuridão caia.

Com determinação, pôs o braço em torno de seu ombro e a conduziu de volta ao porto.

Um pouco mais tarde, eles estavam em frente ao velho e formoso restaurante Old Courthouse Inn, que tinha uma maravilhosa localização no porto de St. Aubin, e cujas construções originais, ainda datavam do século

XIV. O ambiente alternava-se entre rústico e elegante: espelhos em molduras douradas adornavam as paredes de alvenaria descoberta; a

iluminação romântica e os pesados tapetes vermelhos transmitiam uma agradável e aconchegante sensação. Os clientes tinham a impressão de estar na barriga de um velho navio. Um garçom logo se aproximou e os conduziu a uma mesa de madeira polida, à janela. Depois de acender uma

pequena vela na mesa, o garçom se colocou em posição ereta, limpou a garganta e anunciou o menu:

— Como entrada, uma deliciosa salada de caranguejo; em seguida, uma lagosta recém-pescada sobre cama de arroz com legumes frescos; e, de sobremesa, recomendo nossa criação com iogurte de produção própria, acompanhada de morangos frescos.

— Parece maravilhoso. O que você acha, Corina?

Ela confirmou com a cabeça.

— Ótimo, então aceitamos a sua sugestão. Para beber, sirva-nos, por favor, vinho do Porto como aperitivo, seguido de vinho branco seco.

Por um tempo, eles ficaram sentados frente a frente como dois

estranhos. Somente depois que o garçom chegou e serviu os aperitivos a conversa foi reatada.

Leander levantou sua taça:

— Ao passado...

— Não, ao presente — ela corrigiu.

De repente, vieram à tona memórias íntimas do espaço confinado de sua relação.

— Leander, desde que cheguei à ilha, tenho a impressão de que tudo está se misturando: o passado, um presente confuso e um futuro possível.

Objetos, sensações, aromas, comentários da tia Chloé e da Emma me levam de volta no tempo. Então, eu encontro você... Você é passado e presente ao mesmo tempo, e eu não sei como processar a sua presença...

Ela lhe deu um sorriso acanhado.

— Na verdade, vim até aqui para me conscientizar do meu futuro.

Tinha a intenção de planejar minha próxima etapa de vida. E agora me encontro voltando ao passado — ela o olhou interrogativamente.

Sob as sobrancelhas contraídas, seus olhos cor de âmbar a fitavam inquietos. Com as duas mãos ele envolvia as mãos dela com ternura.

— Você vai me dizer o que há de errado, Leander?

Ele baixou os olhos, as mãos se separaram e ambos levaram constrangidos suas taças aos lábios.

— Você sabia, Corina, que eu tenho um irmão? Pelo menos, eu acreditava ter um até um ano atrás. — Sua ruga ficou ainda mais acentuada.

— Sim, Chloé me contou... Há algum problema com o seu irmão? — ela

perguntou hesitante.

Ele olhou pela janela e fez uma longa pausa, em que parecia estar estruturando o que tinha para dizer. Sua pele estava um tom mais claro do

que alguns momentos antes. Ele respirou fundo e começou a contar:

— Minha mãe morreu no ano passado. Duas semanas antes de falecer,

ela me ligou e disse que precisava falar comigo urgentemente. Até aquele momento, ela não tinha permitido que qualquer um ficasse sabendo de sua

doença cardíaca. Meu pai tinha instruções rigorosas para manter sigilo e, como sempre, ele fez o que ela exigia. Eu já imaginava que havia algo de errado com ela, mas não sabia o quão grave era seu estado de saúde.

Naquela tarde, quando cheguei em casa, aconteceu algo que mudou não só a minha vida, mas a de todos nós. Minha mãe reuniu a família inteira na biblioteca. Enquanto meu pai instalava uma tela e estava ocupado tentando

fazer o velho projetor funcionar, minha mãe permaneceu sentada com cara

séria na grande poltrona, que parecia envolver completamente seu corpo magro e enfraquecido pela doença. Ao seu lado, em uma poltrona de braços, estava Richard, meu suposto irmão.

Ele fez um curto intervalo, como se tivesse de se certificar novamente

daquilo que tinha a dizer.

— As cortinas foram fechadas, o projetor começou a funcionar aos

trancos e logo a tela ganhou vida. A primeira imagem foi de nossa casa em

Boston. Em seguida, apareceu nosso personagem principal: o pequeno

Richard. Sua vida passou pela tela, desde o batismo até a cerimônia de formatura. Eu observei minha mãe, que assistia sem um piscar de olhos; meu pai estava sentado perto da porta da frente e empenhava-se em manter o projetor funcionando. De vez em quando, Richard e eu

trocávamos olhares atônitos, ele parecia tão desinformado quanto eu.

Quando o filme acabou, minha mãe olhou para mim, seu rosto parecia frágil. Com uma voz seca, ela disse: “Richard é seu filho”. A declaração repercutiu como um eco na sala, entrou na minha cabeça, mas não

penetrou minha consciência. No começo, eu pensei que a doença ou a medicação forte haviam atacado sua mente... simplesmente não podia

acreditar no que ela disse. Mas então ela repetiu essas palavras

inacreditáveis, em alto e bom som: “Richard é seu filho, Leander”.

Ela continuou:

— Olhei para o meu pai, que permanecia sentado como uma sombra silenciosa ao lado do projetor. Seus olhos fitavam suas mãos entrelaçadas; sua postura estava tensa e seu rosto refletia vergonha. Levei algum tempo para assimilar a afirmação. Então, eu explodi. Comecei a gritar: “Não, você está dizendo bobagens insensatas...” Meu olhar se voltou para Richard, que permanecia ali sentado, perplexo, o rosto pálido e os olhos arregalados pregados em mim. Eu caí de joelhos em frente à minha mãe, peguei suas mãos frias e implorei para reconhecer a verdade no fundo de seus olhos.

“Ele é seu filho”, ela repetiu novamente, desta vez com uma voz fraca e trêmula. Sem querer acreditar, eu balancei a cabeça várias vezes, cheguei a

rir... Então procurei a ajuda do meu pai: “Por favor, me esclareça... Eu não estou entendendo nada”, implorei.

Enquanto isso, a entrada foi servida. Pegou o garfo e empurrou a salada de caranguejo de um lado para o outro do prato.

— Bem, de uma hora para a outra, meu irmão virou meu filho. Minha mãe,

então, relatou todos os detalhes. A história é quase inacreditável, mas é verdadeira. — Ele depositou o garfo ao lado do prato, esfregou seu rosto com ambas as mãos e balançou a cabeça novamente. — Vamos comer alguma coisa primeiro, porque eu preciso de força para continuar contando.

Então ele começou a comer, demasiadamente rápido na opinião dela.

Enquanto isso, o garçom serviu o vinho branco. Ele bebeu a primeira taça apressadamente. Um silêncio opressivo tinha se instaurado entre eles.

Corina sentiu que essa era apenas a ponta do iceberg. Algo a advertiu para não fazer perguntas.

Ela lembrou o que dissera Lukas Brown, o homem que se sentou ao lado dela no avião; aquelas palavras: “... ele perdeu o irmão, mas virou pai”.

Ele estava se referindo a Leander. A euforia de vê-lo foi se dissipando conforme o jantar era servido, sendo substituída pelo medo do que ele ainda tinha para dizer.

Ao terminar, Leander apertou seu estômago com as duas mãos. Então, acenou para o garçom e pediu um digestivo.

— Para você também, Corina?

— Não, obrigada. — Agora, ela não podia conter sua curiosidade por mais tempo, e, num ímpeto, colocou a questão: — Então, ele é seu filho?

O garçom serviu um conhaque duplo. Ele levou o copo aos lábios, encolheu os ombros e sorveu metade do conteúdo.

— Sim, ele é meu filho, não há nenhuma dúvida sobre isso.

— E quem é a mãe?

— A mãe de Richard?... Bem, essa é outra história.

— Não entendo. O que houve com a mãe?

Visivelmente constrangido, ele deslizou para a frente e para trás na cadeira e sentou-se ereto. Tudo indicava que as próximas palavras

causariam dor. Finalmente, conseguiu se concentrar, fixou o olhar no copo, que tremia em suas mãos, respirou fundo e disse:

— Eu amava desesperadamente essa mulher, mas o amor jovem que estava apenas começando a se consolidar foi separado pelos nossos pais. O que eu não sabia era que ela estava grávida de mim... — Desamparado, ele procurou os olhos dela, como se esperasse compreensão, mas a esperança foi em vão; ele encontrou apenas um par de olhos interrogativos. — Oh, Corina, por que precisa ser assim; que justo eu, EU!, tenha de contar isso a você agora...

Ele depositou o copo na mesa, agarrou as mãos dela e as segurou firmemente. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Um forte mal-estar tomou conta dela.

— Eu não o entendo, você fala por enigmas. Por favor, seja mais claro.

Suas palavras saíam com intervalos:

— Já era tarde demais para um aborto e, do ponto de vista religioso, isso nem vinha em questão, então...

Seu olhar vagou pelo restaurante, como se procurasse algo que pudesse ajudá-lo. Novamente, ele apertou desesperadamente as mãos dela,

respirou fundo e continuou:

— Então decidiram deixar a criança nascer e, em seguida, entregá-la para adoção. — Suas mãos ficaram úmidas e frias. — Sim, e para evitar maiores dores de cabeça, simplesmente disseram à jovem mãe que a

criança estava morta. — Suas mãos soltaram-se, da mesma forma como a declaração havia sido libertada; o não dito fora finalmente pronunciado. O

fluxo das palavras retomou o ritmo. — Entretanto, alguns dias depois, minha mãe decidiu que um Vandenbroeck não podia simplesmente ser

entregue a mãos estranhas, de modo que ela adotou o menino e simulou ser

a mãe biológica. Eu fui deliberadamente deixado sem explicações. Como eu

era estudante na época e raramente estava em casa, um belo dia fui informado que minha mãe tinha dado à luz um filho. Bom, eu pensei, não é

incomum uma mulher ter uma criança aos quarenta e poucos anos...

No mesmo instante, Corina viu as imagens de seu passado sendo

rapidamente reproduzidas em sua mente. Ela viu o filho que acabara de dar

à luz, viu a enfermeira envolver o bebê em panos brancos e levá-lo às pressas. Ele estava falando do seu filho! Era o SEU FILHO!

Em seguida, suas palavras transbordaram em tom de reprovação:

— Richard é o meu filho... Quero dizer, nosso filho? — Ela o olhou indignada; queria de todo jeito ouvir essa maldita resposta dele. —

Responda!

Ele tomou novamente as mãos dela e as segurou com aflição.

— Sim, ele é nosso filho! É isso mesmo. Sim!

Antes mesmo que o último SIM terminasse de repercutir no ambiente,

ela levantou sua taça e jogou o resto do vinho na cara dele, ao mesmo tempo que involuntariamente proferia palavras duras em voz alta.

— Vocês não passam de um bando de mentirosos miseráveis! Como alguém pode ser tão insensível a ponto de separar uma mãe de seu filho? E quanto a você, eu nunca mais quero voltar a vê-lo!

Com isso, ela se virou abruptamente e saiu correndo do restaurante.

Exatamente como no dia em que o médico lhe dissera que estava grávida, ela caiu em um transe. Da mesma forma, tropeçou na rua, sentindo-se como em outro planeta e absorvendo tudo à sua volta, o ruído da rua, as conversas e as risadas dos transeuntes, como um eco longínquo.

A certeza de que seu filho *dado como morto* estava vivo era tão monstruosa que seu coração ameaçava explodir; a ideia de ter sido enganada por todos a estrangulava lenta e aflitivamente. O passado doloroso a perseguia implacavelmente pelas ruas estreitas de St. Aubin, enquanto ela sentia, bem no fundo, que não havia escapatória: teria de encará-lo. Por um segundo, pareceu-lhe que seu coração havia parado. Tudo ficou escuro ao seu redor.

De repente, ouviu o som de pneus cantando e sentiu um baque em seu quadril; rodopiou várias vezes e, por fim, veio o impacto forte no asfalto.

— *An ambulance, please! Call an ambulance! Hurry!* [1](#)— Foi a última coisa que ela registrou antes que os pensamentos dolorosos se dissipassem e ela flutuasse para o estado de inconsciência — um estado que a libertou de tudo.

Uma luz ofuscante que alguém apontou para o seu olho através da pálpebra aberta foi o que a trouxe de volta ao mundo. Sentia uma forte dor

de cabeça.

— *Missus* Liszt? Pode me ouvir? *Missus* Liszt?

Um “sim” lacerado saiu estranho e doloroso de sua garganta.

— A senhora foi vítima de atropelamento. Consegue se mover?

Cuidadosamente, ela moveu seus membros na ordem indicada pelo médico.

— Parece que não quebrou nada, mas só poderemos ter certeza depois de um exame completo.

Um rosto jovem inclinava-se sobre ela e sorria encorajadoramente.

Naquele momento, ela só sentiu a dor física do exame; todo o resto parecia estar paralisado nela.

— Eu vou lhe aplicar um leve sedativo, *missus* Liszt... Está me ouvindo?

A única coisa que ainda conseguiu fazer foi confirmar com um aceno de cabeça.

— Amanhã de manhã a senhora vai se sentir bem novamente.

Simultaneamente à picada da agulha, seus sentidos se apagaram e ela caiu em um sono vazio e pesado.

[1.](#) Uma ambulância, por favor! Chamem uma ambulância! Rápido!

10

Os primeiros momentos da manhã seguinte ela também passou em transe. Não sabia onde estava, e isso a amedrontava. Sons estranhos que não

podia assimilar penetravam em seus ouvidos como estímulos

indecifráveis; a cabeça latejava, parecia que a dor tinha se fixado na sua nuca. Ela tentou abrir os olhos, mas não teve muito sucesso.

Onde estaria? Tentou manter os olhos abertos, mas só conseguiu

segurar as pálpebras por um instante. Tudo era branco e, no meio desse branco estéril, uma mulher, também de branco, oferecia um sorriso

alentador.

—Tudo bem, *missus* Liszt?

Ela procurou por palavras, queria fazer perguntas, mas seu cérebro

estava bloqueado, as cordas vocais pareciam estar presas, apenas ouvia.

Fragmentos da noite anterior vieram-lhe à consciência e, aos poucos, ela percebeu que estava num hospital. Mas o que acontecera com ela? Estaria

aleijada? Ideias assustadoras passaram por sua cabeça dolorida.

Cautelosamente, seu cérebro enviou sinais para os membros e, em minutos,

o susto passou — tudo ainda funcionava.

Novamente, ela reuniu as forças para manter os olhos abertos e ver o

que estava acontecendo à sua volta... Mas suas pálpebras pesavam como chumbo.

— Corina ... — uma voz suave sussurrou. — Você está me ouvindo? Sou eu, Chloé.

Ela sentiu uma mão quente e macia em seu rosto.

Não, ela não podia responder, sua boca estava seca, as cordas vocais pareciam uma lixa e cada palavra irritaria dolorosamente a garganta.

— Pssst! Não fale. Está tudo certo. Com exceção de uma concussão cerebral, você só sofreu alguns arranhões e ferimentos leves. Você teve um anjo da guarda especialmente atento, foi certamente a sua mãe que estava cuidando de você. Ela sempre estará ao seu lado, não importa o que aconteceu no passado. — Enquanto falava, levou uma xícara de chá à sua boca. — Beba um pouco.

Mãe... e não importa o que aconteceu no passado..., essas palavras de efeito instantâneo a despertaram. Chloé sabia sobre isso? O pensamento inflamou seu ânimo. Enquanto o chá acalmava as suas cordas vocais, pensou em sua mãe e imediatamente a situação de ontem à noite com Leander voltou-lhe à mente. Ela empurrou a xícara com mão trêmula para o lado.

— Ela não só roubou o meu amor, mas me enganou também sobre o meu filho — saiu quase inaudível de seus lábios.

Ela olhou acusadoramente para Chloé.

— Você sabia que o meu filho está vivo?

Por um momento, a indignação surgiu nos olhos de Chloé.

— Você sofreu uma concussão, isso às vezes pode causar confusões mentais. Pssst! Fique tranquila. Tente apenas dormir, eu vou voltar no final da tarde, trazendo algumas roupas limpas e artigos de higiene.

— Não! — disse com energia, enquanto ela segurava a mão de Chloé com toda força. — Você sabia?

Chloé recostou-se na cadeira, respirou fundo e respondeu:

— Não. Por que você pergunta? Leander lhe disse isso?

— Aos poucos, estou recobrando minha memória, agora eu me lembro do que aconteceu ontem à noite. Oh, Chloé, é inacreditável...

Com o coração pesado e com algumas interrupções, ela contou a Chloé sobre a conversa com Leander.

Chloé permaneceu durante todo o tempo imóvel na cadeira, mas a expressão em seu rosto revelava o que estava sentindo. De vez em quando, ela balançava a cabeça e algumas vezes repetia: “Inacreditável”.

— Oh, Corina, que história monstruosa, é difícil de acreditar — ela gentilmente a abraçou. — O que você vai fazer agora?

— Eu preciso vê-lo.

— Quem?

— Richard, meu filho... Eu preciso vê-lo, falar com ele, explicar tudo...

— Primeiro sare, depois decida.

A enfermeira chegou com o termômetro e um analgésico.

— Como está? Ainda sente dores de cabeça?

Por um momento, prestou atenção em si mesma. Os pensamentos em seu filho haviam sobreposto a dor de cabeça temporariamente, mas agora a pergunta fez com que se lembrasse.

— Sim, há uma pressão terrível sob o meu crânio.

Com um sorriso compreensivo, a enfermeira colocou o comprimido em sua mão e deu-lhe a xícara.

— O remédio vai aliviar a dor e você vai dormir um pouco.

Corina não queria dormir, ela queria se levantar, sair do hospital e finalmente ver o seu filho. Mas suas pálpebras ficaram pesadas, a dor de cabeça passou e, entre os olhos semicerrados, ainda viu como Chloé foi até

a porta, seguida pela enfermeira, que lhe deu um sorriso tranquilizador.

Lentamente, um silêncio sereno tomou conta do quarto.

Nos dias seguintes, ela continuou flutuando nesse estado

semiconsciente entre a vigília e o sono. Chloé vinha visitá-la diariamente, cuidava dela com carinho e bloqueava habilmente qualquer palavra que fizesse a mínima alusão a Richard, seu filho; os remédios fizeram o resto.

Antes de receber alta, Corina foi submetida a novos exames. O mesmo

médico jovem e simpático que dera sua entrada no hospital pediu para conversar com ela novamente.

— Em geral, está tudo em ordem. Fique em repouso alguns dias mais e tudo voltará ao normal. — Ele folheou na ficha médica e leu o relatório.

Pensativo, com as sobrancelhas levantadas, olhou para ela por cima dos óculos.
— Tem mais um detalhe...

— Eu tenho algum problema? — ela o interrompeu, perguntando com olhos arregalados.

— Nada de preocupante — ele sorriu de novo —, o ECG indicou que seu coração às vezes fica um pouco agitado; essa irregularidade foi detectada por acaso, mas não se preocupe, basta que se mantenha atenta a

si mesma. Se a situação se agravar, eu prescreverei betabloqueadores.

Estes medicamentos inibem os hormônios do estresse, noradrenalina e

adrenalina, e são usados para tratar a pressão alta e doenças coronárias. —

Ele se levantou e lhe estendeu a mão em despedida. — Nós estaremos aqui, à sua disposição, para qualquer eventualidade.

Incrédula, ela permaneceu sentada, observando o médico. Em poucos segundos, ela repassou o testemunho de sua médica na Alemanha, que na última consulta a advertira dizendo que, se não diminuísse o ritmo, em breve *teria de enfrentar sérias dificuldades*. Então eram estas as dificuldades.

— Realmente, acredite em mim, não há motivo para pânico, está tudo bem no momento. Bem, eu lhe desejo tudo de bom — e seu sorriso a acompanhou até a saída.

E exatamente esta frase, “*Está tudo bem no momento*”, se repetiu várias vezes em sua cabeça. Mais tarde, sentada no táxi, ela pensou de novo na conversa com o médico e se perguntou se tinha de se preocupar com sua

saúde, mas de alguma forma acreditara naquelas palavras. Quando o táxi parou em frente à entrada da Dunningham House, Corina deu de cara com

um comitê de recepção, composto da irradiante Chloé, que esperava com flores na mão; de pé, ao seu lado, estava Emma, com uma expressão preocupada, sugerindo que cuidaria dela nos próximos dias como uma

mãe; e Eduard, que se aproximou com passos apressados para ajudá-la a descer do carro. A visão a levou às lágrimas. Quando foi a última vez que sentira essa sensação de segurança, há tempos esquecida em algum lugar com muitos outros sentimentos? E exatamente agora, quando mais

precisava de reconforto, foi recebida pela aconchegante certeza de ter um lar.

11

O tempo de convalescença acabara. Corina estava parada na soleira da porta para o terraço e contemplava a baía de St. Aubin. Chovera muito nos

últimos dias. Um céu nublado, que circundava tudo em densa névoa, ainda pairava sobre a baía. Ela se sentia confinada pelo humor da ilha, e ao mesmo tempo prisioneira de seus pensamentos, que rodavam eternamente em torno da questão: como poderia encontrar o seu filho. Para se aproximar dele, ela teria de restabelecer o contato com Leander.

— Leander — disse em voz alta...

— Leander não tem culpa — ela ouviu a voz de Chloé, que se aproximara despercebidamente e estava de pé atrás dela. — E você sabe disso, portanto, não o acuse. Ele veio aqui para saber como você estava. Ele ainda te ama, Corina. Vocês precisam conversar e finalmente esclarecer todas essas coisas não ditas do passado. Acredite em mim, eu sei do que estou falando.

Corina se virou e olhou para ela intrigada.

— Ele esteve aqui? Aqui com você? Vocês falaram de mim?

Chloé a envolveu em um abraço consolador.

— Sim, porque nós estávamos preocupados com você.

— Onde está Leander?

— Na casa dos Vandenbroeck. Ele está esperando por você. Ele está ansioso por falar com você.

— Eu não sei o que fazer, Chloé.

Seus olhos investigaram o rosto da tia, como se pudesse encontrar uma resposta ali.

— Marque um encontro com ele. — Antes que pudesse responder,

Chloé já estava com o telefone na mão e discava o número. Quando ele atendeu,

ela passou o telefone diretamente à sobrinha: — Aqui, Corina, o Leander está na linha.

Tímida, ela recebeu o telefone e soltou um quase inaudível “Olá” no bocal.

— Corina? Está se sentindo melhor? Eu me sinto tão culpado... Se eu tivesse corrido atrás de você, tudo isso não teria acontecido...

— Você não poderia ter evitado nada. O que passou, passou. E eu já estou bem de novo.

— Podemos conversar? Amanhã? Você já está bem o suficiente para fazer um pequeno passeio de barco? Só nós dois, sozinhos no mar. O que acha?

— Sim, por que não?

— Podemos nos encontrar por volta das 11 horas lá embaixo, no cais de St. Helier?

— Está certo, vejo você amanhã.

No instante em que apertou o botão de desligar, surgiram as primeiras

dúvidas. Atordoada sobre o seu consentimento, ela ficou olhando para o telefone em suas mãos. Não, agora não tinha mais certeza. Por que concordara tão rapidamente?

— O que foi?

— Vou fazer um passeio de barco com ele amanhã! — Ainda indecisa sobre se sua decisão foi correta ou não, ela procurou a ajuda de Chloé com o olhar. — E agora estou com medo, medo do que está por vir — disse em voz baixa.

— Vocês vão conseguir, você vai conseguir fazer tudo certo, estou

convencida — Chloé deu-lhe um sorriso encorajador. — Você parece cansada, eu acho que deveria descansar um pouco e pensar novamente em paz. — Em seguida, abraçou-a com afeto. — Nos vemos mais tarde para o chá. Arthur também estará aqui.

Depois do comentário de Chloé sobre a sua aparência cansada, subitamente sentiu a fadiga em seus membros e a cabeça começou a doer de novo — só queria fechar os olhos e dormir.

Depois de tomar um analgésico, Corina se arrastou para baixo do cobertor e adormeceu assim que fechou os olhos.

Ela sonhou com Richard, seu filho, mas a imagem era de Leander. Viu o menino correndo ao longo da praia, indo diretamente ao encontro da maré.

Ela o chamou. Ele se virou brevemente, mas não parou, parecia ter medo dela — medo de sua própria mãe. Imóvel, com os braços estendidos, ela permaneceu na praia... na esperança de que ele viria ao seu encontro. Não,

teve de assistir, impotente, como ele correu em direção à sua tragédia. O desespero tomou conta dela... Gritou de novo... Pare, Richard, a maré está subindo. Suas palavras foram afogadas pelo murmúrio das ondas. Será que ele não podia ou não queria ouvi-la? Como se estivesse paralisada, ficou parada na praia, até que ele desapareceu do seu campo de visão... A maré o levou — para longe dela.

Inquieta, rolou na cama. As cenas inexplicáveis que vira e sua própria voz arrancaram-na do pesadelo. Ela acordou banhada em suor e aliviada pela constatação de que fora apenas um sonho. Sua cabeça latejava e o estômago

estava em rebelião. Saltou imediatamente da cama e correu para

o banheiro. Abriu a torneira e deixou a água fria correr sobre suas têmporas até se sentir melhor. Ainda abalada pelo sonho, ela se ergueu e passou os dedos trêmulos pelos cabelos molhados.

— Por quê? Por que vocês fizeram isso comigo?

Assombrada, observou seu reflexo: uma mulher frágil e pálida revidava seu olhar.

— Seu filho está vivo!

Ouviu a própria voz tentando encorajar a mulher no espelho.

— Richard está vivo, você ouviu? Essa ideia tomou corpo e, com a menção do nome Richard, ganhou uma identidade.

À tarde, desceu para encontrar o senhor Von Ehrenheim e Chloé no salão. Em seu atual estado, precisava dominar a arte da contenção.

— *Contenance* — murmurou, irritada por estar usando aquela palavra que saíra sibilante dos lábios de sua mãe na época em que estava grávida e que, até hoje, permanecera trancada na gaveta de palavras desagradáveis da sua memória.

Hoje, pela primeira vez, adicionou aquela palavra detestável à sua linguagem.

A conversa alegre podia ser ouvida já nas escadas. Ela parou por um momento; estava ciente de antemão que não iria se sentir confortável nesta

atmosfera divertida e considerou voltar para o quarto, mas isso seria uma

atitude rude com Chloé. Assim, respirou fundo, ajeitou a roupa, os pensamentos e se preparou para enfrentar o clima descontraído. No último

degrau, percebeu o par de olhos vazios de *sir* William, que dominava perfeitamente o inglês. — Sim, *sir* William, também me sinto assim, e estou trabalhando no autocontrole, psst, *contenance*... — ela sussurrou, antes de irromper no ambiente animado.

O senhor Von Ehrenheim ergueu-se galantemente da poltrona, fechou o botão do meio do paletó e deu um passo em sua direção.

— Bom dia, Corina, está se sentindo melhor? — ele inclinou a cabeça brevemente, exibindo uma expressão de exagerada preocupação. — Chloé me contou o que aconteceu, um incidente lamentável... Se precisar de ajuda, estarei em qualquer momento à sua irrestrita disposição.

— Obrigada, Arthur, eu estou me sentindo melhor... E muito obrigada pela oferta, é muito gentil de sua parte.

Enquanto isso, Chloé serviu o chá e Emma veio da cozinha com uma torta de maçã caseira.

— Emma a fez especialmente para você. A torta vai levantá-la de novo, como antigamente — e ela lhe deu de novo o sorriso encorajador.

Desde que Corina retornara do hospital, Chloé tinha sempre aquele sorriso no rosto. Às vezes, chegava bem perto dela, pegava carinhosamente a sua mão e perguntava se estava realmente tudo bem, ou se havia algo que pudesse fazer. Ela não queria ser indelicada e por isso respondia:

— Obrigada, vocês são todos muito gentis comigo. Na verdade, só queria ficar tranquila e comer uma fatia de torta para acalmar os nervos.

Quanto mais sentia essa necessidade de paz, mais invasivas lhe pareciam as declarações bem-intencionadas dos dois.

— Coma a torta, minha querida, depois você vai se sentir muito melhor

— balbuciou Chloé de modo solícito.

Um conselho bem-intencionado, mas que, naquele momento, foi

exagerado. Uma onda de calor elevou seus ânimos até a zona vermelha.

Mais uma frase carinhosa agora e explodiria de forma desagradável — ela estava convencida disso.

— Minha querida, eu posso muito bem imaginar o que você já passou.

— Não — ela interrompeu em voz alta o senhor Von Ehrenheim —, não pode não, de jeito nenhum. — Seu tom áspero não tolerava mais nenhuma objeção.

Seguiu-se um silêncio constrangedor.

Cada um bebericou seu chá de forma incômoda; a atmosfera

descontraída entre Chloé e Arthur von Ehrenheim tinha se dissipado.

Corina estava ciente de que não era uma boa companhia naquela tarde, de modo que comeu a torta com boa educação, bebeu obedientemente o chá e se afastou um pouco mais tarde com uma desculpa.

12

Com sentimentos mistos, ela chegou ao cais na manhã seguinte. Após o fim das chuvas, a serenidade da baía retornara. A manhã estava clara e os perfis dos veleiros brilhavam ao sol. Seus olhos percorreram os pequenos barcos brancos e os magníficos iates. Então, viu Leander, que a esperava no

final do embarcadouro. Ao vê-la, ele começou a caminhar lentamente em sua direção; o medo não permitia passos rápidos, cada um de seus

movimentos tinham de ser pensados. A apreensão crescia conforme se

aproximavam — ambos temiam a conversa que viria a seguir. Pararam a uma determinada distância, separados pelo sentimento de insegurança.

Corina tentou sorrir; apenas seus olhos enviavam sinais, indicando a ele que estava pronta para conversar. Assim como antes, eles se entenderam por puro contato visual.

Visivelmente aliviado, Leander relaxou:

— Corina, é muito bom ver você saudável de novo, estou contente que

o acidente não tenha sido pior. — Ele se aproximou dela e a tomou suavemente em seus braços. — Você não pode imaginar o quanto eu me repreendi...

Ela o empurrou gentilmente. Queria dizer algo, mas não conseguia

produzir nenhuma palavra, suas cordas vocais simplesmente não

vibravam. Muda, um pouco desamparada, olhou para ele e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele a apertou de novo contra o peito por um instante. Em seguida, colocou o braço em torno do ombro dela e a levou com naturalidade até o seu barco.

Ele partiu a meio mastro, deixando que o vento leste os levasse

lentamente para fora do porto, mas logo que ficou livre do quebra-mar, o

vento soprou com força total nas velas, o que, obviamente, exigiu plena concentração e empenho físico dele. Com as duas mãos, segurava o leme firmemente. Somente depois que vento e vela entraram em harmonia o barco deslizou ao ritmo das ondas do mar, em direção a La Rosière. Pouco

antes de entrar na baía, ele recolheu a vela.

— Acho que este é o lugar certo para conversarmos — prendeu o leme

e sentou-se ao lado de Corina, seu olhar fixo no mar.

Suas palavras mansas quebravam a sonoridade do mar.

— Pouco dias depois da morte de minha mãe, eu parei na frente do seu apartamento em Hamburgo. Eu vi você chegar em casa à noite. Uma vez eu

o segui a alguns passos de distância... Eu queria muito falar com você, acredite em mim. — Seus olhos imploravam compreensão. — Apenas

alguns metros nos separavam e, ainda assim, você parecia a quilômetros de distância. Tinha preparado tudo, ensaiado cada frase, repetido cada palavra

inúmeras vezes em meus pensamentos... Mas, no momento em que a vi,

assim que pude sentir a sua presença, tudo desapareceu — balançou a cabeça. — Eu não tive coragem de me aproximar — ele voltou seu olhar para o mar. — Então, em um dia da primavera, Emma me disse que você planejava vir passar o verão aqui. Pareceu-me a oportunidade perfeita —

ele baixou os olhos e sorriu timidamente —, aliás, a orquídea em frente à

sua porta... Foi meu presente de aniversário para você. Era para ser uma pequena dica; pensei que um sinal sutil não poderia fazer mal. Lukas Brown, velho amigo de escola, me ajudou com isso. — Seus olhos cor de âmbar brilharam com um ar travesso.

— Eu imaginei — Corina disse, sorrindo, mas também um pouco impaciente; ela só queria que ele prosseguisse.

— Também fui eu quem estive as últimas noites na frente do

caramanchão de orquídeas olhando para a sua janela. Eu pensei: meu Deus,

ela deve sentir que sou eu, se ela realmente me amou como eu a amei, então, tem de me reconhecer... Sei lá, eu não sou nenhum herói. —

Envergonhado, ele baixou a cabeça brevemente, antes de a encarar de novo. —

Mas como eu poderia contar a você, que eu tanto amei naquela época — ele fixou seus olhos nos dela — e ainda amo hoje, como eu poderia

revelar essa verdade inconcebível? Como dizer *seu filho está vivo*? Richard e eu ficamos extremamente chocados quando ouvimos a história. Você

precisa acreditar em mim!

— Onde está Richard? — ela o interrompeu. Não podia mais esconder a sua curiosidade. — Eu gostaria de vê-lo, quer dizer... Se é que ele quer me ver.

Ela o fitou com olhos insistentes. Não queria acusar ou condenar os culpados. Ela estava dominada por uma única ideia: ver Richard, finalmente

senti-lo em seus braços, reconhecer a vida em seus olhos, inalar o cheiro de sua pele. Sim, sentir seu filho em seus braços, depois de todos esses anos,

mesmo que já fosse um homem adulto.

Um sorriso libertador surgiu no rosto de Leander.

— E como ele gostaria de vê-la. Há semanas vem insistindo para que eu fale com você. Você não pode imaginar como está ansioso... É claro que ele não demonstra, mas eu o conheço melhor do que ele pensa.

— *Ele gostaria de me ver?*

Sim, estas eram as palavras que ela queria ouvir, palavras que

imediatamente levaram sua vida, que já estava em total desordem, a uma confusão profunda.

— Conte-me mais sobre ele. O que ele faz? Onde mora? Vive sozinho ou... Oh, céus, será? Talvez ele já esteja casado e tenha até filhos... — ela não podia conter a ansiedade por mais tempo.

— Calma, calma... Fique tranquila. Eu vou contar tudo.

Fez uma breve pausa, e então começou a relatar.

— Richard concluiu um curso como oficial das Forças Aéreas, mas ele

só fez esse treinamento por insistência do nosso pai, isto é, do avô dele.

Tirou um brevê e pilotou aeronaves pequenas. No entanto, uma mudança inesperada na situação familiar o fez desistir da carreira militar e ingressar na British Airways. A partir de então, ele viaja ao redor do mundo como piloto. “O que poderia ser mais agradável do que voar acima das nuvens?”,

ele perguntou certa vez. — Leander se sentou diante dela para poder observá-la melhor. — Mas a realidade é bem diferente; na verdade, ele não

estava conformado com a nova situação familiar, isso era uma espécie de rebelião contra nossos pais, quer dizer, seus avós. Então, quando minha mãe morreu e, algumas semanas depois o meu pai a seguiu, ele parou de dar notícias. Essa foi sua maneira de lidar com a questão. — Ele pegou carinhosamente a mão de Corina e a acariciou. — Um dia, ele me ligou para

dizer que estava apaixonado — ele riu — e, a julgar por sua descrição, parecia ter mesmo encontrado o grande amor, um amor que fez com que ele se abrisse, e sua atitude mudou. De repente, ele começou a fazer perguntas sobre o passado, ele queria saber tudo sobre você e o nosso relacionamento... E eu tenho a impressão de que ele se sente especialmente

ligado a você, porque, exatamente como ele, você foi enganada por nossas famílias.

— Ele é piloto? — Justo esta profissão. Para Corina, voar era uma atividade mais do que perigosa. — E então...? — ela pressionou. — Vamos,

continue...

Leander abriu o bolso da jaqueta, pegou sua carteira e tirou uma foto.

Cheio de orgulho, disse: — Este é Richard, nosso filho.

Por um momento ela o invejou, pois Leander podia carregar na carteira uma foto DELE, do seu filho, e ela não. Com as mãos trêmulas, ela pegou a

foto. Apenas essa sensação de ter em mãos a imagem dele era agora o que

havia de mais importante neste mundo para Corina. Tremendo, ela correu

os dedos sobre a fotografia. Finalmente, seu bebê ganhou um rosto, um rosto que ela sempre tentou imaginar e nunca conseguiu.

— Ele se parece muito com você, Leander, é a cópia perfeita de você quando era jovem — ela o examinou.

— Sim, eu sei, e isso me enche de orgulho.

— Piloto — ela murmurou —, um trabalho arriscado de sempre flutuar

entre a vida e a morte. Ele precisava ter justo essa profissão?

Inquisitiva, e também um pouco assustada, olhou para ele. Naquele

momento, depois de todos esses anos, emergiu em ambos a sensação de serem pais.

— Ele gosta de se expor ao risco. Deslizar sobre a linha entre o ser e não ser sempre foi seu maior desafio. Talvez ele só queira fugir dos problemas, sobrevoá-los. Eu acredito que ele ainda esteja sofrendo mais do

que admite com sua nova situação.

Os olhos de Corina estavam fixos em seus lábios para se certificar de que as palavras realmente saíam de sua boca.

— *Deslizar sobre a linha entre o ser e não ser?* — ela repetiu silenciosamente suas palavras enquanto o observava, pensativa. — Eu me

pergunto se sua percepção deve-se ao fato de que ele foi separado de sua

mãe biológica. Ele foi colocado nos braços de uma estranha, tiraram-lhe o

leite materno, o substrato nutritivo que deveria ter sido a base de seu

desenvolvimento.

Quanto mais esses pensamentos se aprofundavam em seu consciente, mais furiosa ela ficava. Aos poucos, essa expressão foi transparecendo em seu rosto.

Leander sentiu sua agitação e quis acalmá-la, mas escolheu as palavras erradas.

— Bem, se isso pode oferecer um pequeno conforto: Richard passou sua infância bem protegido em uma família de diplomatas, com seus avós biológicos; tinha uma governanta dia e noite à sua disposição, que atendia a todos os seus caprichos, frequentou as melhores escolas e, afinal, largar a carreira de oficial para se tornar piloto foi sua própria e livre escolha.

Atônita, ela o olhava com olhos arregalados. Não podia acreditar no que ele estava dizendo; haviam-lhe arrancado o bebê, roubaram a mãe e enganaram o filho, e ele estava falando de como sua vida foi boa, como sua

infância foi linda. Como uma infância pode ser bonita sem a presença da mãe? Ela ficou furiosa e deu um salto de raiva.

— Como você pode falar com tanta hipocrisia?

Com o impacto dos seus pés, o barco sacudiu e quase lançou-a ao mar, mas isso não importava neste momento.

— Estou indignada com as imbecilidades que você está dizendo. Como

é possível que a infância dele tenha sido feliz se ele nem sequer pôde sentir o cheiro da mãe? Nada nem ninguém pode substituir a mãe, você está entendendo? Nada nem ninguém! — ela o fulminou. — Leve-me embora

daqui, eu quero voltar, não posso mais sentar aqui ao seu lado e fingir que

todos os anos perdidos sem o meu filho não existiram.

Ela virou-se deliberadamente, já não queria falar cara a cara com ele. O barco balançou novamente.

— Não, eu não vou levá-la de volta. Vamos discutir isso aqui e agora, é exatamente por esse motivo que sugeri um passeio de barco, para evitar que você fuja de mim novamente. — Então ele se aproximou dela e segurou firmemente seu braço, fazendo com que se virasse para encará-lo. Seu olhar era resoluto. — Como você acha que eu me sinto, por estar aqui diante de você tendo de explicar tudo isso? Eu me sinto como um nadador que atingiu a metade de um percurso infinitamente longo, para então perceber que é muito tarde para voltar...

Os dois permaneceram calados por alguns segundos, o suficiente para ela se conscientizar de que ambos e Richard eram apenas vítimas de suas famílias e de uma sociedade moldada por convenções. Lentamente, o barco voltou a se estabilizar, e entrou novamente em harmonia com o ritmo suave das ondas. A monotonia do movimento teve um efeito calmante sobre os ânimos.

— Por favor, Corina — continuou ele —, sente-se, vamos conversar com racionalidade.

Silenciosamente ela atendeu ao seu pedido. A chama em seu âmago se apagou, mas a dor profunda da perda, as horas de aflição, voltaram à superfície.

— Você sabe o que eu passei quando me disseram que meu filho estava

morto? — Ela o olhou com ar de censura. — Naquele momento, eu

amaldiçoei você por não estar comigo... Você consegue imaginar o que significa dar à luz aos quinze anos de idade, tendo em mente que você decepcionou a todos?... Uma mãe com raiva porque você causou problemas

e sofrimentos a ela? Porque você trouxe vergonha para a família? Amigas que se afastaram ao perceber que seu corpo mudava? Mas o pior de tudo, o

mais insuportável, foi constatar que o suposto grande amor, o pai do meu filho, VOCÊ; simplesmente desaparecera.

Constrangido, ele baixou os olhos. O peso do desamparo fazia seu

tronco curvar-se para baixo. Essa visão despertou a compaixão em Corina,

ela sabia que não estava certo afrontá-lo desta forma. Mas agora ele estava

ali. Afinal, fora ele quem, intencionalmente a confinara ao espaço restrito do barco, então ele deveria saber que as memórias dolorosas, que há muito

estavam cerradas em seu subconsciente, iriam surgir. Ela olhou para ele e

viu como estava sofrendo. Mais palavras irromperam de seu subconsciente

e se misturaram com os sons da água.

— No começo eu não podia acreditar que meu bebê estava morto... Ele

não chorou, mas eu vi seu físico perfeito. — Um sorriso angustiado apareceu brevemente em seu rosto. — Vi perninhas e bracinhos bem

torneados, a bundinha dele, a cabecinha redonda, mas não vi seu rosto. Não

ter visto o rosto foi o pior... — Com o dorso da mão, ela enxugou algumas

lágrimas. Olhou para Leander e o enorme remorso em seus olhos serviram-

lhe de consolo. — E então tudo aconteceu muito rápido; vi como ele foi envolvido em um pano branco e levado. E, antes que eu pudesse perguntar

qualquer coisa, me injetaram um sedativo. Depois disso, não lembro mais o que aconteceu. Muito tempo mais tarde, quando tentava imaginar essa cena de forma consciente, acreditava ter reconhecido pequenos movimentos naquele corpinho. Mas todas as minhas perguntas foram respondidas apenas na medida em que o meu sentimento era psicologicamente explicável, que isso seria normal depois de um parto de criança natimorta. Sabe o que se fazia antigamente com os bebês que nasciam mortos? — Ele balançou a cabeça. — Eles não eram sequer abençoados, eram queimados, simplesmente incinerados com o lixo orgânico do hospital.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela horrorizado.

— Depois disso, todas as minhas questões foram deliberadamente reprimidas pela minha mãe. Eventualmente, o organismo desenvolve um mecanismo de defesa, a gente aprende a não deixar que nada mais de doloroso se aproxime.

O tempo todo ela segurava a foto de Richard em suas mãos. Ela acariciou a imagem novamente com pontas dos dedos.

— Você está vivo! É só isso que conta — sussurrou ela.

Leander sentou-se novamente ereto e a segurou pelos pulsos.

— Você também sabe que sua mãe armou tudo isso, Corina?

— Sim, nos últimos dias eu penosamente constatei essa realidade. Mas o que fazer: eu posso odiá-la, mais de trinta anos após a sua morte?

Afundada em pensamentos, ela olhou para mar.

— Quando eu era criança, ela sempre foi uma mãe amorosa. — Sua voz ficou quebradiça. — Mesmo antes de morrer, ela assegurou o meu futuro, me mandou para um colégio interno e garantiu meu curso na faculdade de economia. Quanto ao meu pai, era uma boa pessoa, mas casamento e vida familiar nunca estiveram em primeiro lugar. Resolvia tudo com um sorriso, não importava qual era o problema. Dois anos depois, o destino também o levou; em um trágico acidente de carro. Nunca o conheci direito e minha memória dele é bem desbotada. Nos últimos dias, entendi muitas coisas. Ao tomar suas decisões, minha mãe já imaginava que iria morrer em breve. — Ela olhou para Leander. — Talvez tenha sido uma premonição que a levou a agir assim?

— Pode ser. Entre o céu e a terra sempre acontecem coisas que não podemos compreender.

Ambos olharam ao mesmo tempo para o céu.

A essa altura, o sol já estava a pino e um vento leve e fresco suavizava seus efeitos. Somente agora Corina percebeu a leve queimadura em seus ombros. Delicadamente, ela cobriu as partes mais sensíveis com sua malha.

— Acho melhor voltarmos antes que o sol acabe conosco.

Um pouco encabulado, ele sorriu para ela. Em poucos movimentos, ele habilmente içou a vela, virou o leme e conduziu o barco em direção ao porto. No início, a vela branca lutou contra o vento, até que ambos chegaram a um acordo, e o veleiro deslizou graciosamente sobre o mar, quase sem fazer barulho. De vez em quando, algumas ondas vinham da costa ao seu encontro, anunciando que

chegara a hora da maré vazante.

Mais tarde, quando entraram no porto de St. Helier, nenhum dos dois estava realmente em clima de despedida. Assim, eles se sentaram por um tempo sobre o muro do cais, como na infância, quando iam ali para admirar os iates fantásticos e se entreter com todos os tipos de brincadeiras, como as memoráveis competições de cuspe à distância na água. Eles

relembrou vários eventos de suas férias juntos, riram, tomados pela nostalgia melancólica de um tempo lindo e despreocupado que não volta mais. Então, as lembranças desapareceram novamente, como um precioso

tesouro atrás da porta do passado.

— Posso ficar com a foto de Richard?

— Claro, foi para isso que eu a trouxe.

— Você dirá a ele que eu quero vê-lo? — olhou para ele suplicante.

— Eu vou dizer isso a ele, isto é, assim que eu encontrá-lo, porque eu nunca sei sobre qual continente Richard flutua.

Sobre qual continente Richard flutua, ela repetiu em seus pensamentos.

Temia o trabalho de piloto tanto quanto sentia medo por seu filho.

— Obrigada — disse com a voz trêmula. — Eu gostaria de falar com ele a sós.

— Sim, eu entendo — vou dizer isso a ele.

Depois desta afirmação, ela só queria ficar sozinha. Estava ansiosa por encontrar seu filho... *Oh, meu Deus, ele já é um homem. Um homem adulto e*

maduro. Furtivamente, estudou Leander de lado. Richard se parece com ele: uma figura altiva, um perfil bonito, com um nariz bem formado, ligeiramente curvo. Será que também tinha aquela ruga de preocupação?

Como seria seu cheiro? Ela se aproximou um pouco mais de Leander, fechou os olhos e inalou a fragrância que emanava dele — agradável — sim, era muito agradável.

— O que você tem? Não se sente bem? — ele olhou assustado.

— Não, não, está tudo bem... Eu só queria... Ah, esqueça.

Saltou do muro do cais e posicionou-se com as pernas separadas diretamente na frente dele, não apenas para ganhar estabilidade, mas para apresentar a sua autoconfiança, embora estivesse mais do que vulnerável naquele momento.

Leander também se levantou, foi até ela, envolveu-a delicadamente em seus braços e a embalou gentilmente. Não foi necessário mais que um leve toque para que se movessem instintivamente no mesmo ritmo. Lá estava ela novamente: a inspiração do passado — as marés altas e baixas, o fluxo e refluxo das emoções!

13

Naquela noite, a ilha foi atingida por uma violenta tempestade. Corina nunca tinha visto tal coisa, uma tormenta com tamanha intensidade e duração. Ela se sentou em sua cama, e assistiu com entusiasmo quase apaixonado ao clarão dos relâmpagos, que cintilavam ao seu redor; o mar enfurecido, o céu ameaçava esmagar a terra com suas nuvens negras

suspensas, o vento soprava com grande estrondo contra as nuvens escuras.

Finalmente, os elementos haviam atingido um grau de dignidade que correspondia aos seus sentimentos internos. Flutuando em uma onda de euforia, ela examinou sua vida de uma nova perspectiva. Nesse momento se convenceu de que a fase de teste, que tinha sido sua vida até agora, acabara; ela estava abrindo uma nova cena na peça de teatro da vida — no papel de mãe.

— Mãe — disse em voz alta.

Um pensamento que aqueceu seu coração e a dominou confortavelmente pelo resto da noite, até as primeiras horas da manhã.

Richard! Iria ver o seu filho! Bem, de qualquer forma, não se livraria mais desse pensamento. Cada vez que decidia pensar em outra coisa, a ideia parecia ficar ainda mais forte em sua consciência. Ela conhecia esse fenômeno, era como correr dentro de uma roda de hamster: quanto mais rápido a roda vira, mais os pensamentos se aglomeram e acabam

dolorosamente presos em sua cabeça. Finalmente, Corina se levantou, ansiosa para saber o que o novo dia iria trazer.

Ela desceu as escadas agilmente e encontrou Emma, que estava ocupada arrumando orquídeas brancas em um vaso no hall de entrada.

— Bom dia, *missus* Corina, como está?

Sua expressão era protetora, como todos os outros dias, desde que ela voltara do hospital.

— Bom dia, Emma, obrigada, eu estou ótima — ela dirigiu-se até a empregada e deu-lhe um beijo na bochecha rechonchuda. — Não é mesmo

uma linda manhã?

Imediatamente apareceu um sorriso satisfeito no rosto de Emma.

— Que bom vê-la feliz novamente, *missus* Corina. — Emma tirou uma orquídea branca do vaso e deu a ela com um sorriso: — Pegue, *missus* Corina. Ah, tem uma torta de maçã quentinha na cozinha... E *missus* Chloé e o senhor Von Ehrenheim já estão tomando café da manhã no terraço.

— Obrigada, Emma, você é um doce.

Como uma criança, correu primeiro para a cozinha, a fim de admirar todas as delícias que Emma tinha preparado para o dia. Colocou o nariz bem perto da maravilhosa torta de maçã fumegante e deliciou o olfato com

aquele aroma. Como antes, não pôde resistir à tentação. Cuidadosamente, cortou uma fatia e a colocou no prato que Emma deixara preparado.

Sempre fora assim: a pequena Corina adorava quando lhe era permitido comer o primeiro pedaço. Com o prato na mão, ela seguiu o burburinho da

conversa alegre entre Chloé e senhor Von Ehrenheim no terraço.

Assim que ela entrou, o senhor Von Ehrenheim se levantou, e a

cumprimentou, à sua moda clássica habitual:

— Bom dia, Corina, se me permite um comentário, sua aparência está adorável.

— Obrigada, Arthur, sua observação é muito gentil. Bom dia, Chloé, sinta este cheirinho delicioso — segurou a torta quente logo embaixo do nariz de Chloé.

— Não vejo a hora de tomar o café da manhã, desfrutar essa

linda manhã e tudo mais que o dia reserva...

— Que bom ver que a luz voltou a brilhar em seus olhos. Isso me deixa

muito feliz, e tenho certeza de que você tem muito o que contar. Estou certa?

— Sim, mas primeiro deixe-me saborear a torta. Hum, um sonho!

Em seguida, ela colocou a orquídea com cuidado em um pequeno copo de água, de modo que as flores ficaram inclinadas para fora, como uma cachoeira. A cena animou Arthur a recitar:

— *Cada flor fala da natureza:*

*A rosa fala de amor para sempre,
o cheiro da violeta é para a alma a clareza.*

O lírio brilha majestoso e resplandecente.

*A orquídea, filha da elegância,
fria e sem perfume, arma na natureza insídias,
mas sua luz brilha como um símbolo da pura lembrança,
como uma estátua de mármore de Fídias.*

— Foi mais ou menos assim que disse *Balzac*, embora eu não esteja seguro sobre o último verso — balbuciou, enquanto parecia procurar a versão correta em sua cabeça. Em vez disso, encontrou outra história, há muito esquecida.

— Nos tempos passados, em minhas incursões por Jersey e Guernsey à procura de antiguidades, meu caminho me levou a vários cantos perdidos das aldeias

Baixou as pálpebras a fim de se concentrar.

— Sim, antigamente havia um monte de casas mal-assombradas por aqui. Eram de grande interesse para mim, não só como historiador, mas também porque eu tinha uma fraqueza por velhas ruínas, que tinham tantos contos a narrar. As portas e janelas dessas casas eram mantidas cerradas

no piso térreo, com tábuas pregadas a torto e a direito, a fim de protegê-las de intrusos indesejados. Arbustos de azevinho também

bloqueavam as entradas, enquanto as janelas superiores ficavam

firmemente fechadas e abertas ao mesmo tempo. Fascinado, muitas vezes

eu fiquei parado na frente dessas casas, tentando imaginar o que poderia ter acontecido por trás daqueles muros. Eu deixava minha fantasia fluir.

Deixava que as casas contassem suas histórias! De algumas eu nunca esqueci. Um dia, eu resolvi entrar em uma dessas casas velhas.

Cuidadosamente, eu abri o caminho por entre os arbustos para a entrada de trás e me deparei com um pátio, um *beyle*, como era chamado naquela época. Aqui e ali, o capim alto crescia entre as pedras do calçamento. O

pequeno jardim atrás do pátio era dominado principalmente por urtigas, amoras silvestres e cicutas; muitos insetos raros estavam domiciliados ali,

havia zumbidos, zunidos, assobios, estalos e vibrações de todos os tipos.

Agora eu estava no pátio, diante de uma porta de madeira cerrada por tábuas. Sobre a porta, em letras vermelhas, tinha um mantra de exorcismo

que claramente havia sido várias vezes repintado para manter vivo seu significado. A escrita logicamente aguçou ainda mais o meu interesse pelo

interior. Foi fácil quebrar as pranchas de madeira podre, e bastou um pontapé para arrombar a porta. Logo me encontrei de pé sobre um chão de

pedra coberto de bolor; o cheiro ruim me envolveu como uma fortaleza. As

teias de aranha abarrotadas de moscas indicavam que várias gerações já haviam vivido em paz aqui. Então, eu vi uma pequena cômoda, discreta e coberta de poeira, que parecia esquecida em um nicho

Ele olhou brevemente para as duas mulheres, a fim de se certificar de

que elas realmente ouviam. Chloé estava chupando uma laranja, mas ouvia com

grande interesse, como sempre quando Arthur contava uma história. O

interesse de Corina parecia estar restrito ao último pedaço da torta.

— Casas mortas não eram raras nas Ilhas do Canal. “Assim como o

homem, uma casa pode se tornar um cadáver. A superstição já é suficiente

para matá-la. E deste modo surge um lugar amaldiçoado”, assim falou Victor Hugo. Naquela época, no século passado, o diabo ainda tinha um papel importante na mente dos habitantes do arquipélago do canal e ao longo da costa francesa... — Mais uma vez, ele desviou o olhar para as duas

interlocutoras, mas agora ele parecia ter despertado também o interesse de

Corina. Sentindo-se encorajado, levantou ligeiramente a voz e prosseguiu:

— Então, eu cautelosamente passei minha mão sobre o tampo empoeirado

da cômoda e veio à luz uma maravilhosa peça de mogno polido; as gavetas

podiam ser abertas sem grande dificuldade. Bem, eu não hesitei e levei a cômoda comigo para restaurá-la. Mais tarde, quando tirei as gavetas na minha oficina, encontrei um pequeno livro. As páginas estavam amareladas

e um pouco esfarrapadas, mas a escrita ainda podia ser lida e interpretada,

com um pouco de imaginação. Velhos habitantes do país contavam suas histórias de vida e registravam fatos, como, por exemplo, que os católicos,

que representavam a minoria, estavam mais próximos do mal do que os protestantes. Isso foi atribuído ao fato de que uma minoria religiosa seria

mais provavelmente visitada pelo demônio do que os outros. Pelo menos ele procuraria sua companhia, o que alimentou a crença de que o diabo é

mais católico que protestante. Também havia narrativas sobre as

inaceitáveis intimidades às quais ele, o diabo, se permitia. As audaciosas visitas que pagava ao leito conjugal católico durante a noite, enquanto o marido dormia profundamente. Isso, por sua vez, teria feito os católicos darem à luz com maior

frequência a crianças deformadas, o que era uma vergonha para as famílias... — Mais uma vez ele olhou para Chloé, que agora tinha apoiado a cabeça na palma da mão e continuava ouvindo atentamente as suas histórias, enquanto Corina parecia um pouco

perturbada e perguntou:

— O que acontecia com esses deformados?

— Bem, logo após o nascimento, eles diziam à mãe que a criança estava

morta... Sim, isso agora soa duro, mas essas crianças eram colocadas em uma manjedoura para morrer. — Elas eram simplesmente abandonadas à

própria sorte.

Corina foi imediatamente catapultada para o passado, e viu como

levaram seu filho, apenas envolvido em um pano.

— Por favor, Arthur, pare... Eu não quero ouvir isso. — Agitada, ela levantou subitamente e desceu correndo as escadas para o jardim.

Intrigado, mas também desconcertado, o senhor Von Ehrenheim a

seguiu com o olhar.

— Mas o que foi? Essas histórias são apenas tradições.

Chloé pegou a mão de Arthur:

— Isso não tem nada a ver com você, mas suas histórias abriram velhas feridas... Venha, vou contar a você.

A história de Arthur teve o efeito de uma enchente, que mais uma vez

arrastou Corina para o passado. Seu coração foi tomado por uma frieza gélida e contraía-se cada vez mais, enquanto ela descia freneticamente as escadas para a praia. Ela tropeçou nos últimos degraus e só parou quando

finalmente pisou na areia fina da praia. Como de costume, tirou os sapatos e perfurou com os pés a areia ainda fria. Por um breve instante, fechou os olhos e concentrou-se em sua respiração, inalando profunda e conscientemente o ar fresco do mar. De repente, sentiu uma rajada de vento no cabelo e um ruído passou acima de sua cabeça. Assustada, abriu os olhos — era uma garça cinzenta, que voara muito perto dela, quase sem bater as asas. Elegante e graciosa, a garça pousou e pavoneou-se cheia de grandeza sobre a praia. De vez em quando, inclinava a cabeça para fisgar pequenos peixes nas poças deixadas pelo mar. Essa cena pacífica suavizou os contos de Arthur.

— Richard está vivo — disse das profundezas de seu coração. — Ele vive —, repetiu várias vezes para se confortar.

Ela ouviu o som fraco de um avião ao longe e olhou para o céu: duas finas linhas brancas separavam o espaço azul-celeste. Seria Richard que a sobrevoava neste momento? Talvez estivesse pensando agora, neste exato

instante, em sua mãe? Um sorriso veio de dentro dela e se refletiu em seu rosto, um sorriso que expressava amor e afeto, um sorriso do tipo que só poderia ser produzido por uma mãe. Voltou a atenção novamente à garça cinzenta, que acabara de abrir majestosamente suas asas e elevava-se ao ar com poucas batidas de asas. Seus olhos seguiram o voo gracioso até a ave desaparecer atrás das montanhas. As listras brancas da aeronave também já haviam se dissipado e o céu parecia ter recobrado sua pureza azul.

Corina fechou os olhos e respirou o ar fresco — um dia ameno ainda iria se

desenrolar, e ela iria aproveitá-lo. Disso tinha certeza.

14

Ao meio-dia, Corina se sentou com Chloé no terraço. Havia um silêncio opressivo entre elas. Chloé segurou o braço de Corina com afeto.

— Eu sei que você está transtornada com essa situação e também percebo que precisa colocar tudo para fora. Você quer falar sobre isso, mas não sabe por onde começar. Estou certa?

Um pouco espantada, ela ergueu os olhos.

— Como? Sim, você está certa, Chloé, eu realmente não sei por onde começar — suspirou, e contou tudo o que Leander tinha dito a ela no barco.

— Bem, esse é o resto da história.

Um par de olhos incrédulos a encaravam.

— Sabe, eu andei pensando muito sobre tudo isso, essa história é inconcebível. — Chloé balançou a cabeça. — Para enfrentar isso, eu preciso de uma bebida forte. — Levantou-se, atravessou o salão com passos

resolutos até o carrinho de bebidas e tirou a única garrafa de conhaque entre uma variedade de vinhos do Porto. — Você também? Aceita uma taça?

— Sim, por favor...

Chloé tomou o primeiro trago diretamente ali onde estava; em seguida, voltou para a mesa com a garrafa e duas taças.

— É uma história escandalosa. E agora, pensando em retrospectiva, eu posso enxergar muitas coisas que não entendi na época.

Enquanto ela enchia as taças, folheou mentalmente pelas páginas de tempos idos em seu livro da vida.

— Depois das últimas férias de verão que vocês passaram aqui, sua mãe assumiu uma atitude muito reservada comigo. Naqueles dias, eu não entendia sua postura, e pensei: “Ah, ela deve estar em outra de suas fases

de estranhos humores, é melhor deixá-la em paz”. Ela só reapareceu no ano seguinte, se bem me lembro, no início do verão.

Corina ouvia atentamente.

— Deve ter sido logo depois que você deu à luz. Sua mãe me disse apenas que não estava em bom estado de saúde, e que, portanto, não poderia vir para as férias de verão.

Contemplativa, ela virou a taça.

— Foi tudo o que ela disse... E um ano mais tarde, ela morreu. Que Deus cuide de sua alma — sussurrou cinicamente pelos lábios estreitos.

Ela afogou os pensamentos desagradáveis com um gole do conhaque, e prosseguiu:

— Eu me lembro como se fosse ontem... Sim, exatamente um verão

mais tarde, os Vandenbroeck apareceram aqui com um bebê. Essa foi a última temporada de veraneio que passaram em Jersey. O velho

Vandenbroeck me disse que a criança não tinha sido planejada, que fora um acidente. Eu me lembro muito bem do pequeno, ele era a cara de Leander.

— Ela bebericou o conhaque. — Mas o que sua mãe fez com VOCÊ e escondeu de MIM, sua própria irmã! Não posso perdoá-la, nem mesmo

depois de sua morte. E sua doença também não serve de desculpa. —

Visivelmente decepcionada, ela esvaziou a taça. — Não me contar seus problemas conjugais é uma coisa; não me colocar a par da sua gravidez é outra, totalmente diferente.

Seus olhos se encheram de lágrimas de amargura.

— Para a família Vandebroek, era uma obrigação cuidar do menino.

Não seria condizente entregar essa criança, seu próprio sangue, a um orfanato; nunca! Eles contrataram uma governanta, que então tomou conta

de tudo... É inacreditável.

Corina passava cada vez mais do papel de vítima para o de defensora.

Instintivamente, ela intercedia por sua mãe.

— Ah, Chloé, eu não quero mais apontar culpados, agora eu só penso em ver Richard, meu filho. Nos últimos dias eu cansei de quebrar a cabeça a

respeito do comportamento de minha mãe. Várias vezes eu a culpei... Mas

não posso mais voltar no tempo. Ela certamente agiu instintivamente, acreditando que fosse a melhor solução na época...

— Não! — interrompeu Chloé, visivelmente chocada e ferida. —

Eleonore queria o melhor para si, ela sempre foi uma pessoa egoísta.

Mais uma vez, encheu sua taça com conhaque, desta vez até a borda.

— Eu acho que você não deveria ser tão dura em seu julgamento.

Corina acariciou a mão trêmula da tia, que se apoiava com fragilidade

no encosto da cadeira. Seu rosto estava pálido, a boca comprimida de indignação, e seus olhos azuis claros haviam perdido o brilho. A

preocupação a envelhecera alguns anos em um curto tempo. De alguma

forma, Corina não conseguia entender o seu ressentimento. Com cuidado, tirou a

mão de Chloé da cadeira e a segurou.

— Eu teria feito tudo por você, tudo!

Sua mão delgada tremia na mão da sobrinha.

E agora, esse sentimento empurrava Corina do papel de defensora para o papel de conselheira.

— Você não deve levar isso de modo tão pessoal, com certeza ela não quis causar nenhum dano.

Chloé assentiu com a cabeça, em sinal de reconhecimento pela empatia.

— Ela estava infeliz ao lado do marido, meu grande pai. Lembro-me vagamente de alguns episódios daquela época. Houve um caso dele com uma colega de trabalho, que ele não fez muito esforço para esconder; seu

casamento estava à beira de um penhasco... Para não falar da doença, cuja gravidade somente minha mãe conhecia. Então sua filha, que apenas

completara quinze anos, aparece grávida. Ela estava sobrecarregada com a

situação e tomou uma decisão que, em condições normais, isto é, se estivesse saudável, nunca teria tomado. estou certa disso.

— Bem, com todo o respeito pela sua generosidade, eu vejo isso de forma diferente. Ela sabia que eu não tinha filhos, e que uma única pergunta teria bastado para que eu imediatamente acolhesse você e a criança. Vocês poderiam ter vivido aqui comigo...

— Chloé, é muito bom saber disso, mas não podemos mudar o

decorrido. Naquela época, a situação era totalmente diferente. Olhando para trás, acredito que ela só queria que eu tivesse uma vida melhor que a

dela. Ela levou a vida na sombra de um homem voltado à carreira, que sempre foi o centro de todas as atenções...

— E que soube desfrutar as alegrias da vida de uma forma

descontraída e encantadora — Chloé completou em tom atrevido.

— Ela sofreu muito com isso, Chloé. — Pensativa, tomou um gole do conhaque.

— Minha mãe o amava e teria feito qualquer coisa por ele, disso

eu tenho certeza.

Corina estava achando exagerado o estado de inquietação da tia. Quase

poderia acreditar que havia outros motivos por trás dessa agitação.

Examinou-a enquanto ela observava a baía.

— A maré vai subir. Sempre sobe, essa é a única constante aqui na ilha.

Ela vem e por vezes traz de volta as coisas que já tinha varrido antes — ela falou essa última frase baixinho, como que para si mesma. Com a voz um pouco quebrada, ela se virou para Corina: — O que você pretende fazer?

— Leander vai entrar em contato com Richard e, bem, então nós vamos

nos encontrar. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu estou extremamente ansiosa.

— Nunca esqueça de uma coisa, Corina: se você precisar de ajuda em

qualquer momento, eu sempre estarei aqui para você!

— Obrigada, minha querida tia.

Essa frase fez brotar a última lágrima nos olhos de tia Chloé, fazendo com que todas as outras transbordassem. Claro que a última taça de conhaque também contribuiu para a explosão sentimental.

— Eu sempre quis ter filhos e, de certa forma, sempre me senti um pouquinho como sua mãe. Agora, nessa situação, eu me vejo um pouco como uma avó... Dá para entender uma coisa dessas? — Mais lágrimas

escorreram pelo seu rosto.

O sentimento era compreensível depois de toda a história.

— Venha, Chloé, acho melhor se deitar um pouco. Até hoje à noite, você já estará em forma novamente.

Segurando-a firmemente, Corina levantou Chloé da cadeira e a levou até o quarto. Antes de fechar a porta, Chloé disse:

— Por que a felicidade só vem em pequenas porções? Por que ela não pode simplesmente chegar, nos elevar ao céu e ficar conosco?

Corina anuiu e respondeu:

— Talvez porque ela seja como a maré?

Fechou a porta em seguida. Chloé não saiu mais de seu quarto naquela noite.

Na manhã seguinte, finalmente veio o tão esperado telefonema de Leander. Ele só precisou dizer quatro palavras: “Richard quer ver você”. Em seu interior conturbado, alegria e medo travavam uma acirrada disputa.

Ela permaneceu um tempo no terraço. Seu olhar vagava sobre o exuberante jardim de flores até a baía, o que a inspirou a fazer um pedido.

Ela desejou que toda a beleza que via naquele momento pudesse ser combinada com seus sentimentos em um quadro. Seu coração, que batia de

amor, ela pintaria entre as flores de papoula vermelhas; no azul do mar, deixaria fluir suas lágrimas; o medo ficaria escondido na diversidade das gramíneas; e seu orgulho, a alegria da maternidade, concorreria com o tremoceiro amarelo.

Sim, era esse o seu desejo!

No dia do encontro com Richard, ela parou na frente do espelho com seu vestido tubinho cor de conhaque. Já havia mudado de roupa mil vezes,

mas em nenhuma conseguira irradiar uma aura materna. Sua aparência era

a de uma mulher que nunca tivera nada a ver com crianças. Mas como deveria ser uma aparência de mãe? Ela se virou na frente do espelho, calçou os escarpins marrons... Parecia pronta para ir a um encontro.

— Se eu fosse seu filho, ficaria muito orgulhoso de ter uma mãe tão linda e jovem.

Ela ouviu a voz de Chloé, que estava parada à porta e a observava com admiração.

— É mesmo, você acha? Mas eu não pareço uma mãe.

— Não, mas como deve se parecer uma mãe? Singela, acolhedora, com quadris arredondados, talvez com bobes na cabeça... Ou mesmo armada com um espanador?

Um sorriso cruzou seus lábios.

— Você tem razão! Oh, Chloé, eu estou tão ansiosa... É como se meu filho fosse nascer de novo, tenho a mesma sensação da primeira vez, quando eu não sabia o que me esperava. — O sorriso se desfez. — Talvez

ele desapareça novamente logo depois do nosso primeiro encontro... Assim como da primeira vez.

— Corina, pare de estragar tudo. Sorria para a sua imagem no espelho, você tem toda razão para se sentir feliz. Agora vá. Onde vocês vão se encontrar?

— Você está certa, como sempre. Marcamos no porto de St. Aubin.

— Boa sorte. Venha cá, deixe-me abraçá-la. Meus pensamentos estarão

com você — ela acariciou o rosto de Corina. — Neste momento, eu sinto inveja de você, com seu filho e o pai dele. Aproveite ao máximo essa oportunidade de felicidade. Confie em seu coração.

— Você é um tesouro, Chloé.

Pegou sua bolsa e desceu as escadas. Subitamente, parou, atônita.

Arthur von Ehrenheim estava em pé à porta e parecia esperar por ela.

— Eu gostaria de pedir desculpas pela minha gafe. Seria um grande prazer poder levá-la ao encontro com seu filho. — Virouse ligeiramente para o lado e apontou, cheio de gabo, para seu Bentley S1 de 1956. — Foi

tirado da garagem e polido especialmente para a ocasião.

— Ora, ora, quem poderia resistir! — exclamou ela, alegremente.

— Um dos poucos exemplares de uma edição limitada — ele lustrou

cuidadosamente a lateral do automóvel com a manga do casaco, numa

demonstração de afeto. — Na verdade, eu só saio com a Lady em ocasiões

muito especiais. A última vez foi no início de junho, quando peguei a balsa

para Guernsey, onde visitei o Classic Vehicle Summer Show, um encontro de carros antigos no Saumarez Park.

Com o peito inchado de orgulho, ele se afastou para deixar Corina entrar e então fechou a porta com cuidado.

Alisando o painel de instrumentos de puro jacarandá, ela recostou-se graciosamente no banco de couro macio e relaxou: sim, este era o cenário

ideal para ir ao encontro do meu filho.

Altivamente, o senhor Von Ehrenheim deu partida no motor e, com

olhos brilhantes, disse:

— Pois bem, minha Lady, mostre a sua elegância.

A velha senhora rolou majestosamente pela saída da propriedade. O

ruído do cascalho sob seus pneus impunham respeito. Eduard, o jardineiro,

tirou o chapéu de palha com reverência perante tanta dignidade. Até o delicado portão de ferro balançou um pouco com a passagem da Lady.

Arthur virou-se para Corina, sorriu e disse com uma piscadela:

— Eu não sei quem eu amo mais, Chloé ou o meu Bentley.

— Bem, Arthur, eu diria que é melhor manter a resposta como seu segredo pessoal.

Ele sorriu e não disse nada. Seguia extasiado, com o olhar fixo rua, como se não pudesse acreditar que sua Lady vencida cada curva com tanta

virtuosidade. Se não tivesse as mãos sobre o volante, ele certamente aplaudiria cada movimento do automóvel. Corina voltou seu olhar para fora da janela e teve a impressão de que cada árvore, cada casa, tudo passava muito devagar por eles. O tempo parecia estar suspenso na luxuosa

carruagem, travando seus pensamentos.

De repente, o veículo parou. Ela olhou para Arthur, estremecida. Ele sorriu encorajador e disse:

— Eu acho que aquele jovem ali é o Richard. — Saiu, caminhou ao

redor do carro e abriu a porta de passageiro com uma ligeira inclinação, como um motorista. — Desejo-lhe tudo de bom, Corina — sussurrou para

ela.

Como que paralisada, ela desceu do carro. Seu corpo parecia estar

automatizado, era como se fosse necessário apertar um botão para controlar cada movimento das pernas, que agora caminhavam na direção de Richard. A poucos passos dele, recobrou a estabilidade. Sim, lá estava Richard, seu filho, ao alcance da mão e inacessível ao mesmo tempo. O

silêncio do momento era quase palpável. Tudo ao redor, os ruídos da rua, os pedestres que passavam falando, parecia ter desaparecido, apenas eles dois estavam no centro dos acontecimentos. Com passos vacilantes, ele veio até ela. Eram passos incertos, daqueles em que não se podia confiar, pois ameaçavam mudar de direção a qualquer momento. Mas eles vieram, embora com cautela, um após o outro, até ela.

— Bom dia, *missus* Liszt, estou muito contente em conhecê-la. — Suas palavras saíram seguras e confiantes, quase um pouco reservadas.

— Olá, Richard — irrompeu de seu coração, uma saudação semelhante a um suspiro.

Sentia o sangue pulsante percorrer seu corpo. Cheia de alegria, ela abriu os braços, na esperança de que ele se jogasse diretamente dentro deles. Em vez disso, ele deu um passo para trás. Um medo súbito tomou conta dela; temia que ele fosse se virar e fugir neste instante. Sim, dissipar-se no vácuo, como o fizera muitos anos antes. Não, não deixaria que isso acontecesse de novo, ela o seguraria com força e nunca mais o deixaria partir. Vencendo sua própria insegurança, Corina se aproximou dele com passos firmes e abraçou-o com o calor de uma mãe e o espírito de luta de

uma leoa. Por um segundo, o corpo dele se solidificou como aço em seus braços, mas o amor materno era tão intenso que poderia derreter o mais duro metal... E ele se deixou cair nos braços da mãe. Um sentimento de saudade fundiu os dois por um breve instante. Era como se os anos perdidos entre eles nunca tivessem existido. Tudo era tão familiar: sentir seu cheiro, tocá-lo, ouvir sua voz. Ele era como Leander, inequivocamente

seu filho. Naquele momento, tudo se consolidou: o amor por Leander e por Richard.

— Como é bom vê-lo finalmente, Richard. Segurá-lo em meus braços é a coisa mais importante do mundo neste momento.

Ela podia sentir as lágrimas dele em seus ombros, o coração batendo forte em seu peito... Ele apertou o abraço.

— Você é minha mãe, eu posso sentir isso.

— Sim, Richard, eu sou sua mãe.

Depois de um tempo eles se soltaram. Richard baixou os olhos para o chão, tinha vergonha de suas lágrimas. Ela tirou um lenço de papel da bolsa e tentou secá-las, mas ele segurou a mão dela.

— Não, por favor, *missus* Liszt — enquanto ele mesmo enxugava o rosto com o dorso da mão.

— Por favor, Richard, me chame de Corina — sussurrou para ele.

Imediatamente, seu rosto se iluminou e os olhos cor de âmbar sorriram aliviados.

— Você é a cópia perfeita do seu pai, é inacreditável!

Segurou um de seus cachos ruivos; como com Leander, divertia-se em passar os dedos por seus cabelos. Se ele fosse uma criança, iria abraçá-lo novamente, e beijá-lo, e apertá-lo e, e... Em vez disso, disse:

— Vamos passear um pouco. A maré está baixa e a baía do porto está quase seca, nós podemos caminhar até o Forte de St. Aubin.

Ele examinou sua mãe com mais atenção e disse, com um sorriso no rosto:

— Mas, com esses sapatos?

— Isso não é problema. — Ela já segurava seus escarpins nas mãos e andava em direção ao quebra-mar. — Eu estou acostumada a andar descalça na praia para poupar os sapatos.

Soltou um riso desembaraçado. Sim, ela estava muito feliz que o primeiro encontro tomava seu rumo.

Durante algum tempo, passearam lado a lado com os pés descalços na areia molhada. De vez em quando, ela percebia seus olhares furtivos pelo canto do olho. Tinham tantas perguntas, e, no entanto, perdiam-se em insignificâncias. Nada era mais importante do que simplesmente estarem juntos. Richard inclinou-se para pegar uma concha que o mar havia deixado. Cheio de admiração, ele a virou em suas mãos.

— Veja, Corina, tão linda e tão frágil.

Corina sorriu.

— Foi assim que eu conheci o seu pai. Você gostaria de ouvir a história?

Ele anuiu em silêncio.

— Aconteceu nas minhas primeiras férias de verão aqui em Jersey, com a tia Chloé. Eu me sentei na areia e chorei, porque não havia encontrado nenhuma concha. As crianças mais velhas foram mais rápidas e cataram tudo antes de mim. Eu tinha seis anos e acabara de perder os meus dentes

de leite da frente... Eu sibilei meu nome pela lacuna entre os dentes perdidos, o que despertou pena, e não admiração, em seu pai. Ele tinha 12

anos. — A memória daquela cena provocou nela uma risada alta e casual, e

Richard também foi animado a rir.

— E então?

— Então, ele amigavelmente dividiu suas conchas comigo e depois me

mandou para casa com um consolo. Bem, e a partir de então, nós nos víamos quase todos os dias e isso se repetiu a cada verão. — Ela olhou pensativa para o horizonte. — Em algum momento, os jogos casuais de criança amadureceram e se transformaram em amor.

Surgiu um silêncio reflexivo entre eles e os dois pensaram na mesma coisa.

— Corina, não precisa me contar. Leander e minha mãe, quero dizer, minha avó, já relataram toda a monstruosidade.

— Eles relataram os fatos, mas o que estava acontecendo dentro de mim, o que eu passei, só eu posso contar. — Memórias dolorosas eclodiram

de novo. — Mas não vamos estragar o nosso primeiro encontro. Ela se virou para ele e viu um par de olhos grandes cheios de expectativa, apenas

esperando pela SUA verdade — e ficou contente que ele queria ouvir.

No caminho para o forte e de volta ao quebra-mar, ela lhe contou sua

própria história, como nunca antes contara a ninguém. Ele a seguiu como uma sombra, tentando capturar e compreender todos os contornos da

narração. Com o fim da história, chegaram ao cais. Ela limpou a areia molhada dos pés e encerrou:

— E agora você está aqui comigo... Nós não podemos mais recuperar os anos perdidos, mas deveríamos aproveitar o tempo que temos disponível.

Ele deu um passo na direção dela e a abraçou.

— Agora finalmente eu posso ser quem sou, aquela pessoa que por muito tempo esteve perdida dentro de mim emergiu. Minha vida inteira eu

carreguei algo que queria sair, algo que tentava vir à superfície, mas não podia; toda a minha vida estive à minha procura, mas não conseguia me encontrar; você entende isso?

— Quem, senão eu, poderia entender isso?

— Que bom que agora você existe para mim.

Ele apartou o abraço e deu um passo para trás. Ela percebeu que ele contraía a sobrancelha, formando a mesma ruga de preocupação de

Leander, quando alguma coisa o incomodava.

Então, ele começou a falar com a voz baixa:

— Meus pais, quero dizer, meus avós, tomaram conta de tudo. Nunca passei necessidades e recebi uma educação perfeita; os dois fizeram o melhor que puderam, mas alguma coisa faltava. Em todos os anos, eu nunca

pude descrever o que era. Eu sentia constantemente esse vazio em mim, que não podia ser preenchido, nem com um bom cinema, nem com uma barra de chocolate. O único que podia amenizar temporariamente esta situação era Leander, meu irmão mais velho. Com ele, eu sempre senti que

era amado de coração. Ele me transmitia honestidade, transparência, e compartilhava comigo meus momentos de dor ou alegria. — Então, sua expressão ficou séria: — O que me faltava era o amor materno... VOCÊ, Corina, isso ficou claro para mim quando minhas relações familiares foram redefinidas.

Ela o observava em silêncio. Essas grandes palavras, que a deixavam até um pouco encabulada, vinham de seu filho. Lágrimas incessantes

corriam pelo rosto dela.

— Suas palavras penetram em minha alma diretamente. Também senti

esse vazio todos esses anos, mas, sobre o meu vácuo pairava a tristeza pelo

filho morto. — Mais lágrimas surgiram. — Oh, eu sou mesmo um bebê chorão — ela sorriu —, quando nos conhecemos, seu pai me disse: “Não chore mais. Suas lágrimas vão encher o mar e nós vamos todos morrer afogados, não se esqueça de que estamos numa ilha”. Sim, e agora chega de

pranto, senão vamos mesmo acabar inundados. — Ela assoou o nariz. —

Quero saber tudo sobre você. Vamos tomar um chá em um dos pequenos *pubs* ali na frente.

Caminharam lado a lado, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Esse vilarejo é tão lindo, com suas belas casas enfeitadas de flores.

As plantas brotam mesmo nos espaços mais apertados — ela parou e

admirou a encosta. — Só não gosto das ruas esburacadas, que sempre abominei por acabarem com os sapatos — ela deu uma risada curta. —

Devem ser patrocinadas pelo sindicato dos sapateiros.

Richard sorriu. Estava silencioso e pensativo, como se ainda carregasse

outras preocupações não ditas.

Entraram num *pub* e pediram chá preto com creme de leite, que era conhecido e apreciado em toda parte pelo seu alto teor de gordura e cor amarelada. Pediram também os *scones*, pães de uva-passa obrigatórios em qualquer mesa de chá da tarde. Chegaram ainda quentes.

Corina partiu um *scone* ao meio, recheou-o com uma espessa camada de creme de leite, cobriu com geleia e mordeu com prazer.

— Conte-me tudo, Richard.

— Eu acho que o Leander, quero dizer, meu pai... — ele se corrigiu, meio sem jeito. — Eu o chamo de Leander, se você não se importa.

— Está tudo bem, ninguém vai exigir que você comece a nos chamar de mamãe e papai — ela piscou para ele, sorrindo.

— Imagino que ele já tenha lhe contado tudo sobre mim?

— Claro que ele me contou sobre sua infância, sua governanta, seu treinamento na Força Aérea e a sua mudança para a British Airways. Mas

eu estou interessada em coisas pessoais. Quero conhecê-lo, descobrir suas preferências, seus pontos fortes e fracos. E também quero saber do amor — ela lhe deu outra piscadela. — Tem alguém especial?

Ele sorriu constrangido e corou ligeiramente.

— Minhas preferências, pontos fortes e fracos? Eu acho que você vai descobrir com o tempo...

— E você a ama? — ela o interrompeu.

— Ornella? Acho que sim.

— Ah, Ornella, que belo nome. Onde vocês se conheceram? O que ela faz?

— Ela é comissária. Nós nos conhecemos há pouco tempo em Hamburgo, e temos saído...

— E...?

Ele baixou o olhar, encabulado.

— Vamos nos encontrar dentro de duas semanas em Singapura. Vamos ver o que acontece.

Ela colocou sua mão sobre a dele.

— Estou torcendo por você.

— Obrigado.

A mão quente e suave de Corina o fez pensar em sua antiga mãe, agora sua avó. Subitamente, seu sorriso desapareceu. A ruga de preocupação se contraiu e ele ficou tenso.

Ela passou o dedo entre suas sobrancelhas.

— Exatamente como Leander — balbuciou. — O que há com você,

Richard? Eu sinto que algo não está certo.

Ele desviou seu olhar. Enquanto sua mão direita se ocupava em mexer

o açúcar no chá, ele remexeu com a mão esquerda no bolso da jaqueta, procurando algo.

— Sim, Corina, há algo, eu vou ser franco com você — ele respirou fundo. — Eu trouxe uma carta que queria ter entregado a você. Mas, depois

de ouvir a sua versão da história, mudei de ideia. Achei que seria melhor não reabrir velhas feridas, então a guardei. Agora que a estou conhecendo

melhor, acho que você tem o direito de ler essa carta. Naquela época, numa

conversa pessoal com a sua mãe, minha suposta avó fez uma proposta a ela.

Sua mãe respondeu por escrito. Pouco antes de morrer, minha avó me

confiou a carta com as seguintes palavras: “Eu a deixo em suas mãos, porque acredito que você saberá o que fazer com ela”.

Ele tirou a carta do bolso.

— Aqui, Corina, é sua.

Corina olhou temerosa para o envelope ligeiramente amarelado. Então,

ela o pegou e abriu com mãos trêmulas. Um silêncio tenso pairava entre eles. Seus olhos percorreram impacientemente as linhas.

Prezada senhora Vandenbroeck,

Quero expressar meus sinceros agradecimentos pela conversa honesta que tivemos. Também me mostro grata por ter atendido ao meu pedido e enviado Leander aos Estados Unidos. Isso poderá ser difícil para os dois amantes neste momento, mas mais tarde eles com certeza perceberão que esta foi a decisão

mais sensata. As cartas de Leander, que têm chegado quase todas as semanas, destruí sem ler.

Eu pensei muito sobre a sua proposta comovente. Estou imensamente feliz que a senhora, como a mãe de Leander, tenha decidido assumir a responsabilidade pelo nosso neto. Acredite, por favor, se não fosse pela doença, que prevê um breve fim para a minha vida, eu iria cuidar da educação do meu neto. Eu nunca entregaria o filho de minha filha nas mãos de estranhos.

No entanto, encontro-me desnorteada diante dos meus problemas. Por um lado, o meu marido, a quem eu amo muito, está totalmente focado em sua carreira. Com o seu estilo de vida, uma criança representaria um grande fardo. Por outro lado, Corina é muito jovem para assumir a maternidade, e seria incapaz de cuidar sozinha do bebê. Além disso, um elo comum entre os nossos filhos significaria, para ambos, uma precoce interrupção do desenvolvimento acadêmico.

Essas são as razões que me levaram a decidir por entregar o bebê para adoção. Corina nunca teria concordado com essa decisão, o que é compreensível. Portanto, resolvi seguir a discreta sugestão que recebi no hospital, e deixei que o recém-nascido fosse imediatamente declarado natimorto. Acredite, isso quebrou meu coração, mas o que devo fazer?

Neste momento, considero a minha decisão razoável, mas também cruel.

É com grande dor que assisto, impotente, ao sofrimento de minha filha. E eu sei que vou me odiar até a morte por isso. Terei de levar minha decisão, com todas as suas amargas consequências, para o túmulo.

Mesmo pelo pouco que conversamos, eu estou certa de que a senhora é uma pessoa extraordinária, e tenho certeza de que vai fazer tudo em seu

poder para possibilitar que o nosso neto se torne uma pessoa honesta e bem-educada. E agora fica a seu critério se algum um dia dirá a verdade a “ele”.

Eu sei que isso é um fardo pesado. E gostaria de agradecer sinceramente à senhora e ao seu marido.

Cordialmente,

Eleonore Liszt

Corina ouviu Richard tossir para chamar a atenção.

— Desculpe, estou sendo rude...

— Não precisa se desculpar, Corina. Eu espero que você tenha encontrado aí algumas respostas.

— Esta carta, que é quase uma confissão, confirma as minhas suspeitas.

Posso ficar com ela?

— Sim, é essa a intenção.

O sol já se punha no outro lado da baía, tingindo o céu em tons de vermelho-cobre. Da magia do momento, nasceu em Corina a ideia de celebrar.

— Que tal comemorarmos todos juntos o reencontro? Poderíamos

organizar uma reunião na casa de Chloé antes de sua partida para

Singapura? Chloé, a irmã de minha mãe, gostaria muito de conhecê-lo. —

Ela o olhou com expectativa. — Além disso, eu também gostaria de fazer um brinde atrasado ao seu aniversário!

— Seria um prazer.

Agora que a ruga de preocupação desaparecera, o charmoso sorriso realçava seus belos traços.

— Que tal no sábado à tarde?

— Ótimo. Não vejo a hora.

Durante muito tempo, eles conversaram despreocupados. Riram,

brincaram e se esqueceram do tempo. Quando caíram em si, já havia escurecido. As luzes que brilhavam das casas espalhadas sobre as colinas pareciam se misturar com as estrelas no céu. A maré enchera a baía de novo e risos alegres ecoavam de um iate na marina. Eles passearam até o

ponto de táxi. Durante toda a viagem para casa, o estado de felicidade inebriante permaneceu. Eles se separaram como velhos amigos com um abraço amigável.

— Até sábado, Richard. Diga a Leander que estou ansiosa para ver vocês em casa. Obrigada por esse momento maravilhoso.

Ela não conseguia parar de pronunciar o seu nome. Ele acenou para ela com um sorriso satisfeito e correu para a sua cabana. Enquanto caminhava para casa, Corina seguiu divertindo-se com a sonoridade do nome.

— Richard, Ri-chard, Ri-cha-ard... — cantarolava, sentindo uma das pequenas alegrias da maternidade.

— Sim, *missus* Liszt...? — perguntou uma voz vinda da escuridão.

Estremecida, ela olhou para o rosto de Eduard.

— A senhora me chamou?

— Que susto, Eduard! Não, estava pensando alto. Boa noite.

Ela subiu rapidamente as escadas e abriu a porta com todo cuidado para não fazer barulho. Não queria acordar Chloé. Ademais, não tinha vontade de responder a perguntas neste momento. Precisava ficar mais algumas horas sozinha com os deliciosos pensamentos em seu filho. Sem acender as luzes, atravessou o salão na ponta dos pés. O retrato de *sir* William sorria exuberante. Ao passar por ele, Corina sussurrou-lhe:

— Será que algum dia eu vou descobrir como você consegue se adaptar a cada situação?

Ele só deu um sorriso travesso. Ela tascou-lhe um beijo na bochecha e subiu rapidamente os degraus até seu quarto, a madeira estalando sob seus pés. Assim como quando era criança, continuava acreditando que poderia evitar o barulho se subisse correndo as escadas.

Rindo baixinho, fechou a porta atrás de si.

16

Após as emoções positivas das últimas horas, ela caiu em um sono profundo. Somente na manhã seguinte, os detalhes do dia anterior

voltaram-lhe à mente. Aquela carta... Oh, céus, tinha de falar com Chloé sobre a ideia da festa no sábado seguinte e... Saltou da cama e correu diretamente para o banheiro. Tudo parecia girar em câmera lenta: a água fluía lentamente do chuveiro e o cabelo não reagia ao secador. Suas ações

estavam descontroladas: o delineador ia parar em todo lugar, menos onde deveria; a fragrância do perfume era muito pesada para a manhã; o *rouge* brilhava demasiadamente intrusivo no espelho.

— Pare — disse a si mesma —, comece tudo de novo, com calma e em paz.

Finalmente, ficou pronta. Ao descer as escadas, constatou que *sir* William parecia satisfeito com a mancha vermelha deixada em seu rosto ontem à noite. Decidiu não limpá-la. Correu para o terraço, onde uma Chloé ansiosa já a aguardava para o café da manhã.

— Muito bom dia, Chloé. Espero que tenha dormido tão bem como eu!

Com um suspiro satisfeito, sentou-se à frente dela.

— Bom dia, Corina. Tenho a impressão de que o encontro foi um

grande sucesso.

Olhos grandes a observavam com curiosidade.

— Sim, essa é a melhor forma de descrevê-lo. E eu tive uma ideia. Que tal fazermos uma pequena festa no sábado à tarde? Eu pensei que isso seria uma ótima ocasião para você conhecer Richard. O que acha?

— Excelente. A casa vai voltar à vida, como antigamente. Emma, você ouviu? Celebraremos o reencontro de mãe e filho!

— E o trigésimo quinto aniversário de Richard — Corina acrescentou.

Um grande sorriso iluminou o rosto redondo de Emma. Em tais eventos, atuava em sua melhor forma. Nenhum desafio era demais para ela. E exigia o direito à palavra na hora de decretar a composição do menu, que era sua tarefa mais exigente. Neste exato momento, já estava ocupada com o planejamento em sua cabeça.

Durante o café da manhã, Corina relatou em detalhes como fora o encontro. Recostada na cadeira, Chloé ouviu repleta de empolgação. Mas, ao final, parecia não estar totalmente satisfeita, seus olhos continuavam tenazmente fixados nos lábios de Corina. Sentia que ainda havia alguma coisa que ela não queria contar.

— Está bem, Chloé, eu sei que é praticamente impossível esconder algo de você. — Ela tirou o envelope amarelado do bolso — Sua irmã Eleonore escreveu esta carta para *missus* Vandebroek. Talvez ela responda também a algumas de suas questões.

Chloé leu e releu a carta várias vezes. Então, sem uma palavra, ela dobrou o papel e empurrou-o sobre a mesa para Corina. As lágrimas presas

faziam brilhar o azul de seus olhos.

O vento soprou uma mecha prateada nos olhos de Chloé.

— Isso é muito triste — ela murmurou. — Eleonore não teve a mínima consideração por mim ao tomar sua decisão. Isso me deixa muito magoada — ela balançou várias vezes a cabeça.

Corina não entendia esse comportamento estranho. O que ela esperava ler na carta? Embora sentisse compaixão pela tia, não sabia como confortá-la. Ao mesmo tempo, perguntava-se por que deveria consolar Chloé. Estava convencida de que as verdadeiras vítimas dessa história eram ela, Leander e Richard — e mais ninguém. Então, olhou para aqueles grandes olhos tristes e finalmente percebeu sua dor. Chloé chorava pela sua própria história pessoal. As omissões entre as duas irmãs vinham à tona depois de

todos esses anos. Qualquer palavra agora somente iria aumentar o seu sofrimento.

As emoções pregavam-lhe peças. A alegria inicial da manhã mudara para remorso e, finalmente, terminava na mais profunda melancolia. A paisagem mudou de aspecto. De repente, tudo parecia ter ficado cinza.

— A maldita torrente que sempre retorna — Chloé irritou-se. Sua visão estava fixada na baía. A maré alta se instaurava lenta e continuamente.

Atônita, Corina seguiu seu olhar... O que estava querendo dizer?

— Essa história toda me força a pensar nos acontecimentos de minha juventude.

Como se picada por uma vespa, Chloé de repente saltou da cadeira.

Tomado pela adrenalina, seu corpo parecia ter perdido a idade. Ela se postou como uma atriz perante a sobrinha.

— A sua mãe — seu tom era de censura —, minha irmã mais nova, roubou de mim o meu grande amor. Seu pai, Claudius, foi meu primeiro! Ela bateu com a mão direita várias vezes no coração. O problema enfim saía das trevas do passado.

— Desde criança, Eleonore sempre foi uma peste. Ela conseguia tudo que queria de nosso pai. Seu esporte predileto era roubar cada amigo que

eu trazia para casa. E ela fez o mesmo com Claudius, meu grande amor. Meu

Deus, eu estava tão apaixonada por ele. Nós passamos quase dois anos flertando, até as famigeradas férias em Dunningham House. — A amargura

permeava sua voz. — Henry, um amigo de Claudius, nos convidou para passar o verão aqui. Sim, eu me lembro muito claramente, como se fosse ontem. Com toda a sutileza de uma adolescente, Eleonore nos convenceu a

levá-la. Uma vez aqui, ela não perdeu uma única oportunidade de afastar Claudius de mim. A maneira como ela inocentemente se aproximava dele, ao mesmo tempo sem deixar que ele chegasse muito perto, tinha a maestria de atriz. Suas encenações diárias devoravam meu coração lenta e dolorosamente, a dentes finos. Era uma menina jogando o jogo do primeiro amor. E ela venceu.

Com a mão direita ela fez um gesto extremamente elegante, como um maestro que pede silêncio ao coro. E fez uma pausa para pensar.

Uma leve brisa soprava do jardim, trazendo a fragrância do verão. Ela fechou os olhos, inalou profundamente e sentiu o efeito sedativo do aroma.

— Henry acompanhou seus jogos com grande interesse. Ele me confortou. Ah, e ele sabia reconfortar. De uma forma especialmente encantadora, e também bem-humorada, ele aos poucos curou meu coração.

— Um sorriso satisfeito apareceu por um segundo em seu rosto. — Mas isso não me bastou. Eu amava Claudius com todo meu coração e isso foi a minha tragédia. — Ela abriu os olhos e encarou Corina. — Você sabia que tem os olhos dele?

— Sim, todos dizem que eu me pareço muito com meu pai.

— Talvez seja por isso que eu me sinto tão ligada a você. Porque eu o vejo em seus olhos. Também a sua risada, suas mãos e a forma como você se move me lembram Claudius.

Chloé virou de costas para Corina e calou-se. Queria ficar alguns minutos a sós com suas memórias.

— Bem, pouco tempo depois, sua mãe ficou grávida e eles se casaram.

Pareciam ter encontrado a felicidade plena. Mas, infelizmente, não durou muito. Por trás dessa fachada, o relacionamento desmoronava. Claudius perdia cada vez mais o respeito. Já não se contentava com uma mulher e não deixava passar uma única oportunidade para confirmar sua

masculinidade. E é compreensível que sua mãe não tenha me procurado para falar de seus problemas conjugais. Inicialmente, eu tinha inveja dela.

Mas, com o tempo, passei a sentir piedade. Sim, ela me dava dó...

Ela colocou a mão na testa e voltou-se para Corina.

— Sabe o que eu acho? Ela conhecia os meus sentimentos. No fundo sabia que eu nunca havia deixado de amar Claudius. E, quem sabe, talvez Claudius

também ainda me amasse. De qualquer forma, Richard nasceu no mesmo ano em que Henry morreu. Para ela, isso significava que eu estava novamente livre para Claudius. Ela estava gravemente doente e sabia que sua vida estava chegando ao fim. Se ela tivesse deixado sua criança e você comigo, Claudius teria passado a frequentar a minha casa. E ela não queria deixar Claudius para mim. Nunca.

Corina a olhava estupefata. Ela admirava sua linha de pensamento e sua conclusão consistente.

— Desculpe-me, querida Corina. Mas, desde que você chegou aqui e desvendou sua história, também a minha porta do passado foi escancarada.

Sua mãe levou o amor do meu coração, me causou enorme sofrimento e pagou por isso com um marido que nunca pôde ser fiel. — Ela voltou o olhar pensativo para a baía, que estava completamente dominada pelas águas do mar. — Eu acredito que a tristeza foi a causa do seu câncer. Sim, o destino a castigou duramente. Mas agora que sei de tudo isso, cinquenta anos mais tarde, eu finalmente posso perdoar sua mãe.

Com essa última frase, Corina deixou Chloé sozinha com seu sentimento de perdão. Entre as narrações de hoje e do dia de ontem, Corina estava dominada por um caos interno. O que precisava agora era ir a algum lugar distante de toda essa confusão. Decidiu visitar o mercado de St. Helier.

17

Ela caminhou ao longo da avenida em passos rápidos. Uma hora depois, quando chegou a St. Helier, sua mente já estava livre de todas as turbulências.

Surpresa, precisou de alguns minutos para se orientar. O local mudara muito desde a sua infância. Bancos imponentes se enfileiravam, competindo entre si com grandes portais de entrada. Uma casa do lado esquerdo tinha várias caixas de correio douradas, ornamentadas com

nomes de todas as nacionalidades em letras contorcidas. Não admira que a

*Channel Islands*¹ tenham impostos extremamente baixos. Aos investidores estrangeiros são garantidas as melhores condições, além de um rigoroso sigilo bancário.

A agitação comercial dominava a cena do meio-dia. Jovens dinâmicos em ternos escuros e mulheres em trajes elegantes cruzavam seu caminho.

Todos tinham a mesma expressão de importância estampada no rosto.

Certamente, essas faces rígidas se derreteriam perante uma Ferrari ou um

Jaguar. Carros de luxo não eram incomuns na ilha. É interessante como o vestuário altera as pessoas, ela pensou. Coloque as mesmas pessoas em uma roupa esportiva e imediatamente seus movimentos e expressões

relaxarão. Apenas alguns metros mais adiante, ela deparou com um mundo

completamente diferente: o New Market, um dos mercados cobertos mais

nostálgicos das Ilhas do Canal. Aqui, as atividades comerciais tinham outro

teor. Vozes engraçadas misturavam-se com os gritos exaltados dos

comerciantes que ofereciam suas mercadorias. A variedade de frutas,

legumes, queijos, carnes e pães fundia os hemisférios Norte e Sul, criando

uma mistura única. Na próxima esquina, estava um mercado ainda mais velho, que fascinava por sua singularidade: o Beresford Market, um paraíso

gastronômico que transportava os visitantes diretamente para o Mar

Mediterrâneo. Ostras, mariscos, caranguejos eram servidos no pequeno

Atlantique-Bar. Em tempos passados, Corina viera muitas vezes aqui com Leander para vender os mariscos que haviam coletado no dia anterior na praia. Ela sentia-se bem. Era reconfortante estar perto disso tudo de novo.

Perdida em pensamentos, vagou entre as mercadorias, provou um pedaço de queijo ou alguma das muitas iguarias que lhe eram oferecidas.

De repente, ouviu o seu nome entre as vozes. Uma voz familiar chamava por ela. Sentiu uma onda de nostalgia tomar conta de seu corpo. Algo tinha

começado de novo. Algo que todos esses anos esteve adormecido em algum lugar profundo dentro dela despertava neste momento. Não precisou se virar para saber de quem era a voz. Permaneceu parada, para ouvir novamente. Há muito tempo não diziam seu nome com tanta sonoridade.

Ela sabia que, se virasse agora, iria tomar posse dele, assim como da primeira vez em que se amaram e ele não conseguia parar de pronunciar

seu nome. Ela queria possuí-lo novamente. Lentamente, Corina virou-se em direção à voz. Lá estava ele. Leander, com um sorriso que prometia: aqui estou, leve-me, estou aqui só para você. E ela aceitou o convite. Com passos cautelosos, Corina caminhou até ele. Cada passo conduzia diretamente do passado para o presente e, talvez, para um futuro comum.

Tentou dizer alguma coisa sobre suas emoções. Queria contar-lhe sobre a conversa com Chloé, falar da luta solitária de sua mãe doente.

Queria explicar que a mãe só queria o melhor para ela, Leander e Richard.

Queria dizer a ele que, na verdade, todos eles eram vítimas. Vítimas de uma enxurrada de sentimentos feridos, complicações e erros. Queria fazê-lo entender que tudo isso já não era importante, pois o que importava era que

eles finalmente haviam se encontrado. Richard, Leander e ela. E queria dizer “eu estou tão feliz de ter você aqui ao meu lado”. Mas nada disso saiu.

Sem uma palavra, ela se aconchegou em seus braços e deixou que seus corpos formassem uma unidade. Foi como chegar em casa após uma longa viagem. Sentiu-se muito bem recebida. Não foram feitas perguntas desagradáveis.

[1.](#) Ilhas do Canal da Mancha

18

A tarde de sábado estava ensolarada. Uma brisa amena soprava do mar e o farfalhar suave das folhas era o único ruído presente. O toldo branco que Eduard instalara no terraço acentuava o brilho azul ultramarino do mar ao fundo. Apesar de sua idade, Emma superara-se mais uma vez. Havia

pensado em tudo. O vinho do Porto fresco estava pronto no carrinho. A mesa fora decorada com limões e hortênsias brancas. E ela própria usava um uniforme azul-escuro com avental de rendas branco.

Metida em seu vestido de verão azul-claro, Chloé andava agitada de um lado para o outro no salão. Arrumou pela enésima vez as orquídeas brancas no vaso. Sua excitação era compreensível. Desde que se mudara para o residencial na cidade, Dunningham House caíra em um eterno silêncio pacífico. Ela não estava mais habituada a receber. Mas não era só isso.

Chloé tinha mudado desde a última conversa com Corina. Parecia estar lutando uma batalha silenciosa em seu coração. Depositava um velho

álbum de fotos amarelado sobre a pequena mesa da sala e permanecia horas folheando antigas imagens do passado. Naquela manhã, Corina

percebeu que ela falava com uma foto, enquanto a acariciava com as pontas dos dedos. Quem teria encontrado? Era uma foto de sua irmã, com quem lamentava não poder mais falar? Ou era Claudius, o grande amor que nunca teve a chance de vivenciar?

Corina podia compreendê-la. Na verdade, elas compartilhavam um destino semelhante. Exceto que ela ainda vivia na esperança de poder voltar a ser feliz com Leander.

Finalmente, começou o movimento. Primeiro, ouviu-se um barulho de motor e o som de pneus rolando sobre o cascalho. Certamente era o senhor Von Ehrenheim que dirigia seu Bentley, exatamente como pedia a situação. Então vieram os passos de Eduard, que corria para abrir a porta do carro para o convidado. O velho jardineiro não queria perder a oportunidade de poder tocar no Bentley. A voz brilhante de Chloé o saudou alegremente.

Corina observava com ansiedade o caminho da praia. Tinha certeza de que Leander e Richard tomariam o atalho. Seus olhos vagaram para o caramanchão de orquídeas. Hoje aquele lugar abrigava uma magia especial, que só Leander e ela podiam sentir. Em breve, Richard passaria pelo local de sua concepção sem sequer perceber a velha casinha. Ela apoiou os braços sobre a balaustrada, o queixo nas mãos e pensou por um momento se deveria contar a Richard sobre o caramanchão. Então, finalmente ouviu vozes masculinas à distância. O vento trazia o riso dos dois homens que vinham subindo o caminho do jardim, absorvidos por uma conversa alegre.

Como os dois eram parecidos!

Então, ao passar pelo caramanchão, Leander se virou para observá-lo e um sorriso atravessou seu rosto.

— Eu também te amo! —, ela sussurrou do fundo de seu coração.

No mesmo momento, ele olhou para ela como se suas palavras o

tivessem tocado. Richard também olhou para cima e acenou para ela com um buquê de flores na mão. Corina não podia acreditar em tanta felicidade.

Ela se soltou da balaustrada para receber sua pequena família de braços abertos. Quando estava prestes a correr na direção deles, alguma coisa a paralisou. As palavras de Chloé penetraram de novo em sua consciência...

Nunca mais abra demasiadamente seu coração. Proteja-se. Corina parou.

Suas pernas ficaram pesadas, pareciam enraizadas no chão. Foi tomada por um pânico de perder tudo de novo. Leander e seu filho pareciam dissolver-se diante de seus olhos. Por um momento, a realidade à sua volta vacilava.

Leander subiu as escadas a passos rápidos, saltando dois degraus por vez.

Parecia ter notado o temor refletido em seu rosto. No último segundo, ele a amparou, antes que ela afundasse novamente no profundo abismo do passado.

— Que bom ver você, Corina.

Ele a cumprimentou com um beijo na bochecha e segurou-a nos braços com ternura. Assim que ele pronunciou o seu nome, ela recobrou a

segurança. Viu Richard por cima do ombro de Leander. Por um átimo, sentiu uma profunda ligação com ele. Mas algo o reprimia; suas sobrancelhas estavam contraídas.

Corina vacilou — sim, estava confusa novamente. Cuidadosamente, empurrou Leander para o lado e examinou seu filho. O que havia de errado com ele? Teria mudado de ideia? Então, como se tivesse lido sua mente, ele

rapidamente subiu as escadas, veio direto até ela, entregou-lhe o buquê e estendeu-lhe a mão em um gesto de saudação formal. Mas ela ignorou a mão e puxou-o para um abraço. As flores caíram e espalharam-se aos seus pés. *Um mau presságio*, pensou, e o apertou com mais força.

— Como é bom segurar você em meus braços, Richard.

Ao contrário de seu primeiro encontro, hoje ele parecia estar um pouco distante. Não, não devia pensar nisso agora, haveria uma explicação para tudo. Certamente, ele precisava de algum tempo para se adaptar à nova situação. Tanta coisa mudara em sua vida. Tinha de ter paciência com ele e consigo mesma.

— É bom vê-la, Corina — sua voz era calma e composta.

Assim era a conduta de um piloto. Nunca demonstrar fraquezas, incertezas e, sobretudo, sentimentos.

Emma se aproximou com a bandeja. Não tirava os olhos curiosos de Richard. De passagem, ela sussurrou:

— Ele é um jovem muito bonito, a cara do pai, *missus* Corina — depositou a bandeja na mesa, benzeu-se e recolheu apressadamente as flores. O sinal da cruz foi mais uma indicação que alimentou sua insegurança.

Buscando apoio moral, seus olhos procuraram por Chloé... Onde estava?

Ela e Arthur ainda estavam no saguão de entrada. Conversavam e ele parecia incentivar alguma decisão, porque ela balançava a cabeça várias vezes, consentindo. Uma cena altamente dúbia, na interpretação de Corina.

Emma se colocou entre os dois com a bandeja para dar a entender que as

visitas haviam chegado.

Chloé alisou o vestido e dirigiu-se a Leander com os braços estendidos.

Após beijá-lo e abraçá-lo cordialmente, ela virou-se para Richard:

— Bem-vindo, Richard. Sinta-se em casa. Ou melhor, esta casa agora também é sua.

Ela o abraçou com o afeto de quem acolhe um neto. Seus olhos azuis se encheram de lágrimas. Comovida, Corina esqueceu as recentes preocupações e sorriu tranquilizada.

Nesse meio-tempo, chegou também Lukas Brown. O advogado subiu ofegante as escadas do terraço. Cada degrau deixado para trás parecia uma batalha vencida contra seu corpo pesado. Ao chegar, primeiro limpou as gotas de suor de sua testa. Ele trazia uma pasta de documentos debaixo do braço. Apenas Corina parecia estar surpresa com sua vinda. Com um sorriso artificial, ele caminhou até Chloé e estendeu-lhe a mão.

— Está tudo pronto, *missus* Dunningham — e o sorriso no rosto foi imediatamente substituído por uma expressão séria de negócios.

Chloé bateu brevemente com o anel em sua taça de vinho para chamar a atenção. Todos olharam para ela.

— Meus caros, eu não tenho palavras para exprimir o quanto estou feliz em recebê-los aqui em Dunningham House. Com toda a honestidade, eu já tinha perdido as esperanças de que um dia veria uma nova reunião. —

Ela piscou para Corina. — Primeiro, quero propor um brinde aos nossos dois aniversariantes. A você, querida Corina, eu espero que todos os seus desejos se realizem. E, para tal, preparei um pequeno poema.

Ela olhou para Leander.

Rosa flor...

Suave e macia foi sua aurora

brotou silenciosamente;

orgulhosa e bela é agora;

ela usa o vestido de púrpura;

seu perfume sedutor é sutil,

e para você floreia eternamente.

Se em algum momento seu coração se perguntar:

até quando o perfume ela vai carregar,

não tenha medo ao nela pensar,

pois para sempre ela vai te esperar.

Talvez do perfume delicado

você apenas tenha uma noção,

mas tenha sempre em mente

que ela o leva em seu coração.

— Eu acho, Leander, que você já reconheceu esta rosa.

Ela deu-lhe uma cotovelada de cumplicidade.

— Ora, ora, o que estamos ouvindo... O *Postillon d'amour* — comentou o senhor Von Ehrenheim com um sorriso satisfeito.

Corina olhou encabulada para Leander. Suas faces enrubecidas

indicavam que ele entendeu a dica de Chloé nas entrelinhas.

— Sim, e temos ainda um outro aniversariante. Caro Richard, os melhores desejos a você, que a felicidade o acompanhe sempre... Não estou encontrando as palavras, mas acho que o que eu tenho a dizer certamente vai agradar-lhe.

Mais uma vez eles levantaram as taças.

— Eu gostaria de aproveitar a ocasião para expressar meu desejo do coração — levantou de novo sua taça, limpou a garganta e continuou. —

Como você sabe, Corina, eu nunca pude realizar meu desejo de ter filhos.

Mas o destino me reservou uma linda surpresa e trouxe Richard para a minha... Não, para a nossa vida. Muita coisa mudou a partir de então. —

Lutando contra as lágrimas, olhou constrangida em todos os rostos. Arthur

assentiu de modo encorajador. — Ah, chega de encher linguiça — corrigiu-

se. — Sem mais delongas: querida Corina, caro Leander, caro Richard, eu deixo a vocês três a Dunningham House e desejo que sejam tão felizes nela

como eu fui. Bebamos aos novos proprietários de Dunningham House.

Corina não podia acreditar no que acabara de ouvir. Estava esperando

qualquer coisa, menos isso. Ela depositou sua taça na mesa, aproximou-se

da tia e a abraçou calorosamente.

— Você me deixa sem palavras. Obrigada, Chloé!

— Não agradeça muito cedo, porque eu ainda tenho um pedido.

Enquanto viver, eu gostaria de manter meu quarto. Quero vir aqui de vez

em quando. Mas, é claro, não sem avisar antes!

Sem dar tempo para protestos, ela acenou para Emma servir a comida.

O senhor Von Ehrenheim aplaudiu o momento.

Enquanto isso, Lukas Brown preparou os documentos e solicitou que todas as partes se sentassem. Ele leu o testamento em voz alta e clara. Em seguida, perguntou se alguém tinha objeções e pediu que todos assinassem o contrato de herança.

Emma aguardava impacientemente na soleira da porta. Assim que a pasta foi fechada, ela se adiantou com o primeiro prato: um bisque de lagosta maravilhosamente perfumado.

— O pão branco torrado já vem — ela disse, ofegante.

O senhor Von Ehrenheim fez questão de servir o vinho branco gelado.

Enquanto ele proferia todos os detalhes sobre a variedade de cepa, a localização, origem e qualidade do solo, bem como a cor e o buquê, o primeiro gole do vinho foi provado respeitosamente.

Corina permaneceu no papel de observadora. Sentou-se em frente a

Richard para aproveitar a oportunidade de conhecê-lo um pouco mais de perto. Estudava pelo canto do olho como ele se comportava à mesa. Viu como ele ouvia atentamente as observações de Arthur. Chloé enxugava as

últimas lágrimas. O senhor Von Ehrenheim seguia no centro das atenções,

demonstrando seus conhecimentos de vinho. Lukas Brown fez algumas

perguntas sobre o vinho, mas seu olhar permanecia fixo em Emma,

indicando que ele estava com fome. Leander estava com as pálpebras semicerradas; para os outros, ele parecia perdido em pensamentos, mas ela

já conhecia esse comportamento de outros tempos. Sabia que nessa posição ele era capaz de se concentrar melhor na conversa e, ao mesmo tempo, evitar perguntas desagradáveis.

A mão de Chloé sobre a sua a despertou. — Eu não posso trazer de volta o que lhe foi negado todos esses anos, mas espero que seja uma pequena compensação.

Ela apertou a mão de Chloé com carinho.

— Obrigada, Chloé, você não me deve nada, mas me faz eternamente feliz.

Assim era Chloé, uma pessoa de bom coração. Além de perdoar sua irmã depois de todos esses anos, ela ainda assumia a sua culpa. Qualquer palavra teria sido inadequada neste momento. Então, Corina limitou-se a sorrir para ela com gratidão.

A especialidade do prato principal não foi preparada por Emma, mas por Eduard. A ele foi incumbida a honrosa tarefa de enfiar as lagostas vivas na panela de água fervendo. Emma não suportava assistir a esse tipo de execução, preferindo ficar longe da cozinha. Através da janela aberta, a voz de Eduard podia ser ouvida. Murmurava algum tipo de perdão pelo seu ato.

Assim que ele parou de falar, Emma voltou para a cozinha e assumiu o comando. Colocou as lagostas em banho-maria e montou a travessa com os

devidos acompanhamentos. Pouco depois, Eduard e Emma entraram na

sala com uma enorme bandeja. Lagostas vermelhas estavam enfileiradas sobre uma cama de arroz e adornadas por legumes frescos da região, organizados pelas diversas cores. Um aroma maravilhoso de alho selvagem

tomou conta do ambiente.

Para fechar com chave de ouro, Emma apresentou um iogurte de sua própria produção com framboesas frescas. O senhor Von Ehrenheim

ofereceu o vinho de sobremesa apropriado: um Sauternes da safra de 1975.

Antes de abrir a garrafa, segurou-a como um tesouro em suas mãos. Com muito cuidado, verteu um pouco para degustação em sua taça, segurou-a contra a luz do sol, girou-a e sentiu o buquê com os olhos fechados. Então, aprovou satisfeito e, em seguida, serviu a preciosidade.

Depois da deliciosa refeição, todos saíram para uma caminhada na praia. A maré baixara e o sol da tarde dava uma atmosfera muito especial à baía de St. Aubin. A luz vermelha se refletia nas pequenas poças deixadas pelo mar, onde algumas aves pousavam à procura de peixes. A maresia podia ser sentida na pele.

O senhor Von Ehrenheim estava envolvido em uma conversa com Lukas Brown. Chloé aproveitou a oportunidade para conversar com Richard; aproximou-se dele e enganchou-se em seu braço. Leander e Corina ficaram para trás.

— Olhe só — ela cutucou Leander e apontou para os dois. — Que lindos, é como se eles se conhecessem há séculos. Diga, Leander, quando foi que você e Chloé regulamentaram a doação da Dunningham House?

— Quando você estava no hospital. Chloé me procurou e eu marquei uma hora com Lukas Brown, que então esclareceu todos os detalhes a ela.

Dois dias atrás, ela me ligou e disse que a reunião de hoje seria a oportunidade perfeita para oficializar a doação. Ela é uma mulher incrível.

— Eu sei — disse e se aproximou dele.

Leander logo percebeu e seguiu a dica sutil para colocar o braço em torno dela.

— Acabo de ter uma ideia. Que tal nos encontrarmos amanhã de manhã

para uma caminhada? Eu sugiro a nossa trilha favorita acima da Baía de Portelet. Podemos sair logo depois de levarmos Richard ao aeroporto.

O coração de Corina deu um pequeno salto de alegria.

— É uma ótima ideia. Aquele lugar fica lindo nessa época do ano —

acrescentou. — Mas... Você me inclui na ida ao aeroporto como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Ele parou e olhou para ela com os olhos arregalados.

— Nós somos uma família e até mesmo os orgulhosos proprietários de uma bela casa. Já esqueceu... Minha rosa em flor? — ele brincou.

— Obrigada por me lembrar. — Ela tomou seu rosto entre as mãos e beijou-o.

— Eu estou muito feliz neste momento.

— Psst — ele colocou o dedo indicador sobre seus lábios —, nunca devemos falar sobre a felicidade em voz alta, senão ela percebe e foge —

brincou.

— Eu te amo, Leander.

— E também te amo — ele a apertou com força.

Chloé e Richard tinham parado e assistiam à cena de amor com um sorriso.

— Nós deveríamos voltar antes que fique escuro — disse Chloé.

— Um digestivo cairia bem agora — acrescentou Lukas Brown.

A proposta foi bem recebida por todos.

19

Mais tarde, quando eles estavam reunidos na sala, o senhor Von

Ehrenheim apontou o relógio sobre a lareira e divertiu-se, dando uma risada breve.

— Vejam só, os ponteiros parecem fugir do tempo. Eu espero que vocês não tenham herdado uma casa mal-assombrada — ele brincou.

Chloé também riu.

— Nunca se sabe. Aqui nas Ilhas do Canal essas coisas são possíveis.

Até eu já tive minhas dúvidas quanto a alguns antepassados de meu falecido marido. *Sir William*, quem sabe, a ovelha negra da família, poderia estar passeando por aí.

— O que tem ele? — Richard perguntou. — Notei que seu retrato é claramente diferente dos outros.

— Muitas histórias são contadas sobre ele e também sobre o relógio.

Dizem que *sir William* ganhou-o de uma *lady*. Ela o teria presenteado por causa de seus atrasos. E, desde que me lembro, o relógio tem seu próprio

ritmo. Às vezes, ele fica parado por horas. De repente, começa a se mover

de novo e corre apressado pelo mostrador. Então, outro gongo soa no meio

da noite e, na manhã seguinte, o relógio está certo novamente.

O senhor Von Ehrenheim desabotoou o paletó, limpou a garganta e

disse:

— Bem, vocês sabem que eu tenho um fraco por casas antigas — ele olhou ao redor, para ter certeza de que todos ouviam com interesse. —

Durante muito tempo, os habitantes da ilha lutaram contra as três forças do destino: a religião, a natureza e a sociedade. Ainda hoje, muitos moradores idosos contam histórias sobre bruxas, feiticeiros e também sobre o diabo.

Havia uma casa em Guernsey que se chamava Weges-End¹. Recebeu esse nome porque estava localizada sobre um promontório e ficava inacessível

durante a maré alta. Contam as antigas tradições que essa casa era regularmente assombrada por espíritos; durante a noite, ouviam-se

estrondos, as luzes piscavam ao acaso; mas isso não é tudo. Se, à noite, você colocasse um novelo de lã e agulhas de tricô sobre a lareira junto a um prato de sopa, então na manhã seguinte encontraria um prato vazio e um

par de luvas.

Novamente ele olhou para os olhos redondos e cheios de expectativa,

animando-se a continuar.

— Vale a pena lembrar que uma das principais fontes de renda dos habitantes da ilha, além da pesca, era o tricô. O próprio Victor Hugo, que viveu em Guernsey, descreveu isso detalhadamente em seu livro *Les travailleurs de la mer*. Ele também passou muito tempo tentando explorar todas as ilhas. E assim, descobriu muito sobre bruxas e feiticeiros.

Emma ofereceu-lhe um copo de xerez. Ela o olhava com curiosidade,

mas também com uma certa aversão. O senhor Von Ehrenheim percebeu

isso imediatamente.

— Não se preocupe, Emma, todos eles acabaram na fogueira. As

últimas queimadas foram realizadas em 1747, em uma praça de Guernsey

especialmente destinada a isso. Ninguém perdia muito tempo verificando se eram mesmo culpados. Suas confissões eram extraídas sob tortura. Além

disso, aquele lugar prestava outros serviços à sociedade e à religião. As crônicas da ilha narram que, durante o reinado da rainha Maria, hereges e

huguenotes foram queimados. Certa vez, levaram uma mãe com suas duas

filhas à fogueira. Uma delas estava grávida. Diz a lenda que seu corpo explodiu e uma criança viva foi projetada para fora, rolando sobre a terra.

Entre as massas que gritavam, um bom católico avançou, pegou a criança e a lançou novamente ao fogo.

Corina estava pálida e sentia-se mal. Ela gostava de Arthur, mas às vezes suas histórias tomavam um rumo muito cruel. E ela ainda via um paralelo com sua condição no passado. Olhou preocupada para Richard.

Sim, ele era real, ele estava lá. Não conseguia mais desgrudar os olhos de seu filho. Era como se ainda precisasse convencer seu consciente.

Chloé percebeu o estado de perturbação da sobrinha.

— Acho que já ouvimos o suficiente das histórias de horror, Arthur — falou em um tom que não permitia objeções.

— Eu gosto dessas histórias antigas. Elas têm algo de mundano, assim como era a vida naquela época — Lukas Brown arriscou.

Todos o encararam chocados. Até Emma, que estava ocupada

distribuindo os copos de xerez e adorava histórias de horror, olhou para ele em tom de censura. Leander colocou uma mão reconfortante sobre a mão

de Corina.

— Acho essas histórias de mau gosto — comentou Richard, que podia absorver bem o rosto horrorizado de Corina.

O senhor Von Ehrenheim procurou se defender.

— Não, por favor, não me entendam errado. Eu só queria dizer que poderia existir um fantasma que assombra a casa e brinca com os ponteiros

do relógio da lareira.

A emenda saiu pior que o soneto. Mais uma vez todos olharam para ele espantados.

— Há espíritos bons — tentou salvar-se.

— Arthur! — Chloé intercedeu. — Eu acho que agora está na hora de mudar de assunto! — Então, virou-se para Richard com um sorriso: —

Richard, conte-nos sobre o seu trabalho como piloto... Diariamente, você carrega uma pesada responsabilidade por muitas pessoas. Como se sente com isso?

Richard ficou um pouco embaraçado. Ele sabia que era necessário dizer algo para salvar a conversa. Então valeu-se de seu típico repertório de piloto e escolheu a história que sempre contava para tais perguntas:

— No instante em que a porta do cockpit se fecha atrás de mim, eu me transformo em uma máquina programada para a segurança. Verifico os

instrumentos e troco informações com o copiloto e a torre. — Fez uma curta pausa e recostou-se confortavelmente em sua cadeira. — Somente depois de atingir a altura em que posso ligar o piloto automático, permito-me apreciar o voo. Neste momento, meus pensamentos se desconectam da

terra. Os sentimentos ficam mais intensos, mais sóbrios, tão claros como o céu azul. Da vista aérea, as formas familiares da paisagem mudam de aspecto. As cores ficam mais intensas. E o mesmo acontece com as

sensações. — Ele bebericou com prazer seu xerez. — Então, antes de voltar a desligar o piloto automático, eu deixo minhas dúvidas, ansiedades e

preocupações perdidas nas enormes massas de nuvens brancas. — Ele olhou em volta, sorriu maliciosamente. — Se as preocupações eram grandes demais, as nuvens ficam pretas e pesadas, e logo depois começa a chover — ele piscou para Corina, ainda sorrindo.

— A dez mil metros de altura, a fria objetividade cede lugar ao romantismo — riu Chloé. — De quem será que ele herdou isso?

Ele conseguira aliviar o clima com sua narração embalada de sentimentalismo. Leander, que o observava pelo canto do olho, deixou transparecer um discreto traço de orgulho no rosto.

Depois disso, a conversa ficou animada. Chloé contou algumas histórias divertidas de sua memória. Todos riam e faziam perguntas. Apenas o senhor Von Ehrenheim sentia-se incompreendido e preferiu manter a discrição pelo resto da noite. Por volta da meia-noite, o assunto terminou.

Antes de se despedirem, porém, o senhor Von Ehrenheim se ofereceu para levar Richard ao aeroporto. Era uma forma de desculpar-se. Richard aceitou entusiasmado, pois não era todo dia que saía num Bentley com motorista.

Depois que todos se foram, Corina ficou sozinha no escuro do terraço.

Tudo estava quieto. Um rouxinol cantou em algum recôndito do jardim.

Estranhos ruídos perturbaram a habitual quietude noturna. Uma sombra negra se desprende dos ramos. Era uma ave noturna, que voou

graciosamente com as asas esticadas bem sobre sua cabeça. Seu coração disparou com o susto. Estava na hora de entrar.

A luz azulada e fria do luar penetrava pela cúpula de vidro, inundando a sala e evidenciando o semblante de *sir William*.

Foi para seu quarto.

Deixou as luzes apagadas de propósito, pois se sentia protegida pela escuridão. Enfiou-se debaixo das cobertas, esperando em breve encontrar o

tão esperado sono. Mas como poderia dormir com aquela turbulência de emoções? Era como se ela tivesse inserido um DVD e apertasse

repetidamente o botão de replay para algumas cenas que pareciam

importantes. Teve uma noite inquieta e só adormeceu nas primeiras horas

da manhã. No último estágio do sono, ela foi arrastada para um sonho estranho.

Richard estava dormindo em uma cama de nuvens. Espalhadas ao redor

dele havia pétalas de orquídeas. No lugar do sol, tinha um relógio sem ponteiros no céu. Ela ouviu o tique-taque do relógio. Uma mulher sem rosto, vestida de branco e com botas de borracha que faziam barulho ao andar veio até ela e cobriu seu corpo com um tecido branco. Corina tentou gritar:

— Não, de novo não!

Mas não podia falar. A mulher seguiu firme em sua ação. Ela estava desesperada. Precisava deter aquela mulher, mas estava paralisada. O gongo alto de um relógio a libertou.

Banhada em suor, ela se sentou na cama, apertou as mãos contra o rosto e chorou. Por quanto tempo ainda seria atormentada pelos temores

do passado? Entre as lágrimas, viu que o pequeno relógio em sua mesa de

cabeceira indicava cinco horas. Era muito cedo para se levantar. Corina enrolou-se novamente no cobertor e tentou pensar no dia que passaria com

Leander. Logo uma sensação agradável afastou as ansiedades e a embalou

em um sono profundo.

1. Fim do caminho

20

— Por que é tão difícil manter o autocontrole? — Essas foram as primeiras palavras que Chloé disse esta manhã. — Arthur, você pode me dizer por que estou tão perturbada?

— Porque você meteu nessa linda cabeça que Richard deveria ficar com você para sempre, fazendo companhia e adoçando seus dias — ele respondeu, com um leve tom de inveja.

— Oh, eu gostaria que todos eles ficassem aqui. Queria poder vir visitá-los sempre que possível.

Corina estava parada à porta. Havia ouvido a conversa inadvertidamente.

— Quem disse que eu não pretendo ficar aqui, agora que sou coproprietária desta bela propriedade? — Ela foi até Chloé e deu-lhe um beijo carinhoso na testa. — Bom dia, dormiu bem?

— Para ser honesta, eu não preguei o olho a noite toda. Richard é uma pessoa tão especial. Ele conquistou meu velho coração e agora vai partir de novo. Talvez eu nunca mais volte a vê-lo novamente.

— Por que você não voltaria a vê-lo? — Corina perguntou surpresa. Por um instante teve uma lembrança ruim de seu sonho.

— A partir de uma certa idade, a despedida fica cada vez mais difícil.

Você nunca sabe se vai ver o outro de novo. — Sua voz era triste. Ela cutucava seus ovos mexidos, perdida em pensamentos. Então, de repente assimilou as palavras de Corina: — Você quer ficar aqui? Eu entendi direito? — Depositou o garfo e olhou interrogativamente para Corina.

— Por que não? Uma grande parte do meu trabalho pode ser resolvida à distância. Além disso, Hamburgo é tão perto... Hoje, esse tipo de situação não é incomum.

Emma, que estava regando os vasos de plantas, virou-se. Um enorme sorriso surgiu no seu rosto gordo.

Atônita, Chloé revezava o olhar entre Corina e Arthur.

Isso seria simplesmente maravilhoso. O que acha, Arthur?

— Seria uma ideia excelente.

— E Leander? Você já falou com ele sobre as suas intenções?

— Eu tomei a decisão, em primeiro lugar, para mim mesma. Mas vou falar com ele hoje durante o nosso passeio.

— Bem, então vamos tomar nosso café da manhã tranquilos — e enfiou uma garfada de ovos mexidos em sua boca.

Chloé estava nas nuvens, satisfeita consigo mesma e com o mundo. E o brilho em seus olhos era um sinal de que arquitetava planos em sua mente.

De vez em quando, apertava os lábios, como se quisesse dizer algo, mas permanecia calada. Tanto o senhor Von Ehrenheim como Corina

perceberam que não era a hora de destruir a atmosfera com uma conversa trivial e dedicaram-se ao café da manhã.

Às dez horas, Leander e Richard apareceram no caminho do jardim. Em seu uniforme e com a maleta de piloto, Richard estava simplesmente deslumbrante. Corina sentiu uma ponta de inveja. Mesmo que fraternal, os dois tinham um ótimo relacionamento. E quanto a ela? Como era vista por Richard? Que tipo de relação existia entre eles? Ela se levantou para ir ao encontro dos dois. Eles olharam para cima e sorriram. A felicidade que Richard irradiava subitamente dissipou todas as suas preocupações, bem como os pensamentos no pesadelo da manhã. Chloé, que a seguira alegremente, parou um passo atrás dela.

— Que inveja de você com seus dois homens. Bem que eu gostaria de voltar a ter 30 ou 50 anos — ela suspirou, brincando.

Corina deu-lhe um tapinha e riu.

— Vocês estão prontos? — ela gritou. — Olha só como meu filho é lindo — disse baixinho para Chloé.

— Sim — sussurrou —, belo e talentoso. Essas qualidades cobrem seu rosto jovem com um esplendor celestial, e ainda assim transparece a forte personalidade por trás dele.

Richard subiu as escadas correndo, com leveza e agilidade, enquanto Leander tomou os degraus com uma elegância graciosa. Corina sorriu satisfeita.

— Digam alguma coisa — ela ordenou —, eu preciso me certificar de que não estou sonhando.

Em vez de uma resposta, ambos correram até ela e deram-lhe um beijo,

cada um em uma face.

— Empate! — gritaram, e caíram na gargalhada, como dois meninos que acabaram de ganhar uma partida.

Só pode ser um sonho, Corina pensou. Eles atravessaram o salão até a entrada principal da casa. Ao abrir a porta, deram de cara com o senhor Von Ehrenheim, que já esperava com seu Bentley. Richard examinou em detalhes o luxuoso automóvel.

Leander sussurrou no ouvido de Corina:

— Vá com Richard. Eu sigo logo mais com o meu carro. — Antes de se afastar, ele acrescentou: — Preparei um pacote para o nosso passeio com tudo o que o coração deseja.

Com passos apressados, ele voltou para a cabana da família

Vandenbroeck. Suas últimas palavras, *tudo o que o coração deseja*, ficaram na mente de Corina como o gostinho doce que um chocolate deixa na boca.

O senhor Von Ehrenheim precisou de algum tempo para preparar o Bentley.

— A velha Lady tornou-se muito sensível. Ela tem dificuldades em lidar com noites fora de casa. A umidade da noite causa-lhe uma pequena tosse. — Fechou gentilmente o capô do motor e limpou as marcas de seus

dedos com um pano macio. — Bem, minha senhora está pronta.

Ele deu a volta no carro e abriu todas as portas para que os passageiros pudessem entrar.

Chloé odiava despedidas e preferiu não acompanhá-los. Deu um abraço

curto e forte em Richard, passou a mão em seus cabelos ruivos

encaracolados e disse:

— Cuide-se. E sempre descarregue suas preocupações lá em cima nas nuvens. Quanto mais pesadas elas ficarem, melhor. Aqui embaixo, nós precisamos da chuva para regar nossas flores. — Então deu-lhe um beijo carinhoso, virou-se e entrou na casa.

Eduard esperava com seu chapéu de palha na mão ao lado do Bentley para poder fechar as portas. Emma também participou da cerimônia de despedida. Em seu impecável uniforme, ela desceu os degraus com uma tigela na mão. Um pouco sem fôlego, disse:

— Acabei de tirar do forno. *Scones* quentinhos para a longa viagem, *mister* Richard.

A cena de despedida foi comovente.

Richard se sentou no banco do passageiro e, como Corina em sua primeira viagem, passou a mão pelo painel de instrumentos de jacarandá.

Corina colocou-se confortavelmente no meio do assento traseiro e apoiou os cotovelos nos encostos dos bancos da frente. Essa era a oportunidade perfeita para conversar mais um pouco com seu filho... Pelo menos, era o que ela acreditava. Logo, percebeu que esse era apenas o desejo de uma mãe. O condutor e o passageiro olhavam extasiados para a frente, como se não pudessem acreditar que o Bentley realmente rolava.

Ao perceber o interesse de Richard, o senhor Von Ehrenheim começou a recitar as características técnicas:

— Seis cilindros, bloco de motor de ferro fundido, cilindrada de 4.887

cm3, cabeçote de liga de alumínio... — exaltava-se.

— Entendo — murmurou Richard, impressionado —, tem direção hidráulica?

— Sim, desde 1956 este modelo é produzido de série com direção hidráulica — ele acariciou o volante.

— Certamente, tem suspensão independente com molas helicoidais?

— Sim, na parte dianteira, e eixo traseiro sólido.

Corina percebeu o quão inútil seria querer participar desta conversa.

Resignada, recostou-se e cruzou os braços sobre o peito, ofendida.

Entediada, ela se virou para a janela. A este ritmo, com certeza a mão da rainha da Inglaterra teria adormecido enquanto acenava. Felizmente, o aeroporto não era muito longe.

Como não poderia ser de outro modo, Leander chegara antes ao aeroporto. Com um sorriso compreensivo e balançando a cabeça, ele esperava encostado em seu carro, com as mãos enterradas nos bolsos das calças. Era um homem bonito. Mas somente Corina pareceu notar isso.

Todas as pessoas por perto estavam maravilhadas diante da beleza da Lady. O deslumbramento de Arthur e Richard durou até a parada do motor.

Então, os dois trocaram um sorriso como velhos companheiros e desceram eufóricos da carruagem. E ela? Eles simplesmente a esqueceram dentro do carro. Quando Leander veio ao seu socorro, os dois notaram sua gafe e desculpavam-se com grande ênfase. O único remédio para tanta loucura foi uma boa risada.

— Oh, Richard, venha aqui e me dê um abraço. Por favor, tome muito cuidado e cumprimente Ornella por mim... E fique em contato. Eu te amo.

— Havia lágrimas em seus olhos. Ele também a abraçou com olhos brilhantes.

— Eu também te amo, mãe — respondeu em voz baixa.

Ela o abraçou com mais força, de modo que podia sentir o seu

batimento cardíaco. Não queria deixá-lo ir. Inalou profundamente sua fragrância e só agora percebeu que não era idêntica à de Leander. Eles eram semelhantes, mas havia uma pequena diferença. Sim, sua pele ainda

exalava juventude.

— Eu não quero pressionar, mas acho que você tem de ir, Richard.

— Sim, você tem razão.

Ele abraçou Leander e sussurrou-lhe algo que ela não pôde ouvir.

Apenas percebeu, por suas expressões, que os dois pareceram concordar.

Então, colocou os óculos escuros para esconder as lágrimas.

O próximo da fila de despedida foi o senhor Von Ehrenheim, que o abraçou como um companheiro de esporte.

— Quando você voltar, nós viremos buscá-lo — ele lhe deu um tapa no ombro e uma piscadela.

Era claro que o “nós” referia-se a ele e sua Lady.

Richard pegou sua maleta de piloto e dirigiu-se à entrada. Parou mais uma vez, virou-se e sorriu. Foi um sorriso peculiar, que a deixou pensativa.

A porta se fechou atrás dele e Corina sentiu Leander colocar o braço em torno de seu ombro. O senhor Von Ehrenheim também disse algumas

palavras consoladoras, mas ela não fez esforço para compreendê-las.

Limitou-se a responder:

— Obrigada, Arthur, até breve.

Aquele sorriso de despedida... De repente, Corina se lembrou de onde o conhecia. Foi o mesmo sorriso que sua mãe lhe dera antes de entrar na clínica onde morreria na mesma noite. Assim como Richard, ela exibia a mesma expressão peculiar quando parou à porta e virou-se para se

despedir. Parecia que ainda tinha algo a dizer, mas não tinha mais forças para falar. Corina refletiu durante muitos anos sobre o que a mãe queria ter dito. Agora estava claro: ela queria lhe contar a verdade sobre Richard!

— Corina? — A voz de Leander penetrou em seu subconsciente: —

Venha, Corina, vamos — ela o olhou assustada. — Em algumas semanas ele estará de volta. — Ele gentilmente puxou-a pela mão até seu carro. — Estou ansioso pelo nosso passeio — sussurrou em seu ouvido.

Sua voz tinha um toque sedutor.

— Eu também.

Porém, em seus pensamentos, ainda estava com Richard. Ela olhou novamente para a porta, como se quisesse se assegurar de que ele fora embora realmente.

21

Eles caminharam pela trilha acima da Baía de Portelet. O mesmo caminho que faziam antigamente. Quando eram crianças, abandonavam a

trilha e saltavam pelas rochas. Um passo errado teria bastado para caírem nas profundezas do penhasco. Hoje, no entanto, caminhavam com cautela, em silêncio. Cada um parecia estar processando a ausência de Richard à sua forma. Ocasionalmente, paravam para admirar a variedade de flores. À sua direita, uma miríade de campânulas e samambaias decoravam a encosta íngreme. Ela parou por um momento para sentir o perfume levemente adocicado de uma campânula. Leander agachou-se ao seu lado e também inspirou fundo.

— Você se lembra de nossa primeira caminhada? Fizemos uma pausa exatamente aqui. O perfume permaneceu o mesmo ao longo dos anos. — Seus olhos cor de âmbar brilhavam.

— Como eu poderia esquecer, Leander? Ainda tenho aquela cena claramente na mente — ela sorriu encabulada. — Você queria me beijar, mas não tinha coragem.

Ele olhou para ela intrigado.

— Como você sabe?

— Como eu sei? Vi em seus olhos. Havia um brilho... — Ela aproximou seu rosto do dele. — Como agora. Sim, agora eu também estou reconhecendo essa luz em seus olhos.

— É mesmo? Então...

Seus lábios se tocaram timidamente. Foi nesse momento que todos os sentimentos nostálgicos do passado emergiram. Quando se separaram, ele

sussurrou:

— Deve ser a fragrância inebriante das flores, que ainda anestesia os sentidos.

— Sim, isso nos deixa leves e despreocupados... Como agora — ela brincou. Então, levantou-se e deu alguns passos. — Vamos ver quem chega primeiro até a curva!

Corina jogou a cabeça para trás, deu-lhe um sorriso sedutor e saiu correndo. Ela ouviu os passos dele no caminho de pedra e acelerou cada vez mais, até que ambos chegaram quase ao mesmo tempo ao destino.

Fascinados, eles permaneceram ali parados para apreciar a vista da baía abaixo do penhasco. Antigamente, Leander e os outros meninos vinham aqui para saltar das pedras na água. Era uma diversão arriscada, que permanecia reservada aos garotos mais ousados, aqueles que não temiam

nada nem ninguém. Batizaram o lugar de “Penhasco da Morte” para enfatizar seu perigo. Ela nunca saltou. Ficava sempre em cima, observando amedrontada as bordas afiadas das pedras no fundo do mar.

— Você ousaria hoje em dia?

Ele deu mais um passo e olhou para baixo.

— Eu não sou louco. Venha, vamos continuar — pegou a mão dela e a conduziu para longe do penhasco.

A partir dali, a trilha era mais acidentada. Fragmentos de cascalho e raízes de árvores dificultavam a caminhada, mas a paisagem compensava o

esforço. Das paredes das rochas saíam samambaias de vários metros,

ásteres vermelhos e amarelos, íris e tremoceiros esticavam suas flores na direção do sol; orquídeas selvagens aninhavam-se nos nichos das pedras; aqui e ali, cachos espinhosos de palmeira desafiavam as flores delicadas. Às vezes, o vento

trazia um aroma forte de alho selvagem, que por um instante

sobrepujava o perfume das flores. Na orla havia uma prainha estreita de areia branca. Irresistível. Os dois seguiram o caminho por mais alguns metros e chegaram a uma escadaria de pedra íngreme. O musgo verde sobre os degraus indicava que o caminho não era usado há muito tempo.

Assim que chegaram à praia, eles tiraram os sapatos para sentir a areia quente entre os dedos dos pés.

— Parece um sonho! — exclamou Leander.

Ele agarrou a mão de Corina e correu para a beira do mar. Com a água

até o tornozelo, Leander atirou algumas pedras, fazendo-as saltar sobre a superfície da água.

— Há brincadeiras que a gente nunca esquece — riu.

Corina sorriu, sentindo como a união crescia lentamente em ambos.

Em frente, um iate branco estava levantando âncora para partir da

ilhota. Esperaram impacientemente, até o barco desaparecer atrás de um maciço rochoso. Agora, Corina sentia o olhar de Leander sobre ela, apenas

aguardando para ser correspondido. Ela estava bem ciente de que, se o encarasse, derreteria em seus olhos. Mas, na verdade, ela queria desfrutar

um pouco mais aquele primeiro olhar de desejo dele. Sim, queria saboreá-

lo até não aguentar mais. Desde adolescente, ela gostava de sentir aquele olhar ardente, ansioso por amor, que depois de um certo tempo causava-lhe dores de prazer no corpo inteiro. A fim de segurá-lo um pouco, ela começou a fazer desenhos na areia com a ponta do pé.

— Há também certos hábitos que a gente nunca esquece — ele brincou.

Pegou a mão dela e a levou aos lábios. Corina sentiu um arrepio

atravessar-lhe o corpo.

— No último verão, nós nos amamos aqui, você lembra?

— Foi a última vez — ela corrigiu — Eu me lembro como se fosse ontem.

Agora ele estava tão perto que ela podia sentir o calor do seu corpo.

Lentamente, ele passou os dedos sobre seus braços nus, deslizando então

para os quadris. Por baixo das calças de verão finas, ela podia sentir o calor de suas mãos.

—

Nós

estamos

completamente

sozinhos...

—

sussurrou

sedutoramente no ouvido dela, acariciando seu pescoço com um hálito quente.

— Você se lembra onde aconteceu?

— Como eu poderia esquecer? — Ela apontou com o braço estendido

para um pequeno entalhe abaixo da encosta. — Ali era o nosso pequeno ninho de amor. Não mudou nada, exceto pelas plantas, que se tornaram mais abundantes.

— Foi para melhor esconder a minha corpulência — ele riu e acariciou

os dedos dela.

Ela não lhe deu resposta. Estava apreciando cada carícia... A cada

mínimo sopro da respiração dele, sentia o sangue ferver. Sem uma palavra,

ele a virou e, ainda com uma das mãos em sua cintura, levou-a até o antigo ninho de amor. Enquanto caminhavam, seus lábios se encontraram várias vezes em beijos alegres. O conhecido recuo continuava protegido pela relva verde escura da praia. O sentimento de intimidade ressurgira em minutos.

Corina sentia a proximidade emocional e física como a coisa mais natural do mundo.

Ele acariciou seu rosto.

— Eu sempre soube que nos reencontraríamos um dia — sussurrou,

enquanto tateava por baixo da blusa dela. Encontrou os seios retesados e massageou-os gentilmente.

Seus lábios se encontraram novamente. Os dois corpos desejavam unir-

se. Ele desabotoou a blusa dela devagar e beijou seu colo. Em seguida, envolveu com a boca tudo o que encontrou no interior. Uma a uma, as peças de roupa pousavam na areia. Seus corpos falavam a mesma língua,

suas respirações tinham a mesma frequência... Corina percebeu o quanto sempre o desejava. Seus corpos deslizaram lentamente na areia quente. Ela

passou os dedos pelos cabelos dele e, como sempre, agarrou seus cachos para segurá-lo. Seu perfume causava-lhe vibrações há tempos esquecidas.

Ela mal podia esperar para sentir o seu desejo. Ele escorregou para cima dela e apoiou a cabeça sobre seus ombros. Corina podia sentir sua respiração quente e pesada em seu pescoço. Ela moveu-se em ondas suaves

junto com ele. Seus quadris se levantaram e ela o deixou penetrar profundamente em seus sentimentos mais íntimos. Em uma sensação

indescritível, que quase roubou seu fôlego, ela passou da mórbida doçura para uma explosão incontrolável de êxtase. Embalados pelo mesmo prazer,

eles experimentaram aquela sensação em momentos muitos raros na vida.

Um estranho ruído despertou Corina do estado de torpor. Primeiro, concentrou sua atenção em um tufo de relva, onde as folhas se moviam com o vento. O barulho chegou mais perto.

— A maré está subindo — disse Leander, que retornava de sua *petite-mort* [1](#).

Os dois foram imediatamente catapultados de volta à realidade.

Freneticamente, começaram a procurar suas roupas, enquanto riam, sentindo-se como dois adolescentes que tinham feito algo proibido.

Semivestida, carregando algumas peças de roupa, os sapatos e a mochila na mão, ela saltou sobre as primeiras poças de água em direção às escadas.

Esbaforidos e felizes, ficaram parados no primeiro degrau. A espuma das ondas já tocava seus pés.

— Ufa, foi por pouco...

Os dois caíram em uma risada infantil, daquelas que só existem entre um casal que acabou de fazer amor. Enquanto organizavam suas roupas, ela o observou com admiração. Viu seu rosto corado e alguns cachos desgrenhados que lhe caíam sobre a testa; seus lábios ainda estavam cheios

e vermelhos do sangue que circulara na embriaguês do ato. Sim, ela o amava.

A chuva chegou em silêncio. Gotas quentes precipitavam-se de uma

única nuvem e lavavam a paisagem. Corina começou a chorar

discretamente. Ela estava com medo de perder o amor que acabara de recuperar.

— Ei, o que aconteceu? Por que você está chorando? — Ele a abraçou.

— Não chore mais, Corina, você sabe: *suas lágrimas vão encher o mar e nós vamos todos morrer afogados*.

— Sim, eu sei... *Afinal, não esqueça de que estamos numa ilha* — ela completou. — Acho que essa frase vai me acompanhar para o resto da vida.

— Ela se soltou de seus braços para poder olhá-lo nos olhos. — Você sabe que eu nunca amei um homem como você?

— Bem, eu sou mesmo único — brincou ele, e ambos sorriram. —

Venha, vamos voltar. — De mãos dadas, subiram as escadas em silêncio.

Quando chegaram ao caminho, a chuva já tinha passado.

— Você ainda me ama? Quero dizer, um pouquinho? — a pergunta veio diretamente do coração para seus lábios.

Leander baixou os olhos, um pouco constrangido.

— Eu nunca deixei de amar você. — Ele deu alguns passos à frente. —

Este não seria um ótimo lugar para um piquenique? — Então, abriu sua mochila, estendeu uma toalha no chão e a guarneceu com várias delícias: queijo, uvas, pão branco e uma pequena garrafa de vinho tinto; ele havia pensado em tudo.

— Sim, o lugar é perfeito, assim como a propriedade de tia Chloé, que a partir de agora será o meu local de residência — ela soltou, e esperou para ver como ele reagiria.

Durante alguns segundos, ele não disse uma palavra. Somente suas sobrancelhas contraídas indicavam que todos os centros de controle de seu cérebro estavam em funcionamento. Então, levantou os olhos, estendeu a mão para ela e disse:

— Sente-se aqui ao meu lado. — Ele precisou de um momento para

ordenar seus pensamentos antes de começar a falar. — Ontem à noite eu ainda fiquei até tarde conversando com Lukas Brown. Falamos sobre os negócios e sobre sua mudança de carreira. Ele me contou que havia recebido uma oferta de trabalho em um banco em St. Helier. Deveria ocupar uma posição no conselho jurídico. Então, começamos a conversar sobre a situação habitacional aqui em Jersey. De repente, talvez animado pelo álcool, ele me perguntou se eu gostaria de lhe vender minha casa, já que, de qualquer maneira, ela ficava a maior parte do tempo vazia. Eu ri, porque nunca tinha considerado vender a casa de praia de meus pais. —

Sua voz soava sóbria. — Mas, no decorrer da conversa, o assunto ficou sério, e assim eu passei metade da noite acordado na cama, pensando.

— E você decidiu...? — ela interrompeu-o com curiosidade.

— Sim, mas isso não tem nada a ver com o fato de eu ser coproprietário da Dunningham House — ele logo justificou.

— Não mesmo?

— É, pensando bem... — disse em tom de brincadeira. — Não, falando

sério: no pouco tempo que eu passo aqui, poderia ficar com você. Afinal, a casa é grande o suficiente, certo? — Ele lhe deu um olhar resolutivo. — De qualquer modo, nós firmamos o contrato hoje cedo. A casa agora pertence a

ele.

— No entanto, você não parece muito feliz com a situação...

— Como alguém pode ficar feliz ao vender uma parte de sua infância?

Nesta casa eu passei tantos dias de verão despreocupados. Meus pais adoravam a casa e a ilha. E meu pai passou o último verão aqui, antes de morrer. É um lugar muito especial para toda a família, exceto para Richard.

Richard veio apenas uma única vez.

— Sim, e sabemos bem por quê. Existia sempre a possibilidade de que eu estivesse aqui, e era necessário evitar um encontro.

Seguiu-se um silêncio pesado, pois não havia mais nada a dizer. Os culpados haviam morrido há muito tempo.

— E o que significa a sua decisão, Corina? E o seu apartamento em Hamburgo? Você tem a intenção de desistir de tudo?

— Não, ainda não. Seria muito cedo. Com certeza, eu sentiria falta da cidade, da diversidade da oferta cultural em Hamburgo, da atmosfera cosmopolita, do barulho e da multidão. A cidade me dá segurança, porque eu nunca me sinto sozinha.

— A solidão é um estado de espírito. Agora você me tem! Não precisa mais da cidade grande.

— É mesmo, eu o tenho? — ela o desafiou com uma batida de ombro lateral.

Leander abriu o vinho e serviu duas taças.

Os dois brindaram e ele perguntou:

— Se você pudesse viver com a sensação de que existe alguém na sua vida, mesmo que há muitos quilômetros de distância, isso não lhe daria certa segurança?

Ela refletiu um momento.

— Hmm... Um amor à distância! Se entendi direito, você viria apenas quando desse na telha, é isso?

— Seria somente por um período de um ou dois anos. Depois... — Ele

se aproximou dela e deu-lhe alguns beijos na boca e na ponta do nariz —

Bem, o que você acha? Seria uma alternativa para você?

Ela estava um pouco abalada, mas era muito bom saber que ele ia estar em sua vida para sempre.

— Ou você prefere continuar a viver como antes?

Da mesma maneira que sempre fizera, ele pegou uma uva com a boca, aproximou-se dela para que ela pudesse morder a outra metade e, no último instante, sugou a uva para dentro da própria boca e a beijou.

— Você não mudou em nada!

Ela enfiou a mão no cabelo dele e puxou seus cachos.

— Eu estou muito, muito feliz, e quero fazer você feliz também, Corina.

Seus olhos tinham um brilho vítreo. A frase a acertou como uma seta no meio do coração. Ela estava perdidamente encantada pelo seu charme e precisava lutar para não se jogar em seus braços. Fazendo toda força para resistir, ela sussurrou em seu ouvido:

— Você pode fazer isso hoje à noite.

Rindo, ele recostou-se contra um tronco de árvore.

— Vou levar suas palavras a sério — animado, ele cortou o pão e o queijo.

Comeram, beberam e brincaram durante muito tempo. Conversaram

sobre vários assuntos de duas vidas vividas; compararam, analisaram e julgaram os fatos, mas também riram de muitas coisas; passado e presente

foram confrontados, e sobre tudo pairava, silenciosa, a promessa de um futuro comum.

[1.](#) Metáfora do francês para orgasmo. Literalmente, pequena morte.

22

No final da tarde, eles caminharam de volta. Assim que entraram no carro, toda a conversa cessou. Foi como se o fluxo de voz tivesse sido interrompido pela ignição. Leander concentrou-se na estrada e Corina olhou, pensativa, pela janela. Quando ele estacionou em frente à

Dunningham House e ela estava prestes a sair do carro, ele a segurou pelo braço.

— O que você tem, Corina? Você parece tão triste.

— Oh, nada...

— Não, não acredito.

— É que... — ela hesitou, constrangida. — Essa manhã, eu tive um sonho estranho, que ficou na minha cabeça e me apavora.

— Você quer me contar?

Ela o olhou incrédula.

— Você acredita em sonhos? Acredita que sejam um sinal?

— O que você sonhou?

Ela lhe contou sobre o sonho com Richard deitado na cama de nuvens.

Interessado, ele ouviu até o fim. Então, pegou a mão dela, pensou um pouco e a confortou:

— Você processou as histórias da noite passada em sua consciência.

Não se preocupe com isso — ele se despediu com um longo beijo na boca.

Ela aceitou a explicação e abriu a porta do carro, empurrando-a com o

pé.

— Você deve ter razão. Até hoje à noite?

— Eu sempre mantenho minhas promessas. Aliás, essa promessa eu vou pagar com muito gosto. — Com o polegar e o indicador, ele segurou o

queixo de Corina. — Quero mais um sorriso.

Com este último sorriso, ela passeou pelo caminho de entrada até a Dunningham House. Andava olhando para o chão, concentrada apenas no som de seus passos sobre o cascalho, quando o bater de uma porta de carro

a surpreendeu. Eduard estava arrumando a bagagem de Chloé no Bentley,

sob os olhos vigilantes do senhor Von Ehrenheim. No topo das escadas, estava Chloé, pronta para uma viagem.

— Olá, Chloé. Vocês vão viajar?

— Chegou a hora de retornarmos à nossa residência para idosos. Logo,

eu vou começar e me sentir solitária aqui. — Ela desceu cuidadosamente as

escadas e parou diante de Corina. — Na verdade, não quero ser um estorvo

para a juventude feliz — ela brincou. — Bem, a julgar pelo sorriso de satisfação em seu rosto, seu dia foi emocionante. — Chegou um pouco mais

perto e sussurrou: — aliás, sua blusa está mal abotoada.

Deu-lhe uma piscadela e então se voltou para Eduard, a fim de dar mais

algumas ordens, que ele aceitou com um sorriso benevolente.

Desde criança, ela sabia que era impossível esconder algo de sua tia.

Nada lhe escapava. Para ser como ela, era necessária não só uma grande capacidade de percepção, mas também uma longa experiência de vida. E

Chloé tinha as duas coisas.

O senhor Von Ehrenheim se despediu, de acordo com seu estilo, com um beijo no dorso da mão.

— Minha cara Corina, eu gostaria de pedir formalmente desculpas pela história de ontem. Foi imprudente e estúpido da minha parte. Na minha idade, eu deveria ser capaz de dar o tom correto às minhas histórias. Mas eu prometo que vou melhorar — charmoso, sorriu para ela.

— Está tudo bem, Arthur. E muito obrigada pela viagem ao aeroporto.

Richard ficou extremamente empolgado.

— O prazer foi todo meu. Até logo.

Elegantemente, ele entrou em seu Bentley. A velha Lady tossiu um pouco, e então partiu, docilmente ronronando sob sua liderança.

Com um profundo suspiro de despedida, ela se virou para entrar na casa. Neste momento, seus olhos captaram Dunningham House na sua

totalidade e ela foi tomada por uma alegria indescritível. Não importa quantos reparos eram necessários, essa era a sua casa. Não, era a casa de sua família.

Ao atravessar a soleira da porta, teve a sensação de que a vida interior mudara de caráter. Tudo parecia novo. Seus olhos percorreram o salão e caíram sobre a mesinha de chá. O pequeno álbum de fotos continuava depositado ali. Chloé o teria esquecido ou deixado deliberadamente?

Corina ajoelhou-se no chão e abriu-o cuidadosamente.

Na primeira página, viu a foto de casamento de Chloé e Henry. Ela estava sentada em uma cadeira e ele estava atrás, de pé, com as mãos apoiadas sobre seus ombros. Dava a impressão de que pressionava a

esposa na cadeira, como se tentasse evitar que ela pudesse escapar. E que

expressão tinha Chloé? Indiferença. Sim, ela simplesmente tinha se entregado a ele. Na página oposta, havia uma foto de grupo da festa de casamento. Muitos rostos estranhos. Virando a página, uma imagem chamou a atenção de Corina: eram seus pais junto com os noivos. Estavam entrelaçados, irradiando felicidade, amor, despreocupação. Os olhos de Chloé estavam semicerrados, levemente voltados para os dois amantes ao seu lado. Um olhar de eterna melancolia e um sorriso amargo em seu rosto. No entanto, sua mão direita apertava firmemente a mão esquerda de Henry. Ele deveria protegê-la do sofrimento que carregava em seu coração.

Nunca Corina tinha visto fotos de casamento assim tristes. Nas próximas páginas, entre muitos rostos estranhos, bem como familiares, ela sempre voltava a encontrar uma Chloé triste. Com seu vestido de noiva branco, ela parecia uma luz que brilha de outra estrela. E não importa onde Henry estava nas fotografias, seus olhos permaneciam fixos nessa luz.

A foto na penúltima página estava desbotada pelo tempo e desgastada nas bordas, mas Corina reconheceu claramente seu pai, Claudius.

Observando minuciosamente, ela descobriu uma pequena mancha salpicada no canto esquerdo. Definitivamente, uma lágrima de Chloé. Meu Deus, ela realmente o adorava. Corina sentiu um pequeno arrepio percorrer-lhe a espinha.

Na última página, percebia-se que uma imagem maior tinha substituído uma menor. As bordas escuras da fotografia anterior eram bem visíveis e o leve cheiro de cola indicava que a troca fora feita recentemente. A foto mostrava Chloé com sua irmã, em uma imagem de infância feliz. Ela perdoara a irmã.

Com um sorriso satisfeito, Corina fechou o álbum.

23

A escuridão tinha caído, ela estava no terraço, escutando os pequenos sons da natureza. Um barulho suave na grama chamou sua atenção: era um ouriço em busca de alimento. Ele parou por um instante e seguiu sua trilha, desaparecendo na grama. Ao longe, o ruído de um avião a fez pensar em Richard. Onde estaria? Como estaria se sentindo com a nova situação familiar? E Ornella? Não sabia nada sobre ela. Corina ainda tinha tantas perguntas. Por que não perguntou tudo antes de sua partida? Sim, ainda era iniciante na arte da maternidade. Com um pequeno suspiro, voltou para a pequena área de estar e jogou-se na poltrona de vime. A mesa à sua frente estava decorada com uma fraca lamparina, que mal iluminava a garrafa e os dois copos de xerez.

Leander subiu as escadas do terraço praticamente sem fazer barulho.

Ele saiu da escuridão para a luz fraca da vela.

— Que noite escura! Você estava esperando há muito tempo?

— Por quê? Nós não combinamos um horário certo. Venha, sente-se.

Você gostaria de um copo de xerez?

— Sim, obrigado. Eu ainda tinha alguns assuntos a tratar com Lukas Brown. Por isso cheguei assim tarde. Ele vai voar amanhã de volta para Hamburgo... E em três semanas se muda definitivamente para cá. — Ele se

recostou na cadeira e esfregou o rosto com as duas mãos. Este gesto indicava que tinha encerrado o assunto. — E como você se sente depois desse belo, não, desse excitante dia? — Ele ergueu as sobrancelhas, inclinou-se para a frente e olhou para ela com olhos brilhantes.

— Obrigada, eu me sinto muito bem... Maravilhosamente bem. — Ela se aconchegou um pouco nas almofadas e sorriu para ele encabulada.

— Onde está a Chloé? — Ele olhou investigativamente pela porta do pátio aberto.

— Chloé e Arthur já partiram. Eles limparam o campo para os jovens amantes — ela brincou. — Foi o que disse Chloé ao sair.

Leander riu.

— Sério? Então a casa está liberada? Podemos fazer tudo o que quisermos?

— E o que é que você pensa em fazer nessa casa liberada? — Ela chegou um pouco mais perto dele, e olhou-o

desafiadoramente.

— Oh, tenho certeza de que teremos várias ideias.

Ele deu-lhe um beijo na boca.

Enquanto isso, nuvens escuras encobriram as estrelas e a lua, e um vento forte apagou a vela da lamparina. Apenas uma luz fraca passava do

salão através da porta do terraço.

— Vai chover, precisamos procurar abrigo. — Sem esperar por uma resposta, ele pegou Corina pelo pulso e puxou-a para dentro da casa. — E agora vamos nos acolher nessa casa liberada. Só você e eu.

Na frente das escadas, ele olhou inadvertidamente para o retrato de *sir*

William.

— Eu sempre tive a sensação de que ele está vivo. De alguma forma, posso sentir seus olhos em mim. Não é estranho? — Subiu três degraus sem

tirar o olho do quadro. — Veja, eles me seguem.

— O pintor conseguiu, de fato, dar vida ao seu semblante. Ele foi imortalizado; quem sabe, talvez seu fantasma ainda assombre mesmo a casa — ela riu e olhou para a pintura. — Neste momento, tenho a impressão de que ele sorri para nós... veja só.

— Bem, como um *bon-vivant*, ele deve saber o que estamos planejando

— disse e puxou-a para cima.

Na intimidade do quarto, poderiam saciar todos os seus desejos. Ela sentiu um calor se espalhar pelo corpo. Era a mesma sensação que tinha na

casa das orquídeas e que antecipava uma aventura erótica.

Quando estava prestes a pressionar o interruptor de luz, ele segurou a mão dela.

— Não destrua a atmosfera, Corina, deixe-nos simplesmente tatear.

Confrontá-lo no escuro dava a ela uma liberdade especial. Assim, podia

entregar-se naturalmente, sem se preocupar se estava sendo observada de

seu ângulo mais atraente. Afinal, tinha 50 anos. Não, sua idade não importava agora, ela se sentia bem e apenas isso contava. Sem uma palavra,

eles se despiram e pararam nus, um na frente do outro. Lentamente, uma

tensão erótica crepitava entre seus corpos. Eles se abraçaram e se possuíram como um jovem casal. Foi como se nunca tivesse se passado 35

anos. Seus lábios se encontraram como se fosse a coisa mais natural do mundo e, mesmo sem palavras, as mensagens foram enviadas. Eles

estavam conscientes do desejo e permitiram que fluísse por um longo tempo. Horas se perderam no vazio até que as últimas palavras de ternura

foram murmuradas antes de adormecerem.

A chuva chegou durante a noite e uma brisa fresca soprou pela janela aberta. Ela sentiu calafrios e aconchegou-se em Leander. Ele estremeceu, abriu os olhos e, ao perceber onde estava, sorriu e colocou seu braço ao redor dela. Sentindo o calor do corpo dele fluir suavemente para o seu, Corina permaneceu acordada, observando o lento romper da aurora. Uma ave anunciou a alvorada; parou no meio e recomeçou de novo do zero; mais uma vez, foi interrompida e, quando finalmente retomou, o canto veio mais alto e mais lindo. Ela sorriu... Muito bem, passarinho, você nunca deve desistir. Há sempre um futuro.

Ela virou a cabeça para Leander. Acariciou seu rosto e sua barba grisalha, passou o dedo sobre suas sobrancelhas bem torneadas e, em seguida, sobre seu nariz e sua boca sensual.

— Você, meu futuro — ela sussurrou.

Seus lábios formaram um sorriso.

— Você, minha vida — disse ele.

E ambos adormeceram novamente.

24

Na manhã seguinte, ela foi acordada pelo barulho de serviços caseiros.

Cadeiras de jardim eram movidas, um balde foi ruidosamente arrastado pelo chão de pedra. Sua mão procurou Leander e percebeu desapontada que a cama estava vazia. Levantou-se da cama e correu na ponta dos pés até a janela. Lá estava ele, ajudando Emma a eliminar as massas de água que a noite chuvosa deixara no chão do terraço.

— Ei, sua dorminhoca, o café da manhã está pronto — ele gritou.

Ele ainda estava lá!

— Bom dia. Eu já vou.

Corina correu feliz para o banheiro. Depois do banho, não precisou pensar muito na frente do armário: que outro vestido combinaria melhor com o seu bom humor desta manhã além do tomara que caia vermelho?

Deu uma volta na frente do espelho e sorriu para seu reflexo. Desceu as escadas e saudou alegremente *sir* William, que respondeu com um sorriso malicioso.

— Bom dia, *missus* Corina, dormiu bem?

— Sim, Emma, obrigada. Eu dormi como um bebê. — Ela se enlaçou nos braços de Leander e encostou a cabeça em seu ombro. — O ar está maravilhoso — ela respirou fundo.

O brilho do sol salientava os contornos ainda molhados da natureza.

— Com certeza Richard descarregou suas preocupações nas nuvens —

Leander brincou — e assim ele nos presenteou com água para as plantas e purificou o ar.

Corina olhou para cima, procurando por vestígios de aeronaves. Nada.

Nem mesmo o ruído do motor de um avião podia ser ouvido. Desde que descobrira que Richard era piloto, sentia-se emocionalmente ligada a qualquer linha branca cruzando o céu.

Sentaram-se à mesa, mas ela não tinha fome. Apoiou sua cabeça nas palmas das mãos e observou como ele comia com gosto seu *bacon* frito. E

viu de novo o jovem Leander, que se enchia de *bacon* crocante com a fome desmedida de um adolescente.

— Dizem que aquilo que as pessoas experimentam em sua juventude, carregam por toda a vida.

Leander limpou com um guardanapo os traços de gordura em torno da boca.

— É verdade mesmo. Tenho a minha adolescência muito clara na mente, especialmente as férias de verão que passei aqui. Por outro lado, guardo apenas lembranças vagas dos anos de meus estudos e da minha vida de casado. Por isso, cada vez que venho aqui tenho a impressão de estar fazendo uma viagem ao passado. Os objetos, aromas, lugares e sensações daquela época permanecem sempre presentes. — Com ambas as

mãos, ele apertou a mão de Corina. — Estou muito feliz que tenhamos nos encontrado novamente. — Seu olhar confirmou o sentimento. — Ainda assim, devo voltar a Boston. Depois de tudo, preciso organizar muitas coisas. Mas em breve estarei de volta, eu prometo!

— Quando você parte?

— Hoje à tarde. Meu voo sai amanhã de manhã de Londres... Já sinto saudades de você agora mesmo.

Um silêncio incômodo instaurou-se entre eles. Ela temia a separação.

Temia nunca mais voltar a vê-lo. Sua mente já começava a montar um cenário negro novamente, quando ele reforçou suas palavras:

— Eu prometo!

Sorriu aliviada.

— Vou esperar ansiosamente o seu retorno.

Sim, ela sentia no fundo do coração que podia acreditar nele.

No dia seguinte, Emma e Eduard saíram de folga e ela ficou completamente sozinha em Dunningham House. Para sua própria surpresa,

Corina sentiu-se bem em sua solidão.

25

Nas primeiras horas da manhã, Corina foi acordada pelo som de um automóvel rodando sobre o caminho de cascalho. Mal abriu os olhos, pôde ouvir uma porta de carro batendo e passos apressados subindo as escadas da entrada. Quando ouviu a porta da casa bater, no entanto, despertou sobressaltada e sentou-se na cama. Concentrada e, ao mesmo tempo, tensa, tentava detectar outros ruídos. Alguém subiu rapidamente os degraus de madeira. Seu coração disparou. Os passos pararam à sua porta. Ela sentiu o sangue palpitar nas têmporas.

Então alguém bateu.

— Corina, você está aí?

Era a voz de Leander. Aliviada, respirou fundo. Olhou para o relógio: já eram nove horas. Mas o que acontecera? Ele deveria estar em Boston.

— Pode entrar, a porta está aberta — disse, sem saber se devia ficar feliz ou espantada com sua chegada.

Leander estava pálido, seus lábios tremiam e a expressão em seus olhos era de puro desespero. Ele trazia uma notícia terrível, ela percebeu imediatamente. Sua respiração parou por alguns segundos, enquanto olhava para ele com expectativa. Ele encheu os pulmões de ar e gritou:

— Richard... Richard está...

Assim que ouviu o nome, ela sabia que algo horrível acontecera.

Ansiosa, ela segurava o seu olhar. Então, veio a notícia que já temia em seu

coração, mas não queria ouvir...

— Ele está morto! — As palavras irromperam dele com muita aflição.

Três pequenas palavras encerravam o que acabara de iniciar. Por um tempo, continuou calada, esperando que ele pudesse dizer algo que

amenizasse a afirmação. Mas o que poderia amenizar a palavra *morto*?

Leander parecia paralisado. Ficou parado diante dela, com olhos

atormentados e a boca semiaberta, como se ele mesmo não pudesse

acreditar em suas próprias palavras.

Em poucos segundos, pensou em seu sonho. Ouviu a voz de Richard

chamando por ela.

— Isso não pode ser verdade — gritou, e no mesmo instante deu um salto, correu até Leander e agarrou-o pelos ombros. — Isso não é verdade...

Diga que não é verdade, Leander.

Ela sacudiu-o tão violentamente que ele entrou em colapso e começou

a chorar. O choro alto e os soluços fortes faziam o seu corpo vibrar. Corina seguia encarando-o, incrédula. De repente, gritou de novo:

— Pare de chorar, você está errado, ele não está morto, entendeu? Ele

não pode estar morto, eu acabei de encontrá-lo em minha vida... — Mais uma vez, ela o agarrou pelos ombros e sacudiu-o violentamente — Pare com isso!

Ele continuou a chorar, agora gemendo baixinho entre soluços. Ele

mantinha as mãos apertadas contra o rosto para esconder a dor e as lágrimas. Agora, ela só queria ficar longe deste portador de maus agouros,

que dizia tais horrores. Deu alguns passos para trás, prensou as costas contra a parede e escorregou para o chão. Não podia chorar, porque se recusava a

acreditar nas monstruosidades que ele dizia. Para não ver mais aquela criatura, ela fechou os olhos e tapou os ouvidos.

— Ele está morto, Corina... Richard morreu! — ele gritou com uma voz grave.

Ela abriu os olhos e balançou a cabeça. Queria que ele finalmente se calasse. Então, pegou a lata de lixo e a atirou com toda força em sua direção.

Ele cruzou os braços na frente do rosto para se proteger.

— Você não quer me entender? Richard morreu em um acidente de avião. Ele está morto.

Ela o odiava pela dor que suas palavras provocavam. Leander

escorregou de joelhos até ela, agarrou seus braços com ambas as mãos e puxou-a para ele.

— Richard, que eu amava como um irmão e como um filho...

— Fique quieto, eu não quero ouvir isso! Ele está vivo, ele vive... — ela gritou e bateu várias vezes com os punhos contra o peito de Leander.

Então aconteceu. Ele levantou a mão direita e deu-lhe um tapa. Por um

momento ela ficou petrificada, sem poder acreditar no que ele fizera. Foi, no entanto, quando tudo se encaixou na posição certa em sua cabeça. A palavra morto se consolidou, liberando todas as reações: dor, desamparo, desespero. Ela começou a chorar alto. E assim eles ficaram por muito tempo, sentados no chão, formando uma unidade de luto, chorando e

lamentando a morte de seu filho.

Somente muito mais tarde ela conseguiu colocar algumas questões

factuais. Como se estivesse em transe, levantou-se e perguntou com a voz baixa:

— O que aconteceu?

A dor da perda penetrara como um veneno paralisante em seus membros, e suas pernas pareciam feitas de chumbo. Ela se arrastou para a cama, sentou-se e inconscientemente abraçou o travesseiro.

Ele sentou-se ao lado dela na cama.

— O voo de conexão para Boston saía hoje. Então eu passei a noite em um hotel em Londres. Esta manhã, quando estava no caminho para o aeroporto, eu recebi um telefonema de Ornella. — Ele precisou fazer uma pausa, pois voltara a soluçar. — Ela estava desesperada. Disse que Richard estava pensando em comprar um Cessna. Um amigo dele no aeroporto de Singapura fizera uma oferta irresistível. Naquela mesma manhã, ele partiu para um voo de teste sobre o mar. O último registro de radar do seu avião indica que ele estava sobrevoando o Mar da China... Pouco tempo depois, a aeronave inexplicavelmente desapareceu da tela.

Ela se virou para ele:

— E não foram realizadas buscas?

— Sim, pouco tempo depois, algumas partes da aeronave foram avistadas flutuando no mar. Uma equipe de resgate foi imediatamente enviada, mas não encontraram qualquer vestígio dele. — Virou-se para Corina, que continuava atordoada. — Nosso filho desapareceu para sempre nas profundezas do Mar da China. — Ele não suportava mais ver a dor nos olhos dela. Então, levantou-se e caminhou até a janela.

O silêncio entre eles era quase insuportável. Ela precisava fugir desse ambiente de dor e tristeza. Sem olhar novamente para Leander, levantou-se e andou cambaleando até o banheiro. Fechou a porta com um grande estrondo e a trancou. Entrou no chuveiro sem tirar o pijama e deixou a água correr junto com suas lágrimas por um longo tempo.

Mais tarde, quando voltou para o quarto, percebeu que Leander tinha ido embora. Ele se foi sem uma palavra de despedida. Assim como antigamente, ele a deixou sozinha com sua dor e tristeza. Sentiu um vazio sem fim dentro dela. Abriu o armário, pegou uma calça jeans e uma blusa qualquer. Havia lágrimas em seus olhos: estava de luto e não tinha nem uma peça de roupa preta. Irritada, arrancou todas as roupas do armário.

Um cabide vazio caiu a seus pés.

— Leander, por que você foi sem dizer nada? — ela gritou, indignada.

Furiosa, pegou o cabide do chão e arremessou-o para o outro lado do quarto, derrubando o porta-retratos com a foto de Richard. Chocada com suas próprias ações, parou por um momento. Estava atordoada. Mais um sinal, pensou. Foi até a escrivaninha para levantar a imagem, e só então notou uma folha de papel com as palavras:

A única coisa que me resta agora é voar para Singapura.

Leander

Ela olhou para foto de Richard:

— O que você quis me dizer desta vez?

Não podia acreditar que ela nunca mais o veria. O que fazer agora? Leu

de novo as linhas de Leander. A mensagem estava clara: ele não pedia a sua presença. Embora ela fosse a mãe de Richard, não teria sequer o direito de chorar ao seu lado. Permaneceu ali por um longo tempo com os ombros caídos de decepção, até que uma voz trêmula chamou pelo seu nome.

— Corina! Corina, minha menina, onde está você?

Era Chloé, que já tinha sido informada da tragédia. Sem esboçar qualquer resposta, ela abriu a porta e desceu as escadas para o salão. O olhar de *sir* William transmitia compaixão. E ela baixou o olhar.

— Corina, minha querida! — A voz de Chloé não disfarçava o seu sofrimento. Com os braços estendidos, ela atravessou o salão para abraçar a sobrinha. — Leander me contou o que aconteceu. É tudo tão terrível.

Como você está?

Sem responder à pergunta, ela soluçou:

— Leander simplesmente foi embora.

— Como assim, foi embora? Foi para onde?

— Para Singapura. Ele saiu sem falar comigo.

Ela balançou a cabeça sem entender, então caiu de novo nos braços de Chloé e chorou. A tia a embalava em seus braços para confortá-la.

— Por que ele me abandonou de novo? Tudo se repete, assim como o infinito sentimento de solidão que eu reprimi todos esses anos. Meu filho morreu de novo.

— Você não está sozinha, minha querida. Eu estou aqui e tenho certeza

de que Leander voltará. Dê um tempo a ele. Os homens lidam com o sofrimento de forma diferente de nós, acredite em mim. — Ela acariciou sua face. — Venha, vamos para o terraço.

Ao passarem pela sala, Chloé pegou uma garrafa de vinho do Porto e duas taças. Emma as seguiu sem fazer barulho. Endireitou as cadeiras para

disfarçar sua inutilidade, pois, na verdade, ela queria só expressar seu pesar.

— *Missus* Corina, eu sinto muito. Ele era um homem tão jovem e bonito... Não dá para entender. Por que o destino é tão duro com a senhora? — Então, ela se aproximou da mesa, abaixou-se e sussurrou para

elas. — As flores caídas foram um prenúncio do desastre. Lembra-se?

— Ah, que tolice, Emma. Você sabe que tudo isso não passa de uma bobagem.

— É mesmo, você acha? — Corina acrescentou. — Pois eu também acredito nisso.

Então, ela contou sobre os sonhos que teve e sobre a imagem caída muitas vezes. Emma ouviu com interesse, anuindo com os olhos

arregalados. Prevendo que seria convidada a participar da conversa, ela sentou-se à mesa com muita naturalidade.

— Sim, sente-se conosco, Emma — Chloé confirmou, porque conhecia bem sua inevitável receptividade aos assuntos de superstição e bruxaria.

Emma aproveitou a oportunidade para relatar as histórias enigmáticas

da ilha, enquanto Chloé revidava com explicações plausíveis para cada mistério. A um certo ponto, Emma desistiu. Ela olhou ofendida para Chloé,

jogando a cabeça para trás:

— Eu vou para a cozinha preparar-lhe algo, *missus* Corina. Comer bem

é muito importante para que a dor não a consuma. — E, para dar ênfase à

sua compaixão, apertou a mão de Corina.

— Obrigada, Emma. É muito gentil de sua parte. — Quando a empregada saiu, ela se virou para Chloé: — Por que será que ele desapareceu sem dizer uma palavra? Tudo o que deixou foi um bilhete.

Os olhos azuis da tia exprimiam consolo:

— Talvez porque sua tristeza não seja compatível com a dele? Talvez ele quisesse ficar sozinho com seu pesar? Afinal, ele conhecia Richard há mais de três décadas como um irmão e há um ano como filho.

— Sim, e quanto a mim? Eu não tenho direito à tristeza? — perguntou, com evidente indignação. — Eu não sou a mãe?

— Oh, Corina, não me interprete mal. Embora eu nunca tenha perdido um filho, posso imaginar muito bem o que está acontecendo dentro de você. Especialmente agora que vocês tinham se encontrado depois de todos esses anos. — Ela encheu as taças de vinho.

— Pode mesmo? — Seu tom de voz sugeria incredulidade.

Durante algum tempo, um silêncio pesado se instalou entre as duas.

Ambas bebericaram o vinho do Porto ao mesmo tempo. Corina sentia-se ferida e Chloé parecia desorientada, não obstante toda sua experiência de vida.

— Por que a vida é tão injusta? — Corina murmurou.

Ela abraçava as pernas com toda a força e de vez em quando apoiava a cabeça sobre os joelhos, balançando o corpo inteiro.

— Desde o primeiro encontro com Richard eu senti algo como uma

relutância em aceitá-lo vivo. Era como se eu soubesse que iria perdê-lo novamente. — Ela olhou para Chloé. — E agora eu pergunto: qual é o significado de tudo isso?

Chloé não podia responder, ela apenas fitava a sobrinha com olhos vazios e lacrimejantes.

Corina descansou a cabeça no joelho e Chloé voltou seu olhar para o horizonte.

— O significado da vida! Assim disse o psiquiatra austríaco Alfred Adler — filosofou, acrescentando em pensamento: “O homem sabe muito mais do que ele compreende”.

Essa declaração também tocava claramente a sua própria vida. Corina continuou:

— A dor que eu sinto hoje é diferente daquela de quando perdi meu filho pela primeira vez. Naquela época, quando me disseram que ele estava

morto, foi como se uma flecha farpada tivesse perfurado o meu coração. A

dor de agora é como um enorme vazio entorpecente. — Ela produziu uma

risada curta e amarga. — E, mais uma vez, eu não tenho onde colocar o meu pesar. Desta vez, seu túmulo é o profundo Mar da China.

Chloé deu um profundo suspiro, que parecia envolver toda a sua vida.

— Nós temos muito em comum, Corina. Eu também perdi Claudius

duas vezes. A primeira vez, para a sua mãe. Doeu muito, mas eu sempre mantive um minúsculo lampejo de esperança. Acreditava que talvez um dia

ele ainda fosse voltar para mim. Então, quando ele morreu, esta última centelha se apagou. A esperança tinha morrido com ele. No entanto, algum

tempo depois, eu me senti libertada dos anos de dor. Finalmente, meu coração estava livre de novo. Foi um alívio. — Ela deu uma curta risada. —

O bom e velho Henry nunca conseguiu conquistar o meu amor. Nós tivemos uma vida linda, plena de felicidade, mas meu coração permanecia vago. Até que Arthur entrou em minha vida. Com seu charme, ele bateu na porta do meu coração... Eu disse “pode entrar” e ele se instalou. A partir de então, estar com ele tem sido uma sensação maravilhosa. Você deve estar se perguntando o que eu quero dizer com tudo isso. Bem, pode soar insensível

agora, mas com o tempo você vai se libertar dessa dor e voltar a ficar livre para começar uma nova vida. — Ela acariciou a cabeça de Corina. —

Também no seu coração tem alguém batendo.

— Provavelmente você está certa sobre a dor. Mas, quanto a Leander, eu não tenho tanta certeza. Eu suspeito que ele tenha mudado de ideia.

— Seja paciente. Este é um momento muito difícil para ele também.

Ela não respondeu. Voltou a apoiar o rosto sobre os joelhos e balançar

em sua cadeira. *Contenance*. A palavra favorita de sua mãe veio-lhe à mente: compostura. Esse tinha de ser o seu destino pessoal: suportar a dor

e o sofrimento sozinha.

Emma interrompeu o silêncio das duas. Trazia um lanche composto de pasta de camarão, torradas frescas e salmão defumado, além de uma garrafa de água. Corina não tinha vontade de comer. Na verdade, não tinha vontade de nada, mas, quando se tratava de comida, era impossível discordar de Emma. Elas comeram caladas enquanto a empregada montava guarda no limiar da porta.

No meio da tarde, chegou o senhor Von Ehrenheim. Como um bom cavalheiro, ele permaneceu no corredor e só entrou quando Emma voltou, anunciando que era esperado. Ele tentou atravessar o chão de madeira em silêncio.

— Sob nenhuma circunstância eu quero perturbá-las — desculpou-se —, eu só gostaria de saber, minha querida Chloé, se você vai ficar aqui ou voltar comigo.

Então ele se virou para Corina:

— Não tenho palavras para expresar meu pesar.

Em seguida, veio com os braços estendidos em sua direção, como se fosse dar-lhe um abraço reconfortante, mas no último momento sua boa educação o fez parar e manter a distância adequada. Ele apertou as mãos

dela e apresentou suas condolências.

— Se você quiser voar para Singapura, terei prazer em levá-la ao aeroporto ou, se assim o desejar, também a acompanharei até o destino.

Primeiro, ela o olhou surpresa. Por fim, respondeu, com um tom que revelava indignação:

— Eu não sou desejada em Singapura. Ninguém precisa do meu pesar, eu sou supérflua!

Ao mesmo tempo, ela se virou, correu para fora do salão e desceu as escadas para o jardim.

Perplexo, ele perguntou:

— O que foi que eu fiz de errado de novo?

— Arthur, Arthur ... Você tem talento não só para chegar no pior momento, como também para consolar com as palavras erradas.

Ela lhe deu a mão e então, convidou:

— Venha, sente-se.

Como ele estava prestes a fazer uma pergunta, ela levou sua fatia de torrada com salmão à sua boca, de modo que ele não teve outra escolha a

não ser mastigar e ficar quieto.

— Depois, Arthur. Mais tarde eu explico tudo.

Ao descer os degraus de pedra que levavam à praia, Corina parou em frente à antiga Casa Vandebroek. Embora soubesse que era um ato sem sentido, ela esperou ver Leander. Não, ele nunca mais estaria aqui.

— Por que você não me levou? — ela perguntou com raiva. — Ele também era meu filho!

Em sua amargura, afundou novamente em pensamentos incertos. O que ele faria agora? Será que um dia iria viver com ela? Balançou a cabeça.

Desapontada, seguiu descendo as escadas, sentindo que as dúvidas iriam esmagar seu coração. Foi tomada por uma leve náusea e, por uma fração de

segundo, sentiu como se o seu coração tivesse parado. Uma onda de pavor

empurrou-a lentamente para o chão. Temendo por sua vida, permaneceu alguns minutos sentada no último degrau de pedra, ouvindo o seu corpo.

Após o aviso, o coração retomou o ritmo normal. Com medo que a parada se repetisse, ela permaneceu imóvel, atenta a qualquer anormalidade.

Enquanto isso, observava como a maré se aproximava, pouco a pouco tomando posse da baía. Lembrou de Chloé, quando ela reclamava, irritada:

“Essa maldita torrente que sempre retorna”.

Não importa o que a maré alta traz, o refluxo sempre nos mostra, depois, tudo o que foi lavado pela inundação. Naquele instante, ela entendeu o que Chloé queria expressar: que a vida continua,

independentemente de todas as cicatrizes deixadas. Tudo passa.

— Mas como? — ela sussurrou, cobrindo o rosto com as mãos para encobrir o choro. — Por que Richard? Por que agora?

Durante algum tempo, continuou ali sentada, pensando em si mesma, em Deus e no que viria. Lembrou-se da sua escola e do padre que agitava a batina e ensinava as crianças a temer Deus. Esfregou as lágrimas dos olhos e observou o mar, que já tinha alcançado o degrau mais baixo. Será que Deus não fazia apenas experiências com as pessoas? Nossa tarefa seria encontrar a porta certa para a salvação, para a felicidade? Então por que ela ainda não tinha encontrado essa porta? Ela certamente falhara nesse teste.

Pequenas ondas atingiam seus pés. Só agora percebeu que ainda calçava seus mocassins.

— Que droga — ela disse, e tirou os sapatos molhados.

Antes de voltar, concentrou-se uma última vez em seu batimento cardíaco. Tudo parecia estar em ordem novamente.

— Não, droga, nada está em ordem! — corrigiu-se.

Descalça, subiu os degraus sem se importar com a dor que sentia cada

vez que, inadvertidamente, pisava em uma pequena pedra. Ela havia aprendido a lidar com seu sofrimento e, principalmente, a não compartilhar suas sensações. Agora, só queria ficar sozinha.

Mal chegou ao topo, deu de cara com Chloé, que a esperava preocupada.

— Corina, minhas palavras foram impensadas. Por favor, me perdoe.

Eu sei o quanto você está sofrendo. Deixe-me abraçá-la. — Ela abriu os braços e Corina não teve outra opção senão atender seu pedido.

— Está tudo bem... Vamos esquecer isso, Chloé. Eu só preciso de algum tempo. Se você não se importa, eu gostaria de ficar sozinha nos próximos dias.

— Eu posso entender... Mas Emma virá ver você de vez em quando...

Está bem?

— Está bem.

Aliviada, Chloé a apertou novamente contra o peito.

— Então eu vou voltar com Arthur. — Ela deu alguns passos e virou-se de novo. — Tem certeza que eu devo ir?

— Sim, Chloé, pode ir... Eu chamo quando precisar.

— Promete?

— Prometo — e cruzou os dedos sobre o coração.

Ela permaneceu ali até ver Chloé desaparecer pela porta do terraço.

Sim, Corina preferia ser seu próprio consolo.

Nos dias seguintes, a depressão foi constante. Ela ficava até tarde na cama sem saber como enfrentaria um novo amanhecer. Em outras ocasiões,

levantava nas primeiras horas da manhã e ia passear na baía deserta de St.

Aubin, acompanhada apenas pela revoada das gaivotas. Ou então saía com

o carro alugado e dirigia por horas sem rumo. Se, por acaso ou destino, o

rádio tocasse a música favorita de Leander no passado, *Lady d'Arbanville*, seus olhos se enchiam de lágrimas tão logo as primeiras notas da canção soavam e, inevitavelmente, precisava encostar. Então via Leander, como ele

cantava essa música para ela, acompanhado por seu violão novo.

Os dois se sentavam na casa das orquídeas, ele sobre a cama de

acampamento e ela de pernas cruzadas, no chão, em frente a ele. Velas iluminavam o ambiente e, através da janela aberta, eles podiam ouvir as ondas da maré cheia na baía. Corina se surpreendia em perceber quantos

detalhes lhe voltavam à mente.

À noite, muitas vezes ela caía de exaustão em uma cadeira do terraço e

dormia um sono profundo e anestésico. Então, acordava apavorada no

meio da noite. Em uma ocasião, permaneceu horas simplesmente sentada no salão, examinando o ambiente com olhos incrédulos. Os móveis antigos

e tudo à sua volta parecia ameaçador e opressivo. Naqueles dias de solidão,

passou por uma fase em que questionava tudo. O presente trazia perguntas

desagradáveis e, se as respostas do passado eram insatisfatórias, o futuro

colocava tudo em dúvida.

Poucos dias depois da trágica morte de Richard, o telefone tocou no meio da

noite. Ela havia acabado de adormecer. Totalmente atordoada de sono, soltou um “alô” quase inaudível. No início, só ouviu um ruído fraco e alguns estalos na linha.

— Alô? — Ela repetiu, tentando reconhecer algum som.

— Corina? Sou eu, Leander... Você está me ouvindo? A ligação está muito ruim.

— Leander! Sim, estou ouvindo. Onde você está? Por que você simplesmente foi embora, sem sequer perguntar se eu queria ir junto? Sentada na cama, ela apertava o celular com toda força contra a orelha.

— Perdoe-me, Corina! Eu precisava fazer isso. Não teria conseguido ficar de braços cruzados, esperando. Eu tive de viajar para o local de onde Richard partiu para sua última viagem. Além disso, eu queria conhecer Ornella...

Zangada, ela o interrompeu:

— Ah, claro, eu entendo. E, na pressa, você esqueceu que eu sou a mãe de Richard... Por que você não me levou? — perguntou em tom de censura, ao que se seguiu um silêncio constrangedor.

Ele não respondeu às acusações, mas disse com objetividade:

— Assim que eu tiver resolvido todas as formalidades com a embaixada britânica, eu volto...

A ligação foi cortada. As últimas palavras soaram duras e inflexíveis.

— Leander... — ela chamou, mas era tarde demais.

Decepcionada, olhou para o visor de seu celular, que acabara de se apagar. Irritada, jogou-o ao pé da cama, deixou-se cair para trás no travesseiro e chorou. Estava decepcionada com Leander, mas, sobretudo, sentia pena de si mesma. Ela lutou com seus sentimentos até as primeiras

horas da manhã. Incontáveis vezes ela pegou o celular, digitou o número dele e desligou sem discar. Seu coração dizia: *fale com ele*. Mas o orgulho proibia.

Ao perceber os primeiros raios de sol, foi até a janela e observou o nascer do dia. A manhã, que se anunciava clara e tranquila, deu uma nova

luz aos seus pensamentos. Será que ela, com o medo que tinha de voar, teria acompanhado Leander até Singapura? E o que ela poderia ter feito lá?

Nada! Não havia nem mesmo um corpo para ser transportado. Um corpo...

Oh, céus, ela estava falando de Richard.

Lentamente, o sol aparecia por detrás da colina e iluminava a baía. Sua

luz refletia nas janelas das pequenas embarcações que encalharam na maré

baixa. Logo, o fluxo das águas do mar viria libertá-las. O despertar da manhã dissipava os pensamentos sombrios e criava espaço para a

reconciliação: talvez Leander instintivamente agira certo. Ele havia criado

uma distância entre os dois, pois suas dores eram substancialmente

divergentes. Ele precisava processar sozinho o choque inicial da perda de seu irmão... e de seu filho.

— Sim, foi melhor assim — disse em voz alta.

Certamente, eles teriam se apanhado pelo cabelo em várias brigas sem

sentido, aberto velhas feridas, e, no final, acabariam separados. Ela não queria isso. Pegou o celular, digitou o número dele e, dessa vez, deixou tocar até que atendessem.

— Vandenbroeck! — finalmente uma voz irritada atendeu.

— Sou eu, Corina.

— Sim, o que é? — A modulação de sua voz era fria e reservada.

— Eu só queria dizer que estou pensando em você. — Suas palavras soaram mornas e conciliadoras.

Seguiu-se uma pausa pensativa.

— Eu sei... Eu ligo depois — ele sussurrou ternamente.

Corina ouviu um clique, que terminou a ligação. Um pouco insegura

sobre como deveria classificar a breve conversa, ainda manteve os olhos fixos no visor do celular. Tinha um bom pressentimento. Mesmo que

tenham sido apenas algumas poucas palavras, a suavidade da voz dele confortou seu coração aflito.

Aliviada, ela se aconchegou entre as almofadas do pomposo leito

italiano. Puxou as cobertas sobre a cabeça e ousou, mesmo que por um único instante, deixar a dor e o luto um pouco de lado para olhar para um

futuro possível. A sensação confortante durou um único instante.

Depois de um tempo, Corina começou a ficar nervosa com sua falta de

ação. Assim, decidiu ir a Hamburgo para concluir sua vida antiga e

implementar seus novos planos. Afinal, havia muito a fazer. Sobre a mesa da cozinha, deixou um bilhete para Emma que dizia:

Cara Emma.

Não se preocupe comigo. Vou voar para Hamburgo, a fim de esclarecer a minha situação. Estarei de volta em breve.

Corina

Com uma pequena bagagem de mão, ela parou na frente da entrada principal do aeroporto. A visão de um jato decolando causou-lhe uma sensação muito desagradável. Em uma hora, estaria sentada em uma daquelas máquinas, lutando contra o pavor. Em sua mente, viu Richard passando por aquela porta. Viu como ele se virou novamente sorrindo para ela e ouviu sua voz chamando o seu nome. Ela nunca iria esquecer a voz de Richard.

O barulho do motor de um *Cessna* assustou-a, deixando-a imediatamente tomada pelo pânico. Começou a imaginar como foram os últimos segundos do seu filho naquela terrível aeronave. De repente, sua morte ficou tão real que podia quase sentir o frio de sua pele. A ideia do que ele teria vivenciado em seu último momento tornou-se um pesadelo.

Perguntou-se se ele estaria inconsciente quando o avião atingiu a superfície do mar. Ou ele teria assistido lentamente sua morte se aproximar? Talvez a aeronave pegara fogo antes e ele tivesse sido queimado vivo?

Imagens horripilantes de seu filho lutando pela vida apareceram diante de seus olhos. Durante muitos minutos ficou ali, imóvel; se um punhal a tivesse perfurado, ela provavelmente não teria sangrado. Neste cenário de pavor, seu coração parou por uma fração de segundo... Ela chegou a ouvir outros ruídos de motor à distância. Foi tomada por náuseas, e, então, tudo se apagou.

Corina não saberia dizer quanto tempo ficou inconsciente. Em algum

momento, olhou diretamente para o rosto perturbado de Chloé.

— Corina, você pode me ouvir? Arthur, chame uma ambulância.

A voz nervosa dava-lhe medo. Não podia associar os acontecimentos.

Por que Chloé estava aqui? Então desmaiou novamente. Em estado de

semiconsciência, percebia passos agitados ao seu redor, e conversas que não conseguia entender. Ouviu o barulho de uma ambulância, que parou muito perto dela. Alguém perguntou como estava se sentindo. Mas não foi

possível responder. Seu corpo foi sacudido, sentiu um monitor de pressão

arterial sendo preso ao seu braço e um estetoscópio frio contra o peito.

— Vamos levá-la ao hospital, *missus* Liszt. Está me entendendo? —

Alguém bateu-lhe no rosto. Ela quis responder, mas não conseguiu.

Pouco tempo depois, ela estava na sala de exames do hospital. Com os

olhos semicerrados, reconheceu o jovem médico que havia tratado dela quando sofreu o acidente de atropelamento.

— A senhora sofreu um desfalescimento, o que não é surpreendente,

depois de tudo o que me disse sua tia. Consegue me entender, *missus* Liszt?

Calada, ela acenou para ele. Ficou enormemente aliviada ao conseguir

ter ao menos essa reação.

— Eu sugiro que fique conosco hoje e descanse um pouco.

Ao mesmo tempo, sentiu uma picada na veia. O médico prosseguiu:

— E depois deveríamos conversar sobre o seu coração e o início de um tratamento medicamentoso. Ao que parece, essa foi a causa do seu desmaio

— ele sorriu encorajadoramente.

Ela ainda sentiu um leve aperto de mão, antes que ele saísse da sala.

— Corina... Você pode me ouvir? — perguntou Chloé.

Ela assentiu. Sua parte do cérebro responsável pela fala foi novamente ativada.

— Por que você estava no aeroporto, Chloé?

— Emma teve o bom-senso de me chamar. Você pode não acreditar, mas quando ela me informou das suas intenções, eu logo imaginei que algo assim pudesse acontecer. Eu sabia que o seu medo de voar ficaria ainda maior assim que você visse um avião. Então, eu disse a Arthur: vamos lá ver

como está minha menina. Bem, e mais uma vez a minha intuição foi confirmada — ela sorriu para a sobrinha. — Ainda bem que não foi nada sério. Repouse mais um pouco. Depois, nós a levaremos de volta a

Duningham House. E eu a aconselharia a esperar alguns dias antes de ir para Hamburgo. Talvez você devesse apanhar a balsa para a França e, de lá, seguir de carro.

— Sim, eu vou pensar sobre isso, certamente você tem razão. Obrigada, Chloé.

— Eu vou avisar Arthur de que ficarei com você.

Ela ficou sozinha na sala. As palavras de sua médica na Alemanha voltaram-lhe à mente: se continuasse naquele ritmo, em breve iria enfrentar sérios problemas de saúde. Fez uma revisão das últimas horas. Que pensamentos teriam sido tão fortes que a levaram a desfalecer?

Relutantemente, saiu de sua memória. Era a agonia pela morte de Richard, que ela tentou imaginar. Pela sua própria saúde, precisava encontrar uma forma de driblar esses pensamentos dolorosos. Então, lembrou-se de que, em seu sonho, os últimos pensamentos de Richard estavam com ela. Ele sorria para ela. Logo veio uma sensação reconfortante, pois a imagem do seu filho sorrindo ficaria para sempre gravada em sua lembrança. Em seguida, Corina adormeceu.

No início da noite, ela foi despertada pelo som do carrinho de refeições sendo arrastado no corredor do hospital. Ainda sonolenta por causa do sedativo, teve de fazer um grande esforço para abrir os olhos. Piscou algumas vezes até se acostumar à luz.

— Olá, Corina. Sente-se melhor? — perguntou Chloé.

Só agora percebeu que não estava sozinha, e isso a deixou feliz.

— Oi, Chloé, que bom que você está aqui — ela tentou sorrir para a tia.

Tudo era mais difícil do que imaginava, precisou fazer muita força para se sentar. No mesmo instante, a porta do quarto foi escancarada e o jovem médico entrou com um sorriso e uma pasta embaixo do braço.

— Que bom vê-la sentada, *missus* Liszt. Isso me diz que já se sente melhor. — Ele abriu a pasta com o prontuário de Corina. Enquanto lia, franziu a testa, pensativo. Então, prosseguiu: — Bem, eu gostaria de sugerir um tratamento com Metoprolol. Os betabloqueadores não apenas inibem

os hormônios do estresse, mas ao mesmo tempo reduzem a pressão arterial.

Deu instruções sobre a posologia e finalizou:

— Bem, *missus* Liszt, eu quero vê-la de novo em quatro semanas.

Enquanto isso, fique atenta ao seu corpo e repouse. Caso tenha problemas, o que eu não acredito, pode passar aqui a qualquer momento — sempre sorrindo, ele lhe estendeu a mão.

— Um médico jovem e simpático. Ele é alemão, mas sente-se muito bem aqui no General Hospital.

Corina olhou interrogativamente para Chloé. Claro, ela não somente aproveitara a oportunidade para conhecer o jovem médico, como também o questionara sobre a sua saúde. Tipicamente Chloé.

A tia percebeu seu olhar:

— Bem, entre outras coisas, nós conversamos sobre o seu estado de saúde, e o que ele diz é verdade. Ah, deixe para lá, o importante é que você está melhor. — Ela abraçou Corina amorosamente. — Agora vamos. Arthur

nos espera no carro.

— Não, Chloé, não fique chateada, mas eu vou voltar de táxi e gostaria de ficar sozinha... Está bem?

Chloé suspirou e beijou suas faces.

— Que seja feita a sua vontade, minha cara Corina. Mas você tem de me procurar se precisar de alguma coisa.

— Eu prometo, Chloé — disse Corina, enquanto segurava os dedos cruzados sobre o coração.

Ter alguém que se preocupasse com ela era muito reconfortante.

Ela passou o resto da semana na mais completa tranquilidade, em harmonia com a natureza. Levantava aos primeiros raios do sol e adormecia com a chegada do crepúsculo. As horas voavam, despercebidas.

Por vezes ela sorria, fazendo planos imaginários para um possível futuro com Leander. Em outros momentos, analisava melancolicamente sua vida.

As emoções oscilavam sempre entre a tristeza e uma leve esperança de vida nova.

Uma manhã, finalmente, Corina constatou que nunca haveria estabilidade em sua vida, apenas um contínuo processo de crescimento. Ao descer as escadas para o salão, notou que algo tinha mudado na expressão de *sir* William. Não conseguia explicar o que era, mas ele estava diferente. Deu um passo para trás e o examinou.

— O que há com você? — sussurrou.

Mas hoje ele carregava um olhar vazio.

— Eu também me sinto assim.

Então se virou e desceu o último degrau.

A luz brilhante da manhã penetrava pela cúpula de vidro, envolvendo todos os objetos com um brilho delicado, mas, infelizmente, efêmero. Seus olhos vagaram ao redor da sala, fazendo-a pensar que já estava na hora de dar uma nova cara a esse ambiente. Sim, primeiro ela tiraria aquelas cortinas. Então, olhou para a pequena mesa com as fotos antigas. Um único

raio de sol iluminava o álbum. Ela pensou nas pessoas que foram imortalizadas naquelas fotografias. Algumas delas desapareceram irrevogavelmente de sua vida, mas continuavam a reaparecer em suas memórias, assim como a luz da manhã iluminava todas as coisas por um breve momento.

Tinha encontrado o seu próprio método de lidar com a perda de entes queridos. Só com Richard isso não funcionava. Ela deu um profundo suspiro e começou a mudar os móveis de lugar, do mesmo modo como sempre fizera quando sua situação de vida mudava. Ela deslocava uma das poltronas pesadas, quando Emma apareceu à porta com uma expressão receosa.

— Não se preocupe, Emma, eu não vou virar Dunningham House de ponta-cabeça. Só quero mudar algumas coisas de lugar e talvez me livrar daquelas duas antigas cadeiras ao lado da janela. Você verá que o ambiente vai ficar bem mais agradável.

Enquanto falava, removeu as cortinas e posicionou as duas poltronas na frente da janela, de modo que quem ali se sentasse teria uma vista maravilhosa da baía.

Ainda cética, Emma perguntou:

— *Missus* Corina, a senhora vai se livrar de mim e de Eduard junto com as antigas cadeiras?

— É claro que não. Como você pode ter uma ideia dessas? — Corina sorriu. — Será que Eduard poderia acomodar essas cadeiras no sótão?

Um sorriso aliviado iluminou o rosto redondo de Emma.

— Vou avisar Eduard imediatamente — e saiu correndo.

— E peça para ele trazer flores frescas do jardim... — Ela parou para avaliar a

mudança. — Ah, já está bem melhor.

De súbito, sentiu uma ligeira agitação, juntamente com uma sensação de mal-estar no abdômen. Seu coração parara novamente por uma fração

de segundo. Lentamente, ela se afundou em uma poltrona e olhou para a baía ao longe. Seus tímidos planos para o futuro iam por água abaixo.

Novamente, ela duvidava de um futuro possível. Desde que chegara à ilha,

Corina percebeu que seu passado estava preso, como pés em sapatos

apertados: primeiro, tentou suportar a dor e seguir em frente, mas ao longo

dos anos a pressão tornara-se insuportável. Agora, temia por sua vida. Era

hora de deixar o seu corpo descansar e se habituar ao medicamento.

— Não são lindas? — exclamou Emma, arrancando-a das profundezas

de seus pensamentos. A empregada segurava um buquê de hortênsias

brancas. — *Missus* Corina, não está se sentindo bem? Está muito pálida...

Ah, a senhora ainda não tomou café da manhã. Já vou providenciar algo.

Com mãos hábeis, ela rapidamente ajeitou as flores em um vaso e logo

em seguida desapareceu na cozinha.

Corina sorriu e disse:

— Eu vou com você.

Mas não foi mais ouvida. Por mais um momento, ela voltou a prestar atenção aos seus batimentos cardíacos, que pareciam estar normalizados.

Respirou fundo e confirmou para si mesma:

— Está tudo bem.

Então, levantou-se e caminhou lentamente para a cozinha.

Emma estava na frente do fogão, esperando que a chaleira começasse a apitar. Corina se aproximou e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Aqui é minha casa, Emma. Aqui eu me sinto bem. E você sabe por quê? — Emma sorriu sem dizer uma palavra. — Porque você sempre cuidou e continua cuidando de todos nós.

Com isso, tascou-lhe um beijo na bochecha gordinha. Emma inclinou a cabeça para trás, deu uma risada feliz e estendeu-lhe um pedaço de torta de maçã quente.

Envolta em um sentimento agradável de infância, ela se sentou e saboreou a torta em silêncio. Enquanto trabalhava na cozinha, Emma continuava sorrindo. Para ela não existia alegria maior do que ver a sua menina comendo com gosto.

De repente, a porta da cozinha se abriu com um empurrão e Chloé apareceu com uma expressão preocupada.

— Ah, você está aqui!

Ela suspirou com alívio. Seus olhos vagaram rapidamente para Emma e voltaram-se para Corina. A imagem pacífica das duas mulheres a fez sorrir.

— Fico contente que você esteja melhor. — Ela se aproximou de Corina e gentilmente colocou a mão em seu ombro. — Agora há pouco, quando Emma me ligou, eu fiquei muito preocupada com você.

Corina olhou imediatamente para Emma, que tentava se esconder atrás

de Chloé, o que, naturalmente, não deu certo, tendo em vista seu tamanho.

— Emma, sua dedo-duro!

— Eu sinto muito, *missus* Corina! Mas nós todos estamos preocupados com a sua saúde e quando eu a vi na sala... A senhora realmente não estava com boa aparência, então eu pensei...

— Ela não tem culpa — interrompeu Chloé —, eu ligo todos os dias para perguntar de você. E faço isso porque eu te amo como uma filha. Bem, ver você comer a torta com tanto prazer me tranquiliza. — Ela sentou-se em frente à sobrinha. — Você está mesmo se sentindo melhor?

Ela sabia que era inútil querer esconder algo de Chloé. Nada escapava àquele olhar penetrante. Antes de responder, tomou um gole de chá:

— Eu não tenho outra escolha senão me curvar ao destino. E o destino decidiu que eu também, assim como você, devo ficar sem filhos. — Ela encerrou a declaração com um dar de ombros. Então, levantou-se da cadeira e caminhou pensativa de um lado para o outro na cozinha. — Desde o dia em que Richard entrou na minha vida, minha consciência teve dificuldade em reconhecê-lo como real. O medo de perdê-lo era como uma barreira que não permitia que ele penetrasse meu coração. Agora eu sei por quê. Era uma premonição.

Emma acenava, concordando com ela:

— É o que eu digo. Foram as flores que caíram à sua volta. O destino está escrito... — Ela balançou a cabeça novamente.

Chloé lançou-lhe um olhar reprovador, que a silenciou imediatamente.

Corina disse:

— Eu pergunto a você, Chloé, é possível perder uma pessoa duas vezes na vida? Eu suportei uma grande dor por 35 anos, mas a tristeza que sinto agora é diferente. — Ela procurou uma forma de expressar seu sentimento, mas acabou desistindo. — Não, não há palavras. E em ambas as vezes eu não pude dizer adeus a ele.

— E por que não nos despedimos de Richard como faziam antes com os marinheiros perdidos? — Emma considerou.

— Como funciona isso? — Curiosa, ela olhou para Emma.

— Bem, podemos rezar juntas pela sua alma — adicionou Chloé, embora não parecesse muito entusiasmada com a ideia.

Corina pensou com horror no sacerdote da Escola de Santa Maria.

Ainda via sua batina esvoaçante, que inspirava medo.

— Não — disse com firmeza.

— Eu não quero dizer uma missa de réquiem, mas faremos uma despedida, como as homenagens às almas dos marinheiros pobres, cujas famílias não podiam pagar por uma missa — explicou Emma, sentando-se à mesa.

As duas a olharam surpresas.

— Esta é uma boa ideia — concordou Chloé, balançando a cabeça. — O que você acha, Corina?

Ela também sentou-se à mesa, e, como em uma espécie de sociedade

secreta, as três analisaram a ideia.

Chloé foi a primeira a expor seus pensamentos.

— Nossa cerimônia não deveria ser na forma de lamento, mas como uma despedida de alguém que amávamos, e a quem transmitiremos nossos sentimentos e as coisas que não foram ditas. Devemos ver a morte como uma ponte para uma outra vida. Eu vejo assim e acredito que Richard ainda esteja sobre essa ponte. Ele está esperando nosso adeus. Somente então poderá partir — ela baixou o olhar por um momento.

— Esta é uma bela colocação, Chloé. Você é simplesmente brilhante.

Muito obrigada!

— Mas a ideia foi minha!

Emma bateu duas vezes com a palma da mão sobre o peito. Corina apertou sua mão e sorriu para ela com gratidão.

Chloé limpou a garganta:

— Então eu sugiro que você pegue uma folha de papel e anote todos os seus sentimentos e as coisas que gostaria de dizer a ele. Mais tarde, entregaremos esta carta às chamas e deixaremos que as cinzas sejam levadas pela maré.

— É realmente um pensamento muito lindo, *missus* Chloé — Emma murmurou em meio a lágrimas.

— Muito bem, então nos encontramos no terraço por volta das 15 horas. E, como se trata de uma cerimônia carregada de significado, devemos vestir trajes de festa, para enviar nossas palavras com toda a dignidade.

Quando o grupo se separou, Corina já formulava as primeiras linhas na

cabeça. Mais tarde em seu quarto, entretanto, ela percebeu que não seria fácil colocar tudo no papel. Fez várias tentativas frustradas, em que as palavras se alinhavam sem refletir os verdadeiros sentimentos que a dominavam. Muitas e muitas cartas inacabadas acabaram amassadas no

lixo. Finalmente, ela compreendeu que este era um ato puramente simbólico, e o texto saiu espontaneamente:

Meu querido Richard.

Você nunca poderia ter sido quem foi. Vestiram você com um traje da vida, mas as mangas eram muito longas, impedindo que você realizasse suas próprias ações. Em seu casaco, muito apertado, você não conseguia respirar.

Seu coração ficava comprimido, você não podia amar. E os botões foram prensados, para impedir que você se livrasse do casaco. Mas você usou este casaco com plena obediência.

EU TE AMO!

VOCÊ ESTÁ PARA SEMPRE NO MEU CORAÇÃO!

Sua mamãe, Corina

Ela dobrou cuidadosamente a carta e a colocou em um envelope. Olhou para o retrato de Richard sobre a mesa. Seu olhar parecia pensativo e melancólico. Onde, quando e em que ocasião fora tirada a foto? Ela perguntaria a Leander, assim como tantas outras coisas que ainda queria saber. Mas Leander não estava ali.

29

À tarde, as três mulheres se encontraram no terraço. Chloé vestia seu conjunto de saia e paletó preto e um lenço de renda branca em torno da cabeça. Corina estava com um vestido branco de verão, com um xale preto de organza, que havia emprestado de Chloé. Emma usava seu vestido azul-

escuro com colarinho branco.

Chloé consultou Corina:

— Arthur gostaria de saber se ele pode participar da cerimônia. Ele permanecerá em silêncio absoluto...

Corina assentiu silenciosamente, e Chloé fez um sinal para Emma

convidar o senhor Von Ehrenheim a se dirigir ao terraço. Ele veio, mas permaneceu parado no limiar da porta por um momento, de onde

reverentemente saudou o grupo com um discreto aceno de cabeça. Então, se aproximou de Corina e entregou-lhe uma coroa de orquídeas brancas.

— Eu espero que seja de seu gosto, querida Corina, pois...

Chloé o interrompeu imediatamente, antes que ele provavelmente cometesse alguma gafe com uma frase inadequada.

— Está perfeito, Arthur... Simplesmente perfeito — ela acenou para ele em agradecimento.

Com um sorriso encorajador, ele entregou a coroa a Corina.

O grupo partiu em procissão a caminho da praia. Corina ia na frente.

Logo atrás vinha Chloé, seguida a uma curta distância por Emma, que lutava com os degraus, respirando pesadamente. O senhor Von Ehrenheim

fechava o cortejo. Ao passar pela ex-cabana dos Vandenbroeck, Corina sentiu um amargo desapontamento por Leander não estar presente. Como

gostaria de tê-lo agora ao seu lado. Mas foi só um impulso momentâneo; sua mente já retornava a Richard.

Enquanto todos colocavam seus sapatos ao lado do último degrau,

Corina percorreu o olhar pela baía, procurando seu lugar favorito. Fixou no ponto onde ela e Leander se encontraram pela primeira vez e conduziu o grupo para lá. Todos a seguiram em fila.

Ela depositou cuidadosamente a coroa de orquídeas na areia, colocou sua carta entre as flores e pensou com toda a intensidade em Richard.

— Sim, este é o lugar certo para alcançar a ponte que leva ao outro mundo — ela sussurrou.

Respirou fundo e recordou todos os momentos que a ligaram a seu

filho. Viu-se grávida, sentindo a pequena criatura que se formava em seu ventre. Lembrou das dores do parto e do bebê sendo levado embora, enrolado no linho branco. Finalmente, enquanto via Richard já adulto, sorrindo para ela, Corina acendeu um fósforo e o segurou próximo à carta.

Todos os presentes permaneceram calados. Estranhamente, Corina sentia a presença de Richard tão forte naquele momento que quase podia tocá-lo.

Viu seu olhar inocente e sentiu seu abraço. Um sorriso surgiu em seu rosto.

Ela abriu os olhos e olhou para o horizonte, onde algumas nuvens escuras se juntavam. Um vento emergente soprou as nuvens sobre eles. Ao mesmo tempo, as partículas de cinzas incandescentes foram transportadas pelo ar e dissolvidas por pingos de chuva.

— Ele está aqui — disse Emma — Ele está entre nós.

— Ele está se libertando de suas dores e preocupações — Chloé disse, quase sussurrando — Acho que está pronto para partir agora.

Emma assentiu, com toda reverência. E, pela primeira vez, o senhor Von Ehrenheim não encontrou um comentário adequado. Eduard, que

também se juntara à cerimônia, parecia fascinado pelo modo meticuloso como as gotas de chuva dissolviam as partículas de cinza em brasa. Eles esperaram até a nuvem de chuva passar e o céu voltar a ficar limpo. Foi uma despedida redentora, que deixou para trás uma sensação de alívio do

luto.

Molhados, eles permaneceram mais alguns minutos em estado de contemplação. Quando estavam prestes a voltar, descobriram Leander, que estava a poucos passos e tinha assistido ao ritual.

— Vocês estão completamente loucos — ele gritou. — Olhem para vocês... — Seus olhos mostravam aversão. — Por que vocês não pegam logo um caleidoscópio e o seguram contra a luz? Assim poderão acreditar, pelos reflexos do sol, que Richard está entrando no paraíso... Qual é o sentido disso? O que vocês esperam? Suprimir a verdade? A maldita verdade é que Richard está morto. Morto. Ele desapareceu para sempre no Mar da China.

Com passos firmes, ele se aproximou de Corina e agarrou-a pelos dois braços. Ela contorceu o rosto sob a dolorosa pressão de suas mãos.

— Desta vez ele está realmente morto. Entenda isso de uma vez por todas!

Revoltado, ele a empurrou, de modo que ela perdeu o equilíbrio e quase caiu. Horrorizada, ela olhou para ele sem palavras.

— Meu Deus, Leander deve estar desesperado — Chloé sussurrou, e segurou a mão sobre a boca.

— A madeira não faz uma cama, assim como o bronze não forma uma coluna por si, mas outros fatores constituem a causa da mudança... — comentou o senhor Von Ehrenheim em voz baixa. — Assim falou Aristóteles.

Todos o olharam interrogativamente.

Encolhendo os ombros, ele acrescentou:

— A madeira e o bronze não são a causa de suas próprias transformações, mas alguma outra coisa produz sua mudança.

Chloé balançou a cabeça.

— Arthur, você está falando por enigmas de novo.

— Bem, Aristóteles diz que é preciso distinguir entre as coisas — acrescentou ele com naturalidade.

Com isso, ele recebeu uma cotovelada de Chloé.

— Venha, Arthur, vamos embora antes que você venha com outros provérbios.

Visivelmente chocada por este incidente desagradável e embaraçoso, Corina alisou o vestido e passou as mãos trêmulas pelos cabelos molhados. Sentia-se ofendida e profundamente ferida, mas ao mesmo tempo acusava-se por não ter informado Leander de suas intenções.

Chloé colocou o braço em torno da cintura de Corina e tentou confortá-la:

— Ele com certeza não quis dizer aquilo. Tenha paciência com ele e com você mesma. O que deve ficar unido se reunirá e... Bem, no seu caso, eu estou perfeitamente segura disso.

— Depois do que aconteceu, quem não está perfeitamente segura sou eu — Corina respondeu.

Silenciosamente, subiram as escadas para Dunningham House. Quando chegaram ao topo, Chloé disse:

— Nós fizemos a coisa certa, eu tenho certeza. Pelo menos, eu me sinto um pouco aliviada.

Emma concordou com a declaração, balançando a cabeça.

Corina estava confusa.

— Eu também sinto um alívio em mim. Só que eu deveria ter consultado Leander. Mas como poderia saber que ele já estava de volta? — ela disse em tom de desculpa, embora soubesse que não havia perguntado a ele porque seu orgulho não permitira.

— Com sua atitude, ele nunca teria participado da cerimônia. Portanto, não se preocupe. Agora, o que conta é como você está se sentindo após a despedida de Richard. Ouça o seu coração.

Ela ouviu, e seu coração disse: sim, era certo dizer adeus a Richard desta forma.

— Com certeza ele está na antiga casa Vandebroek. Vá até lá mais tarde e converse com ele. Tente explicar. — Chloé deu-lhe um aceno encorajador. — Estou certa de que ele nos... Ele compreenderá.

Corina não respondeu, mas a encarou, hesitante.

Depois que todos se secaram e mudaram de roupa, reuniram-se novamente no terraço para o chá da tarde e fizeram uma reflexão sobre a cerimônia. Estavam admirados com a nuvem negra que se formou inesperadamente enquanto todos pensavam em Richard e que liberou as gotas de chuva exatamente no momento em que as cinzas subiam para o céu, como se fossem lágrimas de despedida. No final, todos concordaram que a alma de Richard se aproximou deles por um instante antes de partir para sempre.

O senhor Von Ehrenheim limpou a garganta para chamar atenção.

— Querida Chloé, é hora de colocar nosso plano em ação.

— Sim, você está certo, Arthur. Com toda a emoção dos últimos dias, nosso projeto foi empurrado para segundo plano.

Corina olhou interrogativamente para os dois.

Arthur disse com orgulho:

— Nós decidimos fazer uma viagem pela Europa. Sairemos amanhã mesmo. O nosso primeiro destino será Paris.

— A cidade dos apaixonados... — acrescentou Chloé, e olhou com amor para Arthur.

— Ao vê-los assim — Corina suspirou —, eu poderia ficar morta de inveja. Mas, em vez disso, estou muito feliz por vocês.

Com expressões apaixonadas, Chloé e Arthur saíram de mãos dadas.

Eduard já havia aberto as portas do Bentley, o que era sua tarefa preferida, e Emma desceu as escadas, ofegante, trazendo a obrigatória caixinha de *scones*.

— Aqui, *missus* Chloé, para a viagem.

— Obrigada pela gentileza, Emma. — Então chegou um pouco mais perto dela e sussurrou:— Por favor, tome conta de Corina.

Emma silenciosamente acenou para ela. Estava feliz de ter recebido aquela tarefa.

Dirigindo-se a Corina, Chloé disse:

— Você sabe o quanto eu odeio despedidas. É difícil para mim deixá-la sozinha, especialmente agora...

— Não se preocupe comigo, eu fico ótima sozinha. Sempre foi assim na minha vida!

— Eu entendo. Uma resposta clara e sóbria, mas por trás dela há um coração que chora. Cuide-se! — Chloé a abraçou calorosamente e

cochichou: boa sorte, você sabe o que quero dizer.

— Obrigada — Corina apartou o abraço e virou-se para Arthur: — Boa viagem, Arthur, desfrute cada momento... — ela não conseguiu evitar algumas lágrimas de despedida.

As portas do automóvel se fecharam. Perdido em pensamentos, Arthur ainda deixou escapar uma sabedoria de vida antes de dar a partida:

— No momento em que acabamos de perder um ente querido, tentamos seguir o falecido em sua jornada, assim como Orfeu foi atrás de sua Eurídice. Mas, exatamente como Orfeu, nós também fracassamos nessa intenção. Depois de algum tempo, desistimos. E, se tivermos sorte,

descobriremos uma nova vida entre os vivos. — Satisfeito com sua memória, olhou para Chloé. — Isso aconteceu comigo depois da morte de minha mulher... E você, querida Chloé, é minha nova vida, e eu lhe agradeço por isso! — Ele pegou a mão dela e a beijou.

— Você e seus provérbios — encabulada, ela inclinou a cabeça. — Mas eu te amo por isso. E agora vamos, antes que eu comece a chorar!

30

Corina permaneceu parada na entrada até que o Bentley desaparecesse na primeira curva. Quando se virou, seu olhar vagou e parou na antiga casa Vandebroek. O carro de Leander estava estacionado em frente. A

curiosidade a fez avançar mais um passo. Esticou a cabeça ligeiramente para poder ver além dos rododendros. Viu as duas portas abertas e Leander colocar sua mochila no porta-malas. Ela sabia o que ele pretendia

fazer.

Sem parar para pensar, correu de volta para a casa. Com enorme

rapidez, tirou os sapatos, mudou de roupa, jogou alguns objetos em sua mochila e desceu as escadas correndo, segurando as meias e as botas de caminhada na mão. Apressadamente, na ponta dos pés, cruzou o caminho

de cascalho, na esperança de que ele ainda não tivesse ido embora.

Leander acabara de dar a partida no motor quando ela chegou

correndo e abriu a porta de passageiro. Ele a olhou sem palavras. Não, ela não perguntou se ele queria levá-la, mas simplesmente sentou-se, apertou o cinto e cruzou os braços sobre o peito. Ofegante, apontou com um olhar

confiante para o caminho e disse:

— Podemos ir.

Por um momento ele hesitou, mas não parecia surpreso. Ainda calado, engatou a marcha e partiu. Ela observou-o de lado: seus olhos estavam imóveis, fixos só na estrada. As mãos apertavam convulsivamente o volante.

Ela o encarou diretamente:

— O que está acontecendo dentro de você, Leander? Eu ainda tenho um lugar na sua vida ou você já me baniou definitivamente de seu coração?

Nenhuma resposta. Nem mesmo uma emoção pôde ser percebida em seu rosto. Ah, ele não mudara nada, Corina pensou. Desde menino sempre fora intransigente e, quando enfiava uma coisa na cabeça, não havia nada nem ninguém que o impedisse de fazer o que pretendia. Mas Corina não se importava. Afinal, com todos os tristes eventos em sua vida, ela havia aprendido uma lição: suportar pacientemente as coisas que não podiam ser alteradas.

Para deixar clara essa atitude, apertou ainda mais os braços sobre o peito e permaneceu quieta. Seus olhos seguiam as placas, que os levavam para a Baía Portelet. Quando ele entrou no estacionamento, a sua intuição

sobre o destino se confirmou. A ideia lhe causava grande desconforto. O sentimento de confiança que mantivera até agora começava a desmoronar.

Novamente olhou para ele. De repente, Leander se tornara um estranho, e ela se perguntou se perdera o lugar especial que havia conquistado em sua

vida.

Depois que estacionou o carro, eles caminharam lado a lado, em silêncio. Um muro transparente surgira entre eles. Um muro construído de pedras de desespero, desamparo e tristeza, além de outras menores, como o orgulho ferido e a vaidade. Era um obstáculo intransponível.

Corina só ouvia o ruído de pequenos ramos que eram quebrados ou pedras que se soltavam com seus passos. De vez em quando, um pequeno lagarto fugia rápido para não ser pisoteado. Sentiu que Leander carregava uma enorme carga em seu coração e, a cada passo que davam, o peso passava também para ela.

Pararam logo acima da Baía de Portelet. O tapete de flores que se espalhava sobre o penhasco estava diferente, mais denso e colorido; a fragrância também estava mais intensa, quase agressiva, e provocava um efeito deprimente sobre os humores dos dois. Ela não conseguia apreciar a

vista. Neste instante, as coisas que eram tão importantes na vida cotidiana perderam o significado. Corina percebeu que sua riqueza não estava em posses materiais, nem mesmo no seu orgulho, mas apenas NELE. Nada era tão essencial como estar ao seu lado.

Ela observou os contornos rígidos do seu rosto e congelou. A morte de Richard já custara-lhe alguns anos. Espantada, constatou que seus últimos fios de cabelos ruivos ficaram brancos. Mas o que se passava em sua cabeça? Ele não havia dito nem uma palavra desde que ela entrara no carro.

Ao perceber que ela o observava, ele se virou e retomou o caminho, sem olhar para trás. Por que ele caminhava fora da trilha? Corina notou que ele

estava muito perto da encosta. As rochas afastadas pelos seus pés caíam ruidosamente, alertando para a altura do abismo. O que, em nome de Deus, ele estava fazendo? Estaria pensando em suicídio? Ela foi tomada por uma terrível sensação. Independentemente do que estava acontecendo dentro dele, precisava tentar distraí-lo. Mas como?

Experimentou engajá-lo em uma conversa.

— Eu continuo acreditando que o fluxo e refluxo da maré influenciam totalmente o curso de nossas vidas. — As palavras saíram com um tom artificial. — Atualmente estou presa na maré vazante.

Ela esperou por uma resposta dele — nada! Sem uma sílaba, ele apressou os passos, como se quisesse fugir da conversa ou ir ao encontro de algo que tinha decidido realizar de uma vez por todas.

Uma pedra maior se deslocou sob seu passo e ele quase perdeu o equilíbrio. Ela já o estava vendo cair no abismo, mas, no último momento, ele conseguiu se agarrar a um galho. Assustada, ela permaneceu alguns passos atrás dele, com o olhos arregalados e apertando a mão contra a boca para evitar o grito que ficara preso na garganta. Ela não queria perturbá-lo ainda mais. Nunca tinha visto uma pessoa em estado tão ausente.

Mais uma vez, se aventurou a falar com ele:

— Não deveríamos fazer uma pausa para descansar um pouco?

— Já estamos quase no topo — sua voz soou irritada.

Em silêncio, ela o seguiu, mantendo o olhar fixo em seus pés, que seguiam marchando perigosamente perto da encosta.

Acima da baía, no Penhasco da Morte, como batizaram o local na época

da juventude deles, Leander parou de repente. Não olhou para baixo, mas para o horizonte, onde nuvens alaranjadas formavam linhas bizarras por baixo do sol poente. Ela parou do lado dele e arriscou esticar a cabeça para a frente para tentar avistar as falésias. Assustada, deu um passo para trás e tentou novamente distraí-lo:

— Você sabia que aqui em Jersey ocorre o segundo maior fluxo de maré alta do mundo? As águas atingem uma altura de catorze metros em...

— Enquanto falava, ela segurou o seu braço esquerdo e puxou-o suavemente para trás. Desta vez, ele se deixou distrair e recuou com ela. —

E a Corrente do Golfo possibilita o crescimento de mais de mil e quinhentas espécies de plantas. Olhe só. — Ela esticou o braço esquerdo, apontando para o manto de flores coloridas que cobria a encosta.

Leander olhou para ela intrigado.

— O que você está falando? O que significa isso? Você acha que eu não sei essas coisas?

Ele rudemente tirou a mão dela de seu braço e dirigiu-se para o local onde eles uma vez já haviam feito um piquenique. Muito naturalmente, ele abriu sua mochila, pegou um cobertor e estendeu-o no chão. Enquanto o alisava com a mão, perguntou secamente:

— Quer água?

— Sim, por favor.

Ela estava contente que ele dissesse alguma coisa.

Então ele agachou-se, tirou uma garrafa de água, dois copos, e encheu-

os. Sem uma palavra, ela se sentou em frente a ele e observou, surpresa, como suas ações calmas não correspondiam à sua condição mental. Sua atitude era como a de um animal selvagem à espreita. Ele esvaziou o copo

num gole e baixou as pálpebras. Mas ela não iria deixá-lo a sós com seus pensamentos. Ela queria falar; aqui e agora!

— Por favor, Leander, sente-se, você está me deixando muito nervosa.

— Ela bateu com a mão várias vezes no chão.

Ele pareceu querer ignorar a pergunta, mas acabou por mudar de ideia

e colocou o copo no chão. Então, esfregou o rosto com as duas mãos e finalmente se rendeu ao pedido.

Com um profundo suspiro, começou a falar:

— Eu o amava — disse com a voz trêmula —, eu o amava como meu irmão menor... Como nunca amei ninguém. — Ele a encarou direta e abertamente.

Seus olhos refletiam uma tristeza sem fim. Então, ele baixou as pálpebras e seguiu-se um longo silêncio antes que prosseguisse.

— Embora eu raramente estivesse em casa, sempre me senti

especialmente ligado a ele. Eu era o irmão mais velho. Ele me esperava cheio de orgulho cada vez que minha chegada era anunciada. — Leander sorriu em pensamento. — Quando me via de longe, corria na minha direção

tagarelando, e quando finalmente caía nos meus braços, ele já havia relatado os últimos acontecimentos de sua pequena vida.

Uma lágrima correu pelo seu rosto. Enxugou-a com as costas da mão e continuou:

— Comigo, ele deu os primeiros passos, aprendeu as primeiras

bobagens, como também a tocar violão. — Leander soluçava. Esfregou novamente as lágrimas, agora com ambas as mãos, e prosseguiu: — Mais tarde, quando ele se apaixonou pela primeira vez, eu lhe ensinei como lidar com as mulheres. — Um riso amargo apareceu em seu rosto. — Justo eu. — Ele balançou a cabeça. — E eu também estava lá para consolá-lo na primeira vez que ele quebrou a cara em um relacionamento. — Ele olhou um pouco encabulado para Corina. — Não, eu nunca o vi como meu filho, mas como meu irmão mais novo. Você entende? — Olhou para ela interrogativamente, mas não esperava uma resposta. — Ele somente se tornou meu filho quando você chegou aqui e fez questão de exercer o papel de mãe. Então, tudo ficou diferente. — A última frase saiu em tom de censura. Um silêncio constrangedor surgiu entre eles.

Corina sentiu o sangue fervendo, seu coração tropeçou uma vez, mas voltou a encontrar o ritmo. Sua paciência estava sendo posta à prova.

— Diga, Leander, por que reagiu tão duramente esta tarde?

Afetado por esta questão, ele corrigiu várias vezes sua posição.

— Eu não fui informado sobre a sua gravidez, e tampouco sobre o nascimento do meu filho... Eu queria, pelo menos, dizer adeus a ele junto com você. — Ele a olhou com reprovação. — Você deveria ter esperado até eu voltar. Ou então me informado de suas intenções.

— Ah, é mesmo, eu deveria? Você também foi sozinho para Singapura.

Além disso, você pôde passar sua vida com ele...

Se fosse honesta consigo mesma, veria que o ciúme era o verdadeiro motivo da raiva que sentia.

— Você é terrivelmente injusta, Corina... Eu deveria ter sabido que você nunca iria me perdoar por isso. Não há nada que eu possa fazer a esse respeito e você sabe disso.

Insultada, ela olhou para o chão. Sabia que estava errada, mas não conseguia agir de outro modo.

— Por que você não me levou para Singapura? Ah, sim, eu me esqueci, eu era apenas a mulher que forçou a barra para desempenhar o papel de mãe, ao qual não tinha direito.

Ele balançou a cabeça e lançou-lhe um olhar de censura.

— Será que você ouve suas próprias palavras? Você sempre foi patética mesmo. Nada disso faz sentido. É inútil falarmos sobre isso, você está simplesmente obstinada em seu papel de mãe, decidiu reivindicar quaisquer direitos...

— Ah, agora eu sou obstinada? Eu passei minha vida acreditando ter dado à luz um filho morto. E onde você estava? Você sumiu da face da Terra

— ela retrucou. — Diga, onde você esteve? Talvez já ocupado com um novo amor?

Enfurecido, ele se levantou.

— Se você realmente quisesse, teria me encontrado. Mas você não queria. — Ele virou o rosto para o horizonte.

— Chega! — ela gritou e também se levantou — Talvez eu só quisesse esquecer tudo... E a sua mãe manteve este segredo durante anos... Ela é a culpada de tudo. Por que não disse antes, por quê? Bastaria ter entrado em

contato comigo, eu era a mãe de Richard.

Ele se virou para encará-la com olhos vazios.

— Quais foram mesmo as suas palavras? Ah, sim: *todos nós somos apenas vítimas!* Grandes palavras, Corina, grandes palavras.

— Eu perdi meu filho não apenas uma, mas duas vezes — ela fulminou-o — Será que você tem alguma ideia de como eu me sinto?

— Pare com isso. Eu não aguento mais. Sinto o meu corpo inteiro queimando. A dor da morte de Richard, meu filho e irmão, é insuportável. Então, Leander caminhou com passos firmes até o Penhasco da Morte, e começou a despir-se. Primeiro, tirou os sapatos, depois as calças e a camisa.

Ela gritou:

— O que está fazendo? Você está louco?

Ele a ignorou. O menino ousado despertara novamente dentro dele.

Leander esticou os braços em forma de V para cima e mergulhou de cabeça no abismo.

O sangue de Corina congelou nas veias e, por um momento, ela não foi capaz de respirar. Seus olhos permaneceram fixos na borda do penhasco.

Ali, onde ele estava parado há poucos segundos, alguns pássaros voavam agitados. Provavelmente haviam abandonado rapidamente seus ninhos, assustados pelo salto. Então, o impacto sobre a superfície da água a sacudiu. Imediatamente, ela correu para o local de onde ele se atirou e olhou para baixo. Viu as rochas perigosas e afiadas que se sobressaíam.

— Leander? — ela perguntou primeira em voz baixa e insegura. Em seguida, começou a gritar: — Leander? Leander...

Nada.

Em um ato mecânico, sem pensar, tirou a roupa, respirou fundo, fechou os olhos e saltou. Em sua mente, ela já podia sentir as pedras cortando sua pele... Mas então sentiu os pés penetrarem na água fria, depois o corpo inteiro ir ao fundo. Sua cabeça quase explodiu com a pressão. Abriu os olhos e a primeira coisa que percebeu foram pequenas bolhas que se erguiam. A água salgada ardia em seus olhos, teve dificuldade em mantê-los

abertos. Procurava desesperadamente debaixo d'água por Leander.

Nada!

Ela emergiu, esfregou os olhos impacientemente e buscou a superfície da água, virando-se várias vezes em torno do próprio eixo. Não havia sinal de Leander. Ela viu uma rocha pontuda que saía do mar e pensou: “Oh meu Deus, ele certamente caiu ali e agora está morto ou ferido”. Respirou fundo e mergulhou para vasculhar o fundo do mar.

Nada.

Afundou a cabeça várias outras vezes. Quando decidiu parar, viu que a superfície da água azul-turquesa já estava novamente uniforme. Um estranho silêncio pairava sobre a baía. Olhos e ouvidos continuavam concentrados em perceber algum sinal — Nada, exceto um silêncio opressivo.

A sombra escura de uma ave marinha passou lentamente sobre a água.

Corina estremeceu. Um grito estridente rompeu de sua garganta. Seu espírito de luta a abandonara. Lágrimas lavavam a água do mar de seus olhos: todos os que ela havia amado em sua vida agora estavam mortos.

Desejou morrer também. Bastaria se deixar levar, afundar, parar de respirar...

De repente, aconteceu algo inacreditável. Uma voz disse:

— Não chore mais. Suas lágrimas vão encher o mar...

Ela se virou na direção da voz.

— Leander! Leander... Onde você estava? É inacreditável! — Ela batia com as duas mãos sobre a superfície da água.

Ele colocou os braços em torno dela.

— Psst, Corina, sem perguntas, sem acusações... Vamos começar tudo de novo aqui e agora.

O corpo de Corina ainda tremia de medo. Leander a apertou mais forte e, lentamente, os dois corações acertaram o mesmo ritmo.

Eles nadaram até a costa e subiram as escadas de pedra cobertas de musgo. Assim que chegaram ao topo novamente, Corina olhou para o abismo e murmurou:

— Que loucura!

— Sim, eu concordo com você desta vez. Mas eu precisava saltar.

Precisava dominar o medo da morte para amenizar minha dor. — Olhou para ela intrigado — E por que você saltou atrás? Por amor...?

Ela agarrou seus cachos de cabelo e fechou sua boca com um beijo.

Então sentaram-se lado a lado, envoltos no cobertor. Depois de um tempo, ela perguntou:

— Diga-me, Leander, o que Richard cochichou no seu ouvido no aeroporto antes de viajar?

Leander sorriu.

— Bem, ele disse: “Em seu lugar, querido irmão, eu nunca mais a deixaria ir embora”. Ele estava falando de você.

Ela não respondeu, mas sorriu encabulada e repousou a cabeça em seu ombro.

E assim eles permaneceram sentados até o anoitecer. A lua cheia

brilhava entre as estrelas cintilantes. No silêncio da noite, Leander se aproximou um pouco mais dela. Seu corpo quente e o cheiro de sua pele

despertaram desejo em Corina.

Os dois guardavam novamente nos olhos o brilho da juventude. Um infinito de possibilidades se anunciava.

* * *

Document Outline

- [Proverbios](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)